

Uma casa de férias na Galé:

Apontamentos sobre um processo de projeto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto 2016

Autor: João Nuno Delgado Cravo Lopes Nascimento

Docente Orientador: Prof. Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas

AGRADECIMENTOS

Quero expressar o meu mais profundo agradecimento a todos aqueles que ao longo da execução deste trabalho colaboraram comigo, me orientaram, me encorajaram, ou de qualquer outra forma contribuíram para a sua conclusão.

Ainda assim, sinto que pelo seu especial contributo, devo manifestar o meu reconhecimento a algumas pessoas em particular.

Gostaria de em primeiro lugar agradecer à minha família, em especial aos meus pais, pelo constante apoio, incentivo e também pela oportunidade de realizar este curso. Queria ainda mencionar a minha irmã Ana que, sendo mais nova do que eu, constitui um exemplo de determinação, trabalho e força de vontade.

Por fim e como não poderia deixar de ser, ao Professor Luís Sebastião da Costa Viegas, meu orientador, a quem agradeço o acompanhamento, a partilha de conhecimentos, as críticas e sugestões que efetuou e que constituíram um suporte e incentivo fundamental para realização deste trabalho.

ABSTRACT

This work, presented under the title “A holiday home in Galé: Notes on a project process,” seeks to explain one architectural design methodology, not as a systematic process, but rather as an intellectual and intuitive process.

By conducting an architectural design for a holiday home to a specific client, this work seeks to expose the circumstances of the creative process involved, taking the opportunity of an academic context, making an approach to a real situation.

Thus, it is intended to present the situations and relations that come from the confrontation between the wishes of the applicant, the place, the impulses and personal motivations, and constraints of various kinds that may emerge throughout the development of the proposal and the work, exposing key moments for its understanding.

RESUMO

Este trabalho, apresentado sob o título “Uma casa de férias na Galé: Apontamentos sobre um processo de projeto”, procura explicar uma metodologia projetual, não como um processo sistemático, mas antes como um processo intelectual e intuitivo.

Através da realização de um projeto de arquitetura para uma casa de férias para um cliente concreto, procura-se expor as circunstâncias e o processo criativo em causa, aproveitando a oportunidade de, num contexto académico, fazer uma aproximação a uma situação real.

Assim, pretende-se dar a conhecer um pouco melhor as situações e relações que advêm de um cruzamento entre as vontades do requerente, o lugar, os impulsos e as motivações pessoais, assim como condicionantes de várias naturezas que foram surgindo ao longo do desenvolvimento da proposta e do trabalho, expondo momentos chave para a sua compreensão.

ÍNDICE

Introdução	11
1. Circunstância e contexto	17
Circunstância	19
Sobre a condição de “cliente”	19
Programa	23
Contexto	25
Características geográficas	25
Notas sobre a arquitetura da região	27
Uma aproximação ao local	29
Condicionantes legais	31
2. Sobre o processo de concepção	35
Introdução	37
Sobre o incommensurável	37
1º Momento	41
Primeiro contato com o papel	41
O limoeiro e o pátio	43
2º Momento	47
A necessidade de referências	47
A procura de um gesto	49
Primeira concretização	51
O reconhecimento do programa	53
3º Momento	55
Reconfiguração do pátio	55
Uma nova proposta	57
4º Momento	59
Nova influência	59
Um processo de simplificação	61

5º Momento	63
Uma incursão pela história	63
A exploração da volumetria	65
O impluvium romano	67
A penúltima proposta	69
6º Momento	71
Uma composição de planos	75
Arranjos Exteriores	81
3. O projeto	83
Descrição e apresentação	85
Considerações finais	107
<i>Notas</i>	<i>115</i>
<i>Créditos de imagens</i>	<i>117</i>
<i>Referências bibliográficas</i>	<i>121</i>
<i>Anexos - Projeto</i>	<i>122</i>

Nota prévia:

Este trabalho foi realizado num ambiente de grande intimidade e familiaridade, tendo em conta que os destinatários do projeto são os meus pais e o local de intervenção é também um espaço conhecido e de vivências comuns.

Assim, a relação de proximidade com o cliente e com o contexto constitui um importante estímulo a ter em consideração, surgindo ao longo da dissertação a necessidade de expressão na primeira pessoa.

Introdução

“Projetar significa, em grande parte, compreender e ordenar. Mas a verdadeira substância essencial da arquitetura é originada, no meu entender, pela emoção e inspiração. Os momentos valiosos da inspiração aparecem com o trabalho paciente. Através de uma imagem interior que surge de repente, de um novo traço num desenho, toda a construção do projeto parece alterar-se e reconstituir-se numa fracção de segundo. É como se, de repente, sentisse o efeito de uma droga estranha. Tudo o que ainda agora sabia sobre o objecto a criar aparece sob uma clara e nova luz. Sinto então alegria e paixão e algo em mim parece dizer: Quero construir esta casa.”¹

Peter Zumthor (2009)

No contexto do final do percurso académico surgiu a oportunidade de elaborar um projeto de arquitetura real. Assim, surgem, além das questões projetuais abordadas durante o percurso académico, a necessidade de responder às pretensões de um cliente concreto, assim como um primeiro contacto com as condicionantes legais envolvidas num processo projetual.

Na transição do contexto académico para a realidade profissional, o objetivo foi realizar um projeto de arquitetura de uma casa de férias e fins de semana, num terreno localizado na Galé, em Albufeira.

Este projeto serviu, então, como base para a realização desta dissertação de mestrado, procurando expor de forma abrangente um processo de projeto. Pretende-se assim, com a presente dissertação, experimentar a explicitação de uma metodologia de projeto, não como um processo sistemático, mas antes pelo respetivo reconhecimento como uma jornada intuitiva e intelectual.

Assim, pretende-se com esta dissertação, expor as preocupações que advêm de um confronto entre as vontades do requerente, o lugar, o projeto e as diversas condicionantes de naturezas várias eploradas. Desta forma, o papel aqui assumido é o de quem procura, à semelhança da citação de Zumthor, criar compreendendo e ordenando.

- 14 Ambicionando expor, com coerência, um processo que raramente é linear, divide-se o presente trabalho em três capítulos, correspondendo os dois primeiros ao processo de compreender e ordenar, respetivamente, apresentando-se no capítulo final a proposta de projeto.

1. Circunstância e contexto

Continuando a analogia ao texto apresentado pode considerar-se este o espaço para compreender; perceber para quem se projeta e o que se pretende, o contexto do lugar e as suas características e por fim, as condicionantes de diversa ordem (legais, topográficas, etc.).

2. Sobre o processo de conceção

É este o momento de ordenar. Esboçam-se as primeiras ideias, repensa-se e redesenha-se, repetindo-se o processo, o número de vezes necessário até alcançar a melhor solução. Este capítulo visa demonstrar o processo iterativo associado à atividade projetual.

3. O projeto

Por fim apresenta-se o resultado do processo decorrido nos capítulos anteriores

Espera-se com a realização deste trabalho contribuir, não apenas para uma formação pessoal, mas também para a compreensão de um processo projetual de forma mais abrangente, através da partilha de uma circunstância, contexto e momentos, marcados por experiências que, no final contribuirão de algum modo para o desenvolvimento do projeto concretizado.

1

Circunstância e contexto



Fig. 1. Fotografia dos clientes junto do poço e respetivo engenho na casa de férias existente na Galé, 1986

Sobre a condição de “cliente”

Este projeto é resultado de um convite dos meus pais, João e Isabel, e corresponde a uma vontade com alguns anos de construir uma casa de férias no Algarve. Com o aproximar da idade de reforma, e os filhos (eu e a minha irmã Ana) a entrar na fase adulta da vida e uma consequente maior independência, os meus pais acharam que o Algarve, dado o clima (mais ameno) e um ambiente mais sossegado, poderia ser o local indicado para passar grandes temporadas, não necessariamente apenas no verão. 19

A escolha do local para a realização do projeto foi imediata, visto tratar-se de um terreno pertencente à família (do meu avô Joaquim do Nascimento, natural da zona). O local escolhido fica inserido numa parcela pertencente a um terreno de maiores dimensões que servira, em tempos, para cultivo, explorado pelos pais do meu avô, agricultores na região (uma prática entretanto abandonada).

O lote onde se localizará o projeto fica então situado na parcela mais a norte deste terreno onde, entretanto, na década de 70, o meu avô construiu uma casa de férias, junto ao antigo poço e respetivo engenho de rega, “nascendo” assim a atual casa de férias da família, a “Casa do Engenho” (onde viria a passar férias desde que nasci com a minha família).

O facto de o cliente serem os meus pais e o local escolhido me ser familiar faz com que o pensar numa casa para eles seja também o pensar numa casa para mim e para a minha irmã. Pensar numa casa de férias que é afinal para nós traz imediatamente recordações de infância e torna-se indissociável pensar nas férias no Algarve e recordar memórias de férias passadas.

Porém, entre todas as memórias das férias passadas em família, talvez a que tenha mais presente seja a do avistamento do engenho que dá o nome à casa. A imagem do poço coroado pelo engenho (hoje inutilizado) adquiria nas minhas memórias o papel de destaque, talvez pela especificidade que conferia à casa: afinal, quantas crianças poderiam dizer que a sua casa tem um poço com uma “escultura” em cima?

Era também comum encher-se o tanque de rega com água do poço e usá-lo como piscina - que na altura parecia bem maior - como tudo quando somos crianças, lembrando com alegria a espera pela água que fluía do poço para a piscina improvisada.



Fig. 2. Fotografia de mim com a minha irmã junto do tanque onde se acumulava a água retirada do poço, 1995

As memórias descritas servem apenas para ilustrar a particularidade que era viver as férias em família e a importância que o poço confere ao local. 21

*“Nesta época de excessiva especialização, a fusão total da dimensão arquitetónica da casa e da dimensão privada e pessoal da vida só se produziu em casos especiais (...) produto de uma amizade e interação excecionais entre o arquiteto e seu cliente.”*²

Juhani Pallasmaa (2016)

Assim, ao pedido de realização deste projeto, manifestei, imediatamente um enorme entusiasmo, pois conferia-me a hipótese de reviver e reintrepretar memórias do passado, simultaneamente, juntando-lhe a hipótese de experimentar uma aproximação à vida profissional inserida ainda num contexto académico.

O facto de estar a realizar um projeto para pessoas cuja relação é de extrema proximidade faz com que a interação seja facilitada, como refere Juhani Pallasmaa.

Estando, então, reunidas a vontade, o local e a capacidade, pareceu-me oportuno o enquadramento deste projeto como trabalho de investigação e reflexão, possibilitando explorar recursos apreendidos ao longo do curso num contexto de aproximação à profissão.



Fig. 3. Fresco de um túmulo lucaniano (século IV a.C.) representativo da vida no mediterrâneo

Programa

Os clientes pretendem uma casa onde possam passar as suas férias, fins de semana prolongados e até temporadas longas após a sua reforma. Para tal, pretendem uma habitação com características semelhantes às de uma primeira habitação, acrescidas de espaços associados a actividades de lazer.

Após algum diálogo percebi que os clientes pretendiam uma clara separação da zona social da casa da área mais privativa, composta pelos quartos e pelas instalações sanitárias.

Relativamente à área privativa, apesar de alguma flexibilidade, apontaram como referência a inclusão de quatro quartos, sendo que dois deles deveriam ser suites, apoiados por uma instalação sanitária comum que serviria também de apoio à área social.

Na área social pretendem um espaço amplo com lareira. Junto a esta área deverá existir um espaço coberto como extensão natural da sala, que possibilite a realização de refeições no exterior. A cozinha deverá ser independente da sala, mas com uma ligação direta a esta e ao exterior, facilitando o apoio aos diferentes espaços contíguos. Pretendem também, a inclusão de uma churrasqueira junto da área social e da cozinha.

O cliente referiu, ainda, que os espaços exteriores deveriam ser pensados de forma a evitar manutenção e gastos de água excessivos, procurando manter o terreno no seu estado natural sempre que possível. Neste espaço deverá ser equacionada a utilização de pinheiros mansos, naturais do sul de Portugal. Ainda associado ao espaço exterior social, pretendem a inclusão de uma piscina, com dimensões mínimas que permitam nadar 10 m em linha recta.

Como espaços complementares pretendem uma lavandaria, com espaço para incluir de máquina de lavar e secar, banca com bacia para lavagens manuais e um armário roupeiro com dimensões adequadas à arrumação de toda a roupa de cama e toalhas da casa. Deverá existir também uma zona de arrumos, orientada para o exterior, para guardar ferramentas, a máquina de cortar relva, etc, podendo eventualmente ser utilizada para arrumar lenha.

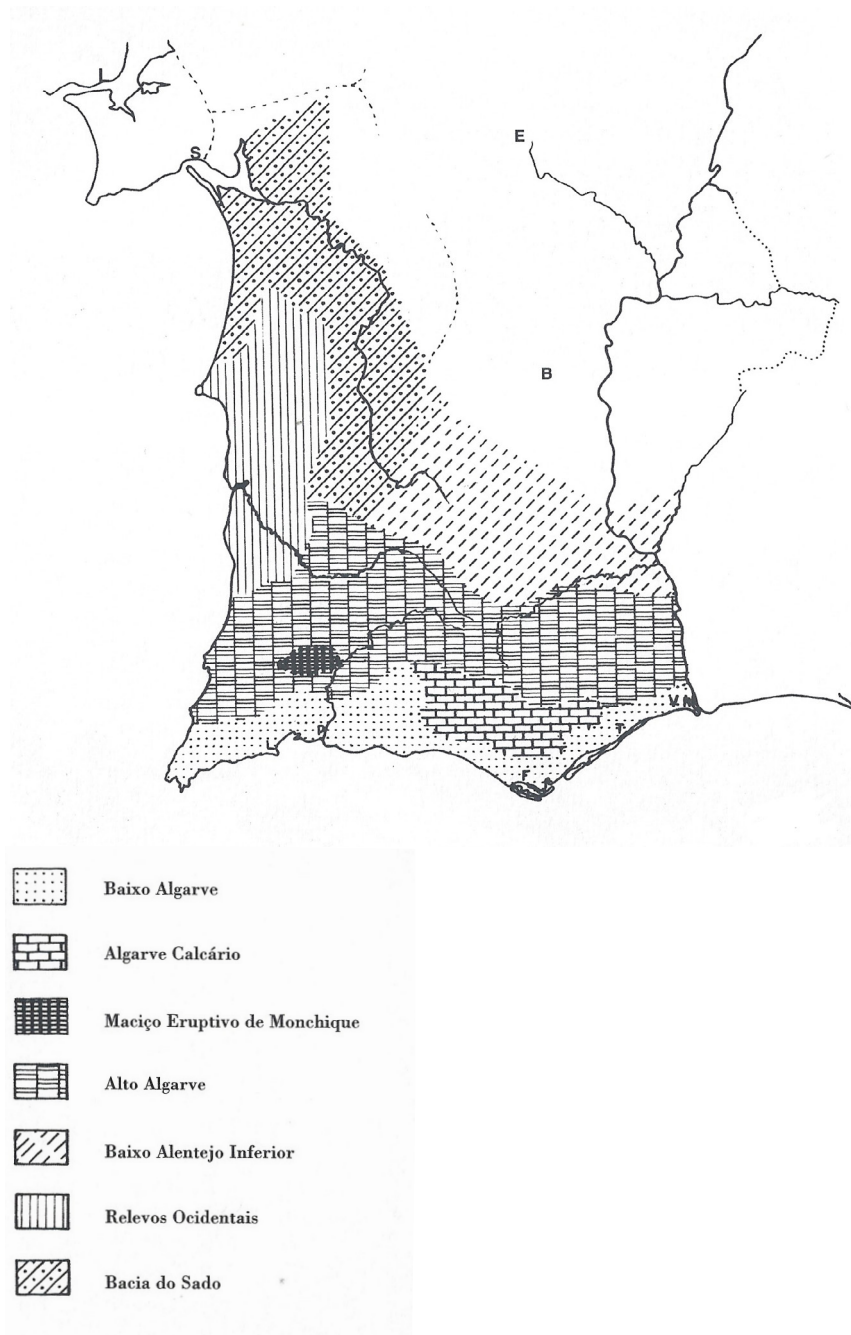


Fig. 4. Mapa das divisões geográficas no sul do país

Características geográficas

A barreira natural formada pelo sistema montanhoso que separa o Algarve do Alentejo, associada a uma maior e mais duradoura influência árabe, faz com que a integração do espaço algarvio não se revista da mesma simplicidade do alentejano. Os seus recursos agrícolas e fortes ligações marítimas garantem uma relativa autonomia do conjunto das cidades algarvias, atribuindo à região uma identidade muito própria³, designando-se, inclusivamente, durante muitos anos o reino de Portugal e dos Algarves.

25

A região algarvia divide-se de acordo com vários autores em três sub-regiões “tão características que, se não fora uma pulverização excessiva do território, se poderiam considerar como pequenas regiões autónomas: o Alto Algarve, o Algarve Calcário e o Baixo Algarve.”⁴

Para o caso de estudo presente a região que importa aprofundar é a do Baixo Algarve, correspondente a uma faixa de terreno de largura variável ao longo de toda a sua costa. É nesta faixa que se encontra a grande maioria da população algarvia, sendo a sub-região onde se verifica a maior densidade populacional, com uma grande disseminação de povoações em toda a sua extensão.

Apesar de dominado nos dias de hoje pelo turismo, o Algarve de outrora subsistia em grande parte das atividades ligadas à pesca e às indústrias dela derivadas e das salinas, mas também a uma economia rural, onde a influência dos mouros perdura nas culturas difundidas: predominando os cereais de sequeiro e principalmente os arvoredos – a amendoeira, a figueira, a alfarrobeira e a oliveira, mas também o milho o feijão e a batata e a batata-doce. “A irrigação adquire grande importância para o cultivo das hortas e dos pomares; velhas noras mouriscas acompanham normalmente os montes (casas)”⁵, hoje caindo progressivamente em desuso com a introdução de motores em vez da tração animal e da irrigação com água da barragem.

Pode, ainda, subdividir-se a sub-região do Baixo Algarve em duas partes, no sentido este-oeste, ou em três faixas: Barlavento, Centro e Sotavento, “correspondendo o Centro a uma zona compreendida entre Tavira e Quarteira, precisamente onde a costa se encontra afastada do mar por um grupo de ilhas arenosas.”⁶

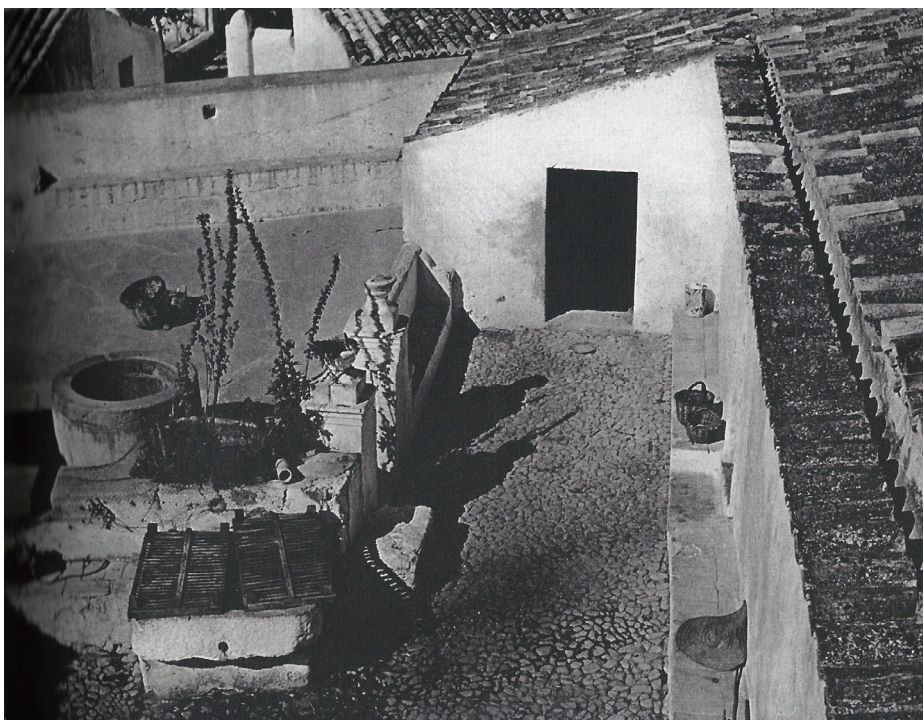


Fig. 5. Casa típica algarvia em Tunes, Silves

Notas sobre a arquitetura da região

O clima mediterrânico tem no Algarve um papel fundamental, influenciando a arquitetura da região. Trata-se de uma região extremamente seca, onde a pouca chuva que cai precipita-se em agueiros rápidos. Assim, a necessidade de recolha de água tem uma grande influência na estrutura urbana, verificando que, “na sua grande maioria, sobretudo nas de mais antiga origem (...), elas têm como principal elemento de equipamento da sua estrutura urbana o Poço”.⁷

27

A necessidade de aproveitamento das águas das chuvas reflecte-se também na arquitetura algarvia, através de elementos como o Eirado, “que consta de um vasto terreiro, ao nível do terreno revestido com ladrilhos e com declives para encaminhar a água das chuvas para um pequeno orifício, que comunica com o interior de uma cisterna”.⁸ Constroem-se também caleiras de telha ao longo das fachadas e sob os beirados para recolha das águas que correm pelas suas vertentes.

Os pátios são também elementos característicos da arquitectura algarvia, diferindo, no entanto, do sentido que lhe é vulgarmente atribuído⁹, sendo o seu uso característico apenas de uma parte restrita da região. Trata-se de um espaço geralmente adossado à fachada sul da habitação, coberto, total ou parcialmente, pela parreira, revestido a ladrilho e tijoleira, de fabrico local e equipado com “bancos abertos no próprio murete que o limita, ou mais singelamente, este é feito com a altura conveniente para funcionar como assento e, neste caso, revestido com ladrilhos, onde a cal abundantemente empregada enriquece e plasticiza as formas”.¹⁰ Estes espaços estão geralmente associados à “sala de receber” da casa, evidenciando a importância dada a esta função, podendo servir também para a secagem do figo e da alfarroba, evidenciando a ligação das pessoas ao campo.

A casa algarvia é, em regra geral, de composição simples e de um só piso. Os estábulos, os galinheiros, as pocilgas, os fornos, etc., acompanham a habitação e ficam-lhe adossados, ou, por vezes, agrupados e dela distintos.¹¹ O tipo de material mais empregue nas paredes é a taipa, a qual aparece desde o litoral até ao vale do Sado.¹² A presença de terrenos argilosos e a economia de meios necessária à sua execução podem justificar a frequência com que é utilizada.



Fig. 6. Ortofotomapas da aproximação ao local de intervenção

Uma aproximação ao local

29

O local onde se pretende edificar a obra fica situado perto da Praia da Galé, pertencente à freguesia da Guia, concelho de Albufeira. Localizado no Sul do país, na região do Algarve: uma zona de forte tradição turística e de segunda habitação.

É possível, a partir das fotografias aéreas, ter uma perceção da densidade ocupacional da zona costeira, com maior destaque para a grande mancha urbana a Este do local de intervenção correspondente à Cidade de Albufeira.

Situado numa zona intermédia entre Armação de Pera, a Oeste, e Albufeira, a Este, é perceptível a menor densidade da mancha edificada na área de intervenção. Os principais eixos viários existentes na proximidade são as estradas M1281 e M526, das quais resulta, no seu cruzamento, o pequeno povoado a que corresponde Vale de Parra. Analisando os eixos viários a uma escala mais alargada percebe-se também a importância da Estrada Nacional 125 (N125) que faz a ligação de todo o litoral algarvio, tendo sido recentemente complementada pela Via do Infante de Sagres (A22) que permite o mesmo tipo de ligação de forma mais rápida.

A localização do terreno numa zona intermédia do eixo Vale de Parra - Praia da Galé dita a dispersão do edificado aí existente, percebendo-se a mesma a partir da mancha verde existente na segunda imagem apresentada.

É possível perceber que alguma parte da população local mantém uma tradição agrícola, baseada numa sociedade rural, tendo como principal produção a vinha, o figo, a alfarroba, a amêndoa e a laranja.

Não é, então, alheia a presença de vários poços na zona envolvente ao lote do projeto, típicos da região, tal como referido anteriormente. Um desses poços, ainda com mecanismo de tração animal pertence à atual casa de férias dos clientes, evidenciando-se facilmente como elemento de referência numa zona bastante fragmentada e de edificação dispersa.

O lote tem como frente e acesso a Travessa do Barranco, sendo ladeado a Sul pela atual casa de férias da família dos clientes e a Norte por uma habitação que parece ter sido construída em dois momentos distintos. A poente, o tardo do lote é limitado por um parque de caravanismo aí entretanto constituído.

Artigo 31.º

Zona de edificação dispersa (ZED)

1 — Consideram-se espaços urbanos de edificação dispersa aqueles que, pela sua actual dimensão, carecem de ser estruturados, sendo a sua ocupação admissível nos termos do número seguinte.

2 — As operações de loteamento ou destaques a levar a efeito nos espaços de edificação dispersa definidos no presente artigo devem submeter-se aos parâmetros urbanísticos seguintes:

- a) Área mínima do lote — 500 m²;
- b) CAS — 30 %;
- c) COS — 40 %;
- d) Número de pisos — 2 mais cave;
- e) Afastamentos mínimos:
 - 6,0 m ao limite anterior;
 - 5,0 m aos limites laterais;
 - 6,0 m ao limite posterior;
- f) Para além das construções sujeitas aos índices estabelecidos nas aléias anteriores, são admissíveis anexos destinados a garagem e arrumos, com área inferior a 30 m², bem como piscinas exteriores.

3 — Às construções, renovações e ampliações aplicar-se-á o disposto no n.º 4 do artigo 28.º do presente Regulamento.

Condicionantes legais

Através da realização de um Pedido de Informação Simples na Câmara Municipal de Albufeira obteve-se informação sobre a viabilidade de construção no lote, informação complementada, posteriormente através de uma reunião com a arquiteta responsável pelos serviços técnicos da câmara.

31

A informação obtida remete o lote a edificar, conforme o Plano Diretor Municipal (PDM), para uma Zona de Edificação Dispersa (ZED). As regras relativamente à edificação nesta zona estão presentes no artigo 31º do PDM, correspondentes à figura Fig. 7. Adicionalmente, para a total compreensão do artigo 31º, foi necessário consultar as definições e nomenclatura utilizadas, correspondentes ao Artigo 54º, das quais se transcrevem seguidamente as mais relevantes:

6) Área urbanizável (AU) - área definida como edificável, de parte ou da totalidade de um ou mais prédios, que inclui as áreas de implantação das construções e dos logradouros e as destinadas a infraestruturas, e exclui, designadamente, as áreas integradas em espaço de recursos naturais e equilíbrio ambiental;

7) Área total de implantação (ATI) - somatório das áreas resultantes da projeção horizontal de todos os edifícios residenciais e não residenciais, delimitada pelo perímetro dos pisos mais salientes, excluindo varandas e platibandas;

9) Área total de construção (ATC) - somatório das áreas brutas de todos os pisos dos edifícios, acima e abaixo do solo, excluindo as garagens, quando situadas totalmente em cave, superfície de serviços técnicos (posto de transformação, central térmica, central de bombagem) e galerias exteriores públicas, arruamentos ou espaços livres de uso público cobertos pela edificação.

10) Coeficiente de afetação do solo (CAS) – quociente entre a área total de implantação e a área urbanizável: $CAS = ATI/AU$

11) Coeficiente de ocupação do solo (COS) – quociente entre a área total de construção e a área urbanizável: $COS = ATC/AU$



Fig. 8. Planta de condicionantes

Complementarmente consulta-se a Carta de Condicionantes do PDM, representada na figura F8 com uma mancha a cinza correspondente à Reserva Agrícola Nacional. Verifica-se que uma pequena parte do terreno é abrangido por esta mancha, no entanto o lote que se pretende destacar para levar a cabo o projeto não é afetado, imperando assim as condicionantes expostas na página anterior.

Analisado resumidamente a informação disposta no artigo 31º do Plano Diretor Municipal de Albufeira exposto na página anterior e tendo em consideração que se pretende construir uma casa de um só piso, depreende-se sumariamente que, esta deverá ocupar menos de 30% da área do lote, valor correspondente ao Coeficiente de Afetação do Solo (CAS), estando interdita a construção numa faixa perimetral do lote. O afastamento previsto no regulamento é de 6 m do limite anterior e posterior e 5 m dos limites laterais, no entanto, será possível a construção dentro desta faixa, desde que consistindo de anexos destinados a garagens e arrumos e possuindo uma área inferior a 30 m.

2

Sobre o processo de concepção

INTRODUÇÃO

Sobre o incomensurável

O presente capítulo pretende expor o processo de concepção de um projeto, uma casa de férias na Galé, inserida nas circunstâncias e contexto expostos no capítulo anterior. Este “meio” (leia-se processo) para chegar a um “fim” (projeto), nem sempre é linear pois está sujeito ao confronto entre os estímulos e a vontade do arquiteto, do cliente e as condicionantes variadas (legais, topográficas, etc). É do confronto entre estas realidades que se alimenta o processo, enriquecendo-o, mas tornando simultaneamente o ato de projetar numa ação iterativa onde, constantemente, se coloca à prova as decisões tomadas anteriormente, revelando-se fundamental nos processos de consciencialização, por vezes, recuperar as decisões tomadas nos vários momentos do processo.

Sobre o conflito de estímulos a que um arquiteto está sujeito durante o processo de concepção é interessante a abordagem de Álvaro Siza onde o autor afirma que que:

“No início de um estudo, confrontamo-nos com tensões contraditórias que determinam os objetivos de uma realidade que tem raízes muito profundas, feitas de transformações, sobreposições e recuperações, diante de experiências e informações preliminares próprias ou alheias, diante de modelos, interesses e contatos.

Acredito que nessa rede complexa de factos (...) se encontra, como se fosse uma matriz, quase tudo o que determina o projeto.”¹³

Álvaro Siza (1994)

No entanto, transpor para o papel as ideias nem sempre se afigura como tarefa fácil, do pensamento à materialização existe ainda uma grande distância, perdendo-se muitas vezes o encantamento de uma ideia ou ambição para os espaços em detrimento do pragmatismo que requer a sua realização. É sobre esta dificuldade que Louis Kahn responde a uma pergunta colocada por um jovem arquiteto:

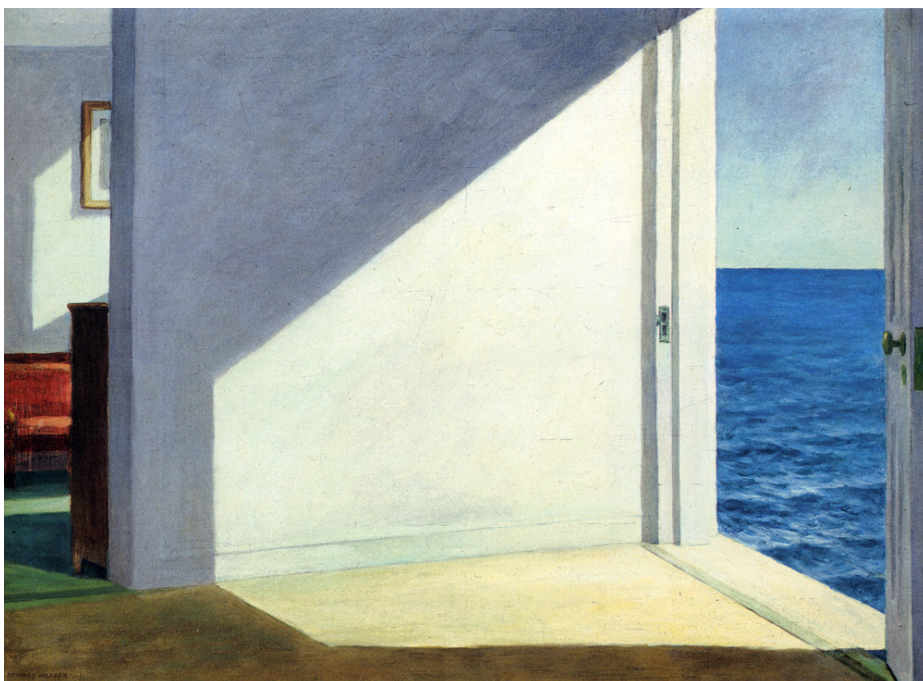


Fig. 9. *Room by the sea*, Pintura de Edward Hopper, 1951

“Sonho com espaços maravilhosos que surgem e se desenvolvem fluidamente, sem princípio nem fim, feitos de um material contínuo, branco e ouro. Porque quando traço a primeira linha sobre o papel, tentando fixar o sonho, este resulta aquém?” Ao que Kahn responde “(...) A natureza física é mensurável. As emoções e a fantasia não possuem medida, não possuem linguagem, e os sonhos de cada um são distintos. Tudo o que se faz, não obstante, obedece às leis da natureza. O homem será sempre maior que as suas obras porque nunca poderá expressar completamente as suas aspirações. Para expressar-se através da música ou da arquitetura deve recorrer a meios mensuráveis como a composição e o desenho. A primeira linha sobre o papel é já uma medida do que pode ser expressado cabalmente. A primeira linha sobre o papel é já uma limitação.”¹⁴

Louis Kahn (1965)

O processo de conceção de um projeto será então sempre uma confrontação, não só de interesses, mas de emoções. Confrontações essas que apenas podem ficar expressas em registos desenhados ou escritos de tentativas ou iterações realizadas até chegar à solução que se julga ser a final. Final sim, porque mesmo que fique aquém daquilo que se possa ter sonhado, a arquitetura, pelo menos a arquitetura para ser construída, terá sempre no limite um fim mensurável como refere Kahn, sujeita às limitações do desenho que nem sempre expressa convenientemente as emoções envolvidas no processo.

Assim, ao longo deste capítulo, procura-se dar a conhecer o processo de conceção de um projeto em concreto, uma casa de férias, a partir de seis momentos especiais, que correspondem a seis propostas. Desta forma procura-se explicar quais os estímulos, vontades e condicionantes que levaram a formalização da proposta final.

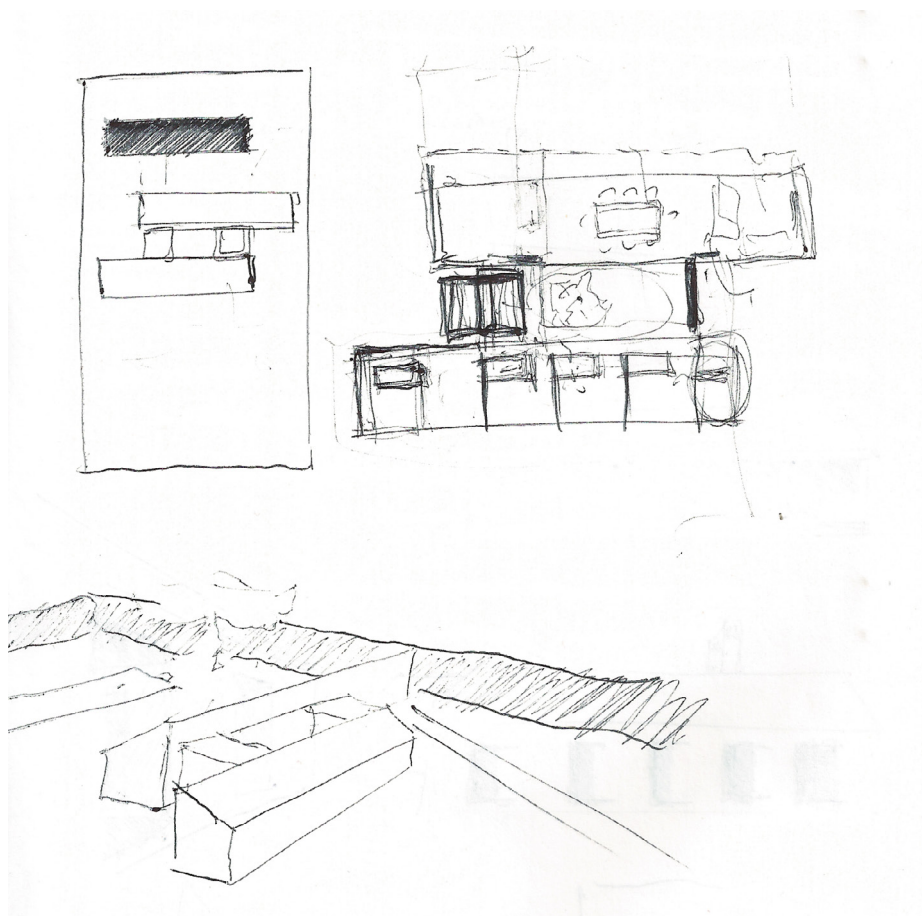


Fig. 10. Primeiro registo no caderno

Primeiro contato com o papel

Os primeiros esboços foram realizados ainda de férias, em agosto de 2015, numa primeira aproximação ao local, e àquilo que poderia nele vir a ser construído. Sem um grande compromisso com o programa da casa, que à data não estava ainda totalmente definido, começando por transpor para o papel algumas considerações e apontamentos acerca do que poderia vir a ser a implantação, tendo em consideração a exposição solar e outros aspetos assim reconhecíveis. 41

Sobre o procedimento inicial de um processo de projeto, Siza destaca a importância do confronto entre o primeiro contacto com o terreno e a folha de papel ao afirmar:

“Continua presente na minha memória a frustração dos primeiros anos de escola e de profissão, quando à análise supostamente exaustiva (estática) de um problema se seguia o encontro desamparado com uma folha de papel em branco.

A partir de então tive sempre o cuidado de “olhar o sítio” e fazer um desenho antes de calcular os metros quadrados de área a construir.

*A partir da primeira confrontação de um e outro gesto se inicia o projeto de projetar”.*¹⁵

Álvaro Siza (1994)

Este ato viria a revelar-se fundamental no reconhecimento do terreno e na formulação de uma possível ocupação do lote.

A opção inicial recai assim sobre uma implantação composta por dois volumes desfasados entre si que, como aproximação muito simplificada, representavam as áreas social e íntima. A separar estes dois volumes organiza-se um pátio, proporcionando um espaço de transição entre as duas áreas distintas, complementadas pela superfície retangular correspondente à piscina.

Evidentemente estes esboços, presentes na figura Fig. 10, refletem uma ideia muito precoce, porém surgem da necessidade de transpor para o papel a tal vertente mensurável referida anteriormente por Kahn.



Fig. 11. Um limoeiro

O limoeiro e o pátio

A primeira confrontação com as memórias e estímulos pessoais surge, numa fase inicial do processo, pela vontade de incluir no projeto um limoeiro.

43

A escolha desta árvore remete para cenas do quotidiano de infância, tais como o cheiro cítrico que envolvia o espaço onde brincava e gestos tão simples como os de levar à minha mãe (que se encontrava na cozinha a preparar o jantar) um limão acabado de colher para temperar a comida.

Estes cenários do dia-a-dia são importantes na experiência do habitar e acabam por refletir-se na forma como se projeta. Segundo Juhani Pallasmaa, “o lar é o cenário da memória pessoal, um mediador complexo entre a intimidade e a vida pública”¹⁶, e é neste contexto, pela memória, que surge a vontade de trazer para um novo projeto algo das vivências do passado.

A arquitetura é “feita” também de sensações e não é incomum que alguém não se consiga lembrar de determinados detalhes das casas, mas sim de cheiros ou sons. Evocando sobre tema, Pallasmaa a propósito da casa do seu avô destaca: *“Não posso recordar a forma da porta principal da casa do meu avô, mas todavia sinto nos meus sonhos o calor e o odor do ar que me dava na cara quando a abria”*¹⁷. e complementa afirmando que *“a fenomenologia da arquitetura baseia-se mais em verbos do que em substantivos – o ato de se aproximar da casa, não a fachada; o ato de entrar, não a porta; o ato de olhar pela janela, não a própria janela.”*²

É neste campo de sensações e memórias que se pretende atuar com a inclusão de um limoeiro na casa, sendo a escolha desta árvore, não apenas interessante pela memória a que remete, mas também, por ser um árvore tipicamente associada a zonas mediterrânicas, prosperando em países de climas temperados, especialmente como Portugal, Espanha e Itália. Como referiu Wolfgang von Goethe sobre a zona mediterrânica do sul da Europa, “a terra onde os limoeiros florescem”¹⁸.



Fig. 12. Pátio da *Casa Ena de Silva*, Geoffrey Bawa

O desejo de incluir um pátio no projeto surge como mais um estímulo pessoal, conciliando o gosto pelas possibilidades introduzidas na arquitetura por este dispositivo, com as suas raízes históricas na região mediterrânica.

A vontade de incorporação deste dispositivo espacial no projeto surge desde o primeiro momento, pelo que grande parte da procura de referências arquitetónicas se centra em “casas pátio”. Entre as várias referências analisadas destacam-se o pátio da Casa Ena de Silva, da autoria do arquiteto Geoffrey Bawa, pelo seu carácter contemplativo incorporando uma árvore que assume um papel escultórico, dominando o espaço. É a partir deste exemplo que os dois estímulos, o limoeiro e o pátio, se começam a fundir, concluindo que o local indicado para a localização do limoeiro devia ser o pátio.

A utilização do pátio no contexto em que o projeto se encontra inserido possibilita também o controlo da relação com a envolvente, o que, num contexto tão fragmentado, se torna uma mais-valia. Além da relação com a envolvente o pátio permite, ainda, articular a área social com área íntima, funcionando como espaço de intermediação.

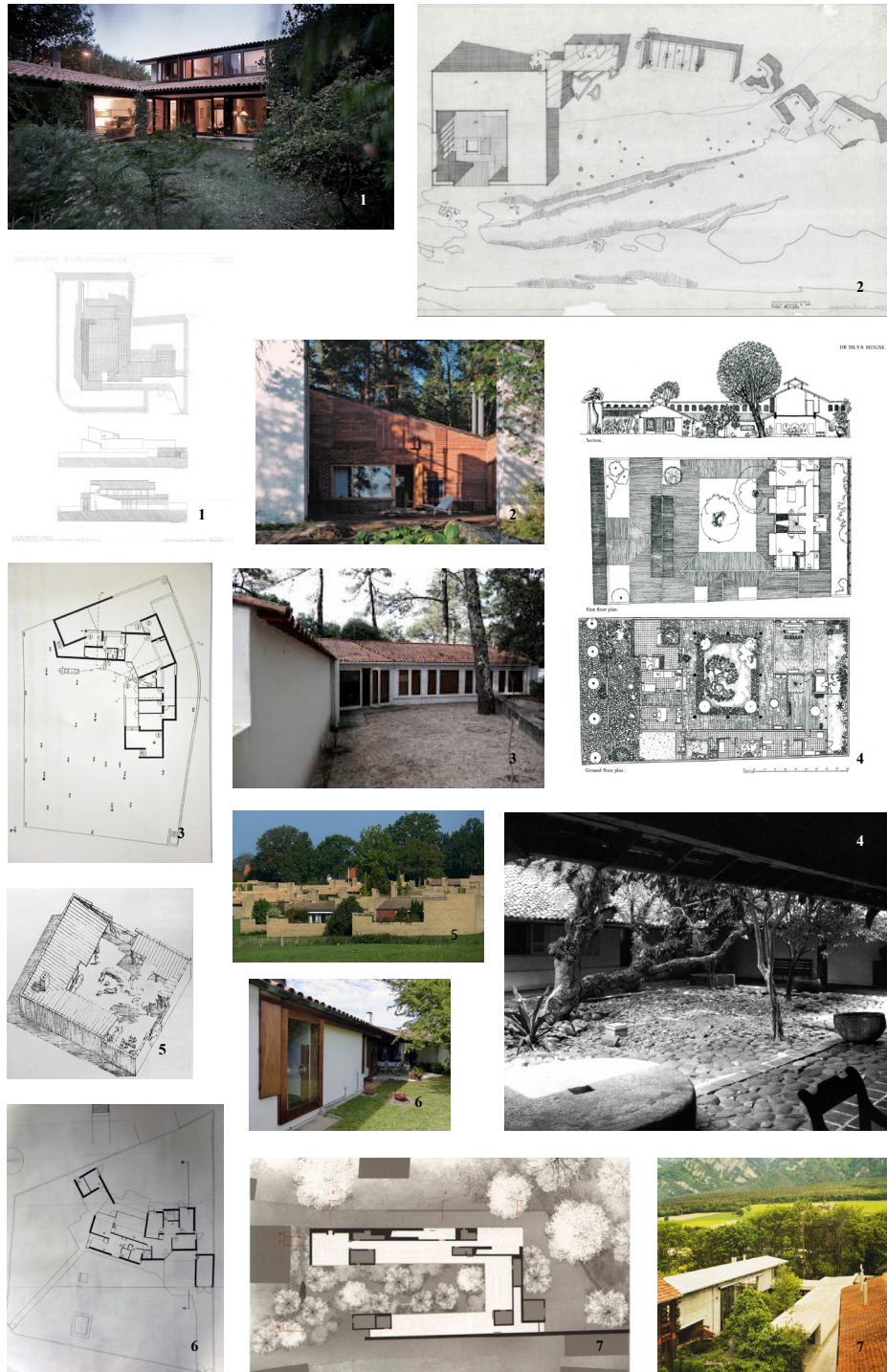


Fig. 13. Algumas das referências mais relevantes nesta fase

Nota: Este conjunto de imagens corresponde a parte das organizadas (com mais rigor como referências) no caderno pessoal

1. Casa Alves Santos (1968), Álvaro Siza 2. Muuratsalo (1953), Alvar Aalto 3. Casa Alves Costa (1968), Álvaro Siza
4. Casa Ena de Silva (1962), Geoffrey Bawa 5. Casas em Fredensborg (1962), Jørn Utzon 6. Casa Tomé Ribeiro (1962), Álvaro Siza
7. Casa Peter Zumthor (2005)

A necessidade de referências

A necessidade de referências surge numa fase inicial do processo e pode ser descrita como o despoletar do segundo momento aqui apresentado. 47

Tomada a decisão da tipologia habitacional, uma casa pátio, chegava o momento de observar e estudar exemplos de integração desse elemento arquitetónico. A escolha, incidiu então, sobre algumas obras iniciais de Álvaro Siza Vieira, Alvar Aalto, Jorn Utzon, Geoffrey Bawa e Peter Zumthor. Estas obras destacam-se, entre outras referências analisadas, pela relevância para o estudo em curso.

Ao estudar as obras correspondentes às imagens presentes na página anterior constata-se a diversidade de relações entre a habitação, pátio e envolvente.

Nas duas Obras de Siza, verifica-se que o pátio é originado pelo confronto da casa com os limites do lote. Enquadrado na Casa Alves Costa a edificação se localiza próximo da rua, libertando o jardim como grande pátio, na Casa Tomé Ribeiro afasta-se, criando dois pátios, sendo o menor (interior) o mais íntimo para onde se volta a maioria do programa da casa.

Na casa de férias, em Muuratsalo de Alvar Aalto, assim como nas casas de Fredensborg de Jorn Utzon, todos os compartimentos da casa se dispõem configurando a forma de um “L”, voltando-se para o pátio interior que de configuração quadrangular. De salientar que em ambos os casos os limites do pátio são abolidos em determinados momentos, permitindo, a quem se encontra dentro, usufruir de vistas controladas para a paisagem.

A referência à casa Ena de Silva, de Geoffrey Bawa, é considerada pelo ambiente contemplativo que o pátio confere à casa.

A casa de Peter Zumthor, corresponde a um exemplo de pátio configurado por uma implantação em “U”, em que o importante realçar é o facto de ao contrário dos outros casos que procuram reservar o pátio num interior contido, parece oferecer as vistas do interior do pátio a quem passa na rua.

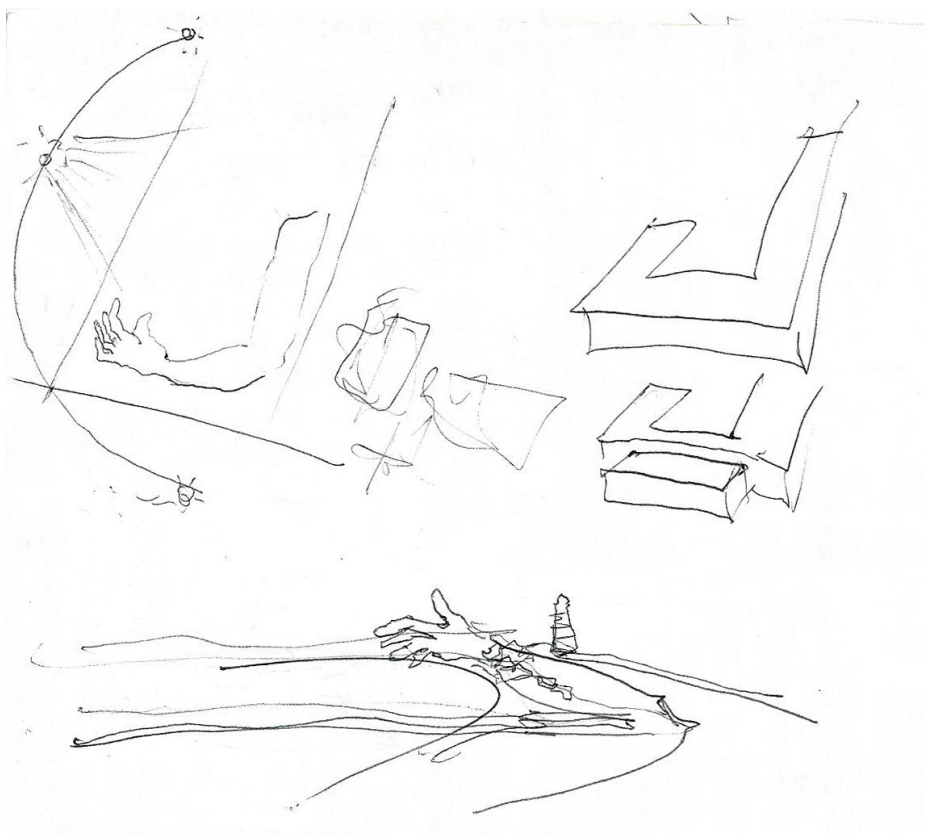


Fig. 14. Esquisso da intenção para a implantação

A procura de um gesto

Sob a influência das referências consultadas surgem os primeiros esboços de uma proposta mais concreta, cujo desenvolvimento tem que ser confrontado com o conhecimento da legislação em vigor no PDM que definia a área onde se pretendia levar a cabo o projeto como zona de edificação dispersa.

49

A nova implantação acaba por refletir a confrontação dos dados anteriores, procurando conjugar uma habitação com implantação em forma de “L” com a impossibilidade legal de construir numa faixa junto ao limite do lote.

O esquisso presente na figura da página anterior representa um gesto de proteção, fazendo uma analogia entre o braço e a casa, que se protege de norte e da rua, abrindo-se para sul e poente, resguardando a privacidade dos seus habitantes. Assim, facilmente se percebe as influências das pesquisas anteriores no conceito da proposta apresentada neste momento.

Esta atitude não é inócua e deve-se principalmente ao facto de na envolvente não se encontrar, à exceção do poço e do respetivo engenho, relações “interessantes” com a envolvente (bastante fragmentada).

Esta procura de evitar ao máximo relações com a envolvente está presente em algumas das primeiras casas projetadas por Alvaro Siza, algo que o autor explica afirmando:

*“Uma razão porque as minhas primeiras casas eram bastante fechadas, com um pátio e poucas janelas exteriores é porque estavam construídas em horríveis periferias. Eu optava nos meus primeiros anos de atividade, ao encontrar-me com um contexto feio, por não abrir nunca as janelas, tentava criar uma atmosfera autónoma, numa pequena parcela. Depois compreendi que era absurdo, porque era impossível fazer uma seleção e ser realista, porque quando alguém entra numa casa está também toda a envolvente, bela ou feia. É sobre esta realidade que se deve trabalhar”.*¹⁹

Álvaro Siza (2006)

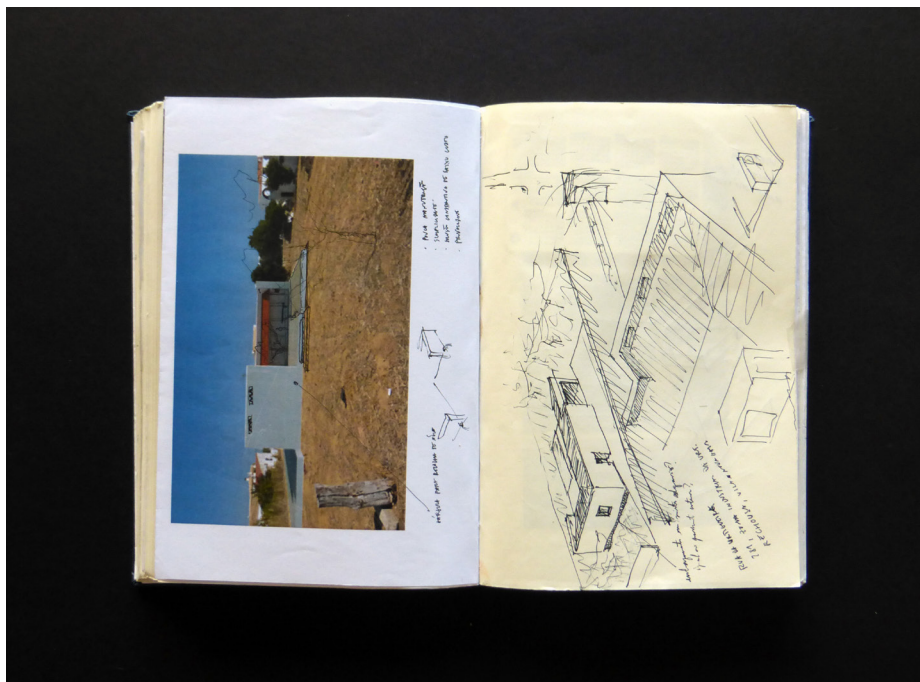
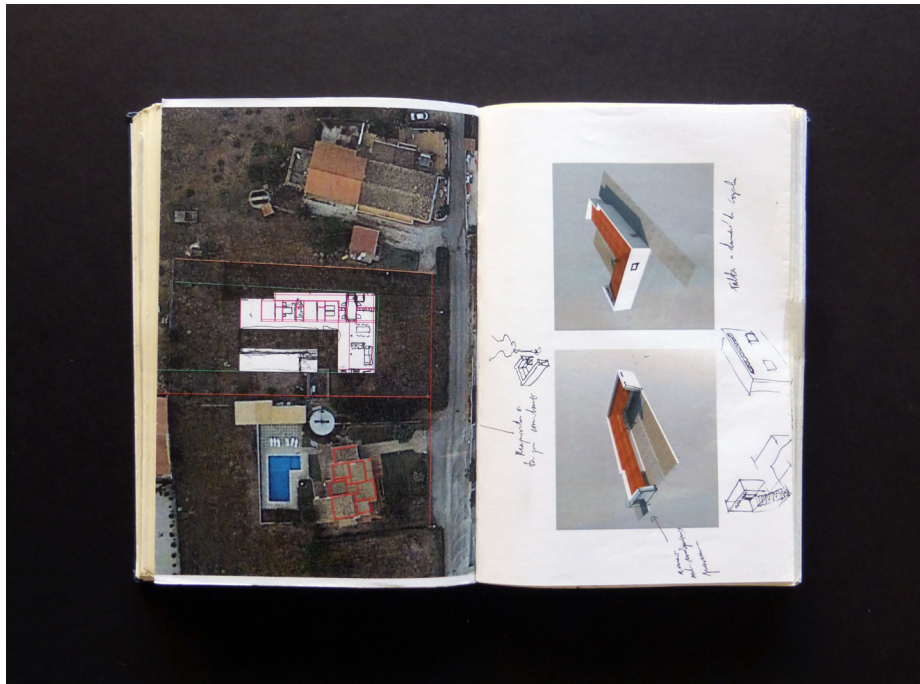


Fig. 15. Estudos de implantação e volumetria (em cima)

Fig. 16. Estudos da relação com a vegetação envolvente (em baixo)

Primeira concretização

Surge a primeira materialização de uma proposta, onde fruto da sugestão do cliente, se procura explorar a aplicação do telhado como cobertura. No entanto, exploro uma dualidade no carácter da casa, procurando que, quem a olhasse de fora visse uma obra contemporânea, de aspeto mais austero e minimalista, em dicotomia com o seu interior, cujo telhado era já perceptível, aludindo a um ambiente mais familiar.

51

É nesta fase que surgem as primeiras considerações sobre os arranjos exteriores: uma grande preocupação do cliente que não queria ter muita manutenção com a casa. Assim, eleva-se a casa sobre um pódio, deixando a vegetação envolvente desenvolver-se livremente. Esta situação era do meu particular agrado, pois gera um cenário aparentemente idílico ou onírico - a casa que pousa sobre o terreno sem o contaminar - criando uma imagem de casa inserida no campo. Sobre esta relação chego mesmo a realizar uma montagem, presente na figura Fig. 16 da página anterior.

Na figura Fig. 15 é possível observar o acesso à habitação, realizado por um percurso partilhado com o carro a norte, dando acesso à única abertura nessa fachada. Já na fachada voltada para a rua a nascente, abre-se a janela da cozinha, servindo como posto de controlo de quem acede à casa. A escolha da cozinha para relação mais direta com o exterior remete também para memórias e vivências do passado, particularmente à lembrança de passar pelas residências universitárias da Universidade de Aveiro e de noite assistir aos estudantes a preparar as suas refeições. Assim a cozinha surge como espaço primordial para estabelecer a relação interior exterior com a rua.

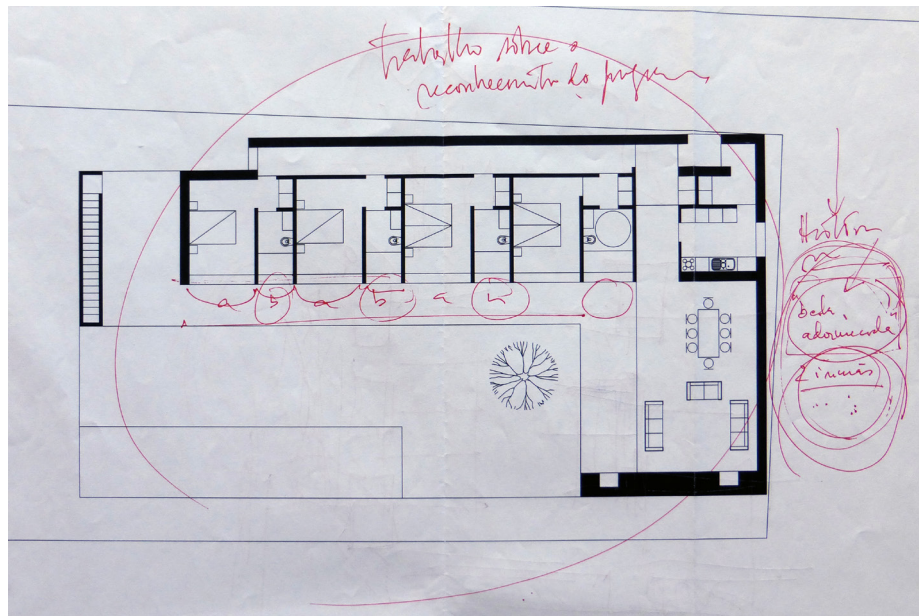


Fig. 17. Primeira proposta de organização do programa

O reconhecimento do programa

A proposta final nesta fase consiste numa implantação em “L”, cujos compartimentos mais próximos da rua são de caráter social e os do braço que se prolonga para poente de caráter mais íntimo. Entrando pelo acesso norte temos a sequência de cozinha (com acesso à lavandaria) seguida da zona social, composta por área de refeições e área de estar. O átrio de entrada dá acesso a um corredor de distribuição para os quartos, complementados por uma casa de banho privativa, à exceção do primeiro que serve também o uso comum. A zona de estacionamento fica situada ao fundo da zona dos quartos e é acessível pelo percurso a norte do lote. 53

Nesta fase começa-se a perceber a importância dos muros e a possibilidade de neles incluir programa, como é o caso das escadas de acesso à casa das máquinas, da lareira e da churrasqueira.

Com o desenvolvimento do trabalho e influenciado pela citação de Siza Viera na página 49, sobre a falta de relação com a envolvente das suas primeiras obras, decido abandonar esta solução. Além da fraca relação com a envolvente, também não estava convencido sobre a centralização das relações da casa todas num único espaço, ficando a sensação que não estava a aproveitar as possibilidades oferecidas pelo lote.

Apesar da descontinuidade desta proposta e da sua aparente simplicidade, o papel que desempenhou no processo foi fundamental, pois serviu como forma de reconhecimento do programa, permitindo apreender as dimensões necessárias dos vários espaços que este necessitava, assim como tecer as primeiras considerações sobre possíveis soluções para o tratamento da vegetação envolvente.

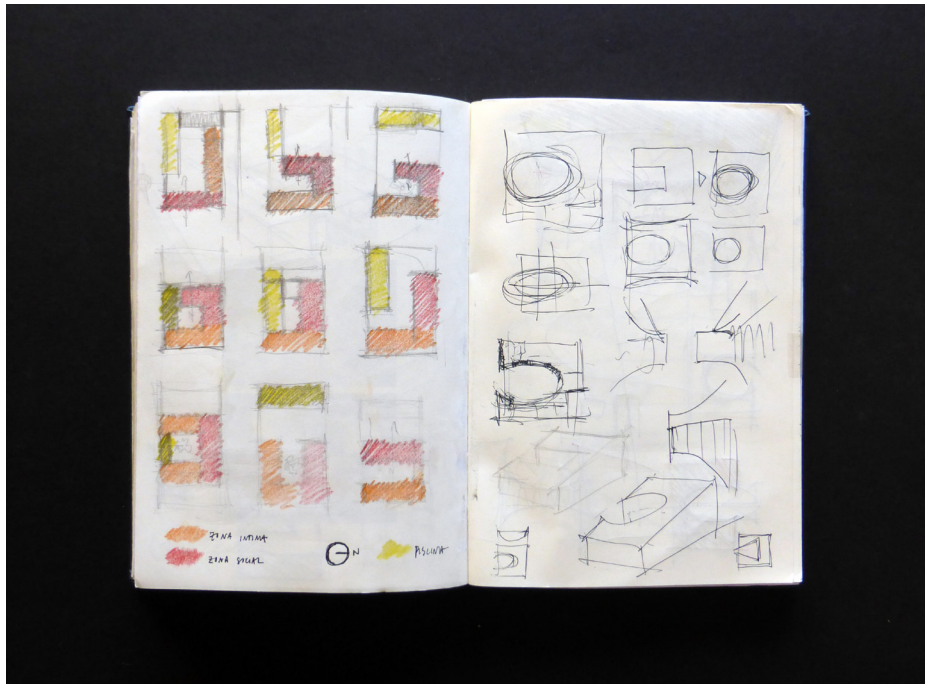


Fig. 18. Estudos de configuração do pátio

Reconfiguração do pátio

A falta de relações com a envolvente, decorrente da centralização da casa para o pátio, não gerara o efeito pretendido, pois muitos dos espaços em seu redor ficavam desaproveitados. Neste contexto, faz sentido relembrar as considerações realizadas por Álvaro Siza já citadas anteriormente, onde este refere ser “sobre essa realidade (envolvente) que se deve trabalhar”¹⁹. 55

Assim, questiona-se novamente o posicionamento do pátio, a sua configuração e relação que estabelece com as várias áreas da casa. Um resumo de hipóteses de configuração estão presentes na figura Fig. 18, representando a mancha laranja a zona íntima, a mancha vermelha a zona social e a amarela a piscina. É deste ato de repensar o pátio que surge a ideia de relacionar diretamente a nova casa com a existente adjacente, para tal alinha-se o pátio com o poço e o engenho, a partir de uma posição central na casa, adquirindo a forma de implantação a morfologia de um “U” aberto para sul.

O novo posicionamento do pátio permite a clara separação da casa em dois momentos distintos. A nascente, ficaria localizada a zona íntima, a que corresponde a zona dos quartos complementada pelas respetivas instalações sanitárias, beneficiando do sol da parte da manhã evitando a sua excessiva incidência da zona poente, mais apta a acomodar as atividades lúdicas familiares. Assim, a zona social, devido à sua orientação, beneficia de exposição solar durante toda a tarde, permitindo a exposição solar adequada à piscina. O acesso continuaria a ser realizado a partir dum percurso situado a norte.

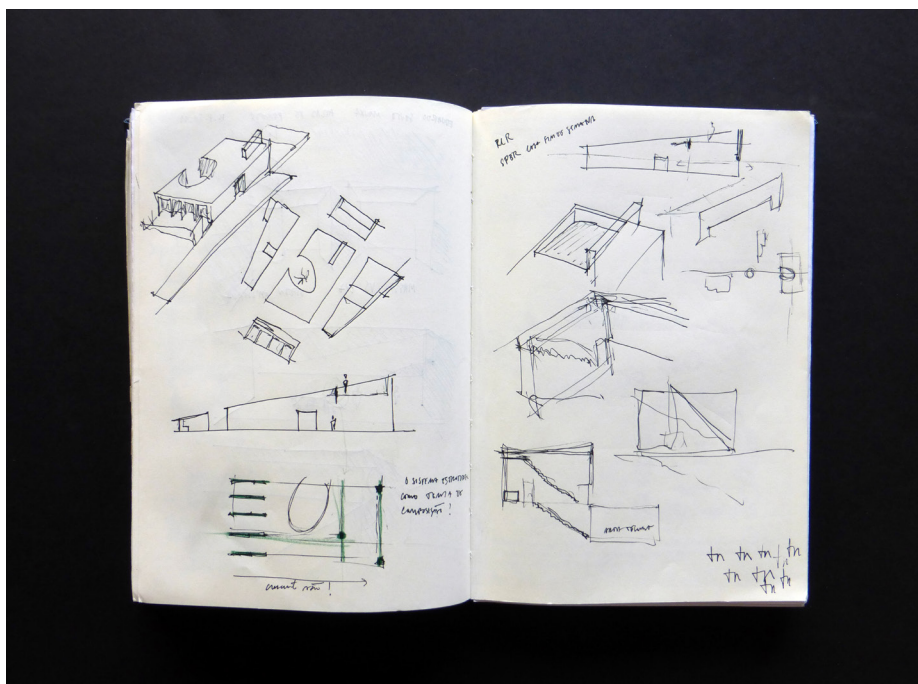
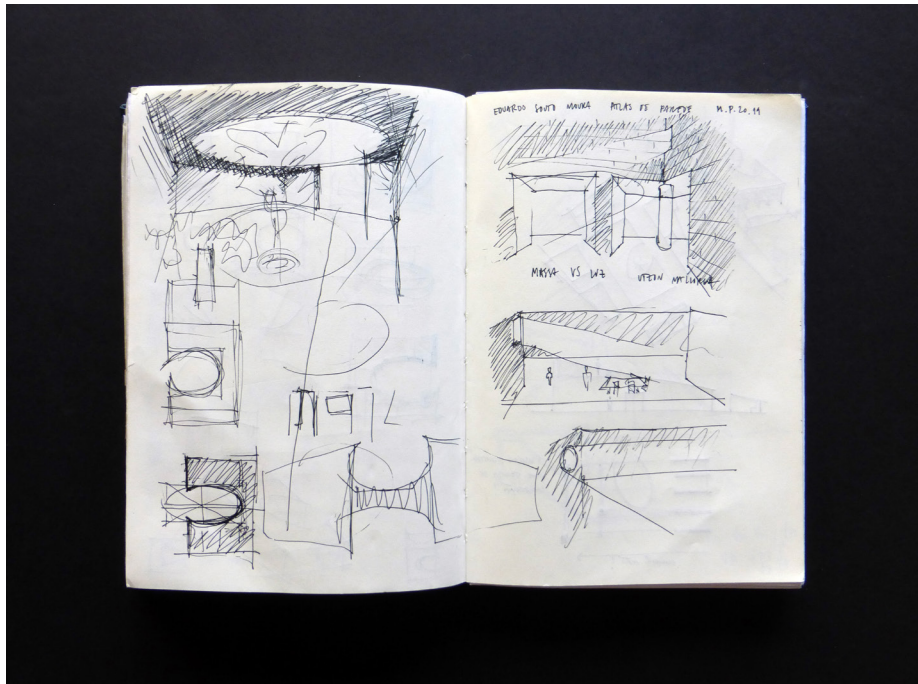


Fig. 19. Estudos da relação espacial do pátio com a casa (em cima)

Fig. 20. Caracterização geral da proposta (em baixo)

Uma nova proposta

A posição do pátio fixa-se a partir deste momento, podendo no entanto ainda variar ligeiramente a sua dimensão ou relação com os compartimentos interiores. Neste caso, a opção de materialização do pátio recaiu sobre a forma de uma elipse que intersectava o retângulo correspondente à casa, sendo possível ver a busca da morfologia do chamado quinto alçado, referente à abertura do pátio nos esquisos presentes na figura Fig. 19.

57

Este gesto, apesar de aparentemente inocente, indicia já uma atenção ao controlo da dimensão da abertura do pátio no alçado, procurando enquadrar a relação visual com o poço e o engenho. A morfologia da abertura tem também a vantagem de se relacionar, numa perspetiva pessoal, da melhor maneira com o limoeiro que a incorporar nesse espaço.

Apesar de visto da cobertura o pátio se configurar sob a forma de parte de uma elipse, existia a dúvida se em planta, o espaço necessitava de ser regular, devido à complexidade que requeria fazer caixilhos curvos para os vãos que se voltassem para o pátio.

Surge nesta fase a primeira real preocupação com a estrutura do edifício, quer do ponto de vista da viabilidade construtiva, quer da composição. A cobertura inclinada possibilita o acompanhamento da necessidade de vigas sucessivamente mais altas, na medida em que o vão a vencer seria cada vez maior. Esta variação altimétrica dá-se no sentido nascente-poente, da zona íntima da casa para a zona social.

Na figura Fig. 20 é possível ver um esquivo do raciocínio seguido na execução da estrutura, cujas vigas e elementos portantes aparecem desenhados a verde. A maior compartimentação da zona íntima possibilita a acomodação de uma estrutura mais ligeira, enquanto a sala, que é o espaço da casa que se quer mais amplo, necessita de maiores vãos, terminando com uma viga que vence a dimensão total do vão.

Em suma, esta proposta permite explorar relações importantes no desenvolvimento do processo, nomeadamente sobre a repercussão da estrutura na composição do edifício, enquanto simultaneamente se desenvolvem os primeiros esforços de enquadrar o poço na relação com o pátio da casa.

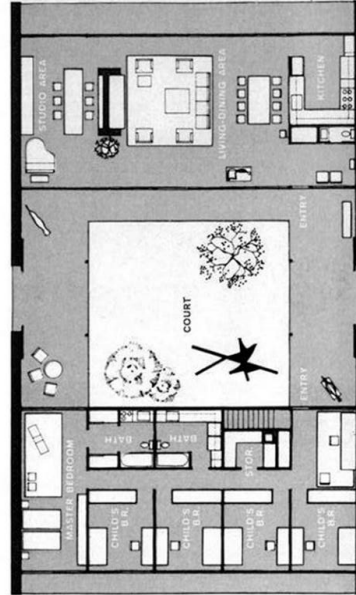


Fig. 21. *Casa Noyes*, Eliot Noyes, 1955

Nova influência

A par do processo de desenvolvimento do projeto e de exploração de soluções, há uma continuidade na pesquisa de referências que se dá em paralelo. É de uma destas incursões que surge a casa em New Canaan, do arquiteto Eliot Noyes. 59

Apesar do contacto permanente com arquitetura durante todo o processo, nem tudo é relevante o suficiente para ser considerado referência, no entanto esta obra tem no desenvolvimento do processo um papel fundamental, pois desencadeou o princípio de organização da casa, que se manteria muito semelhante até ao final.

Trata-se de uma habitação familiar, pertencente e projetada pelo arquiteto Eliot Noyes em 1955. A grande particularidade da casa prende-se com o facto de parecer contida entre dois muros, acessíveis pela sua zona central. Quanto à organização, desenvolve-se sobre a forma de duas zonas completamente separadas, a zona íntima e a zona social, articuladas por um pátio.

A clareza e depuração da planta instiga a que inicie um processo de simplificação da proposta, sustentada por este exemplo.

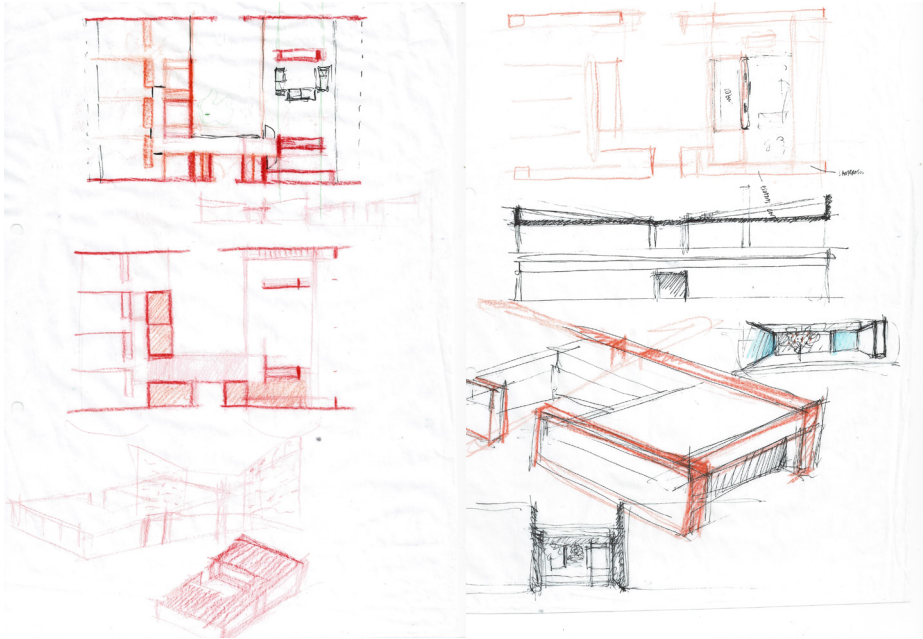


Fig. 22. Esquissos de estudos da compartimentação e relação com o pátio

Um processo de simplificação

O contato com a casa de Eliot Noyes lança o mote para a simplificação e organização do programa. Assim, a ideia ainda difusa da compartimentação na fase anterior dá lugar a uma maior certeza expressa nos esquissos da figura Fig. 22. Ocupa-se, à semelhança da proposta anterior, a frente nascente da casa com os quartos, cabendo agora às instalações sanitárias a ocupação da zona em contacto com o pátio. A cozinha aberta para a sala na fase anterior é agora compartimentada, ficando isolada do resto da sala. 61

Inicia-se um processo de exploração da permeabilidade visual na direção transversal da casa, patente na relação entre o momento de entrada e a abertura do pátio, assim como na dimensão longitudinal, através do quarto maior.

A cobertura inclinada é agora plana, evidenciando o carácter de muro das paredes exteriores laterais da casa.

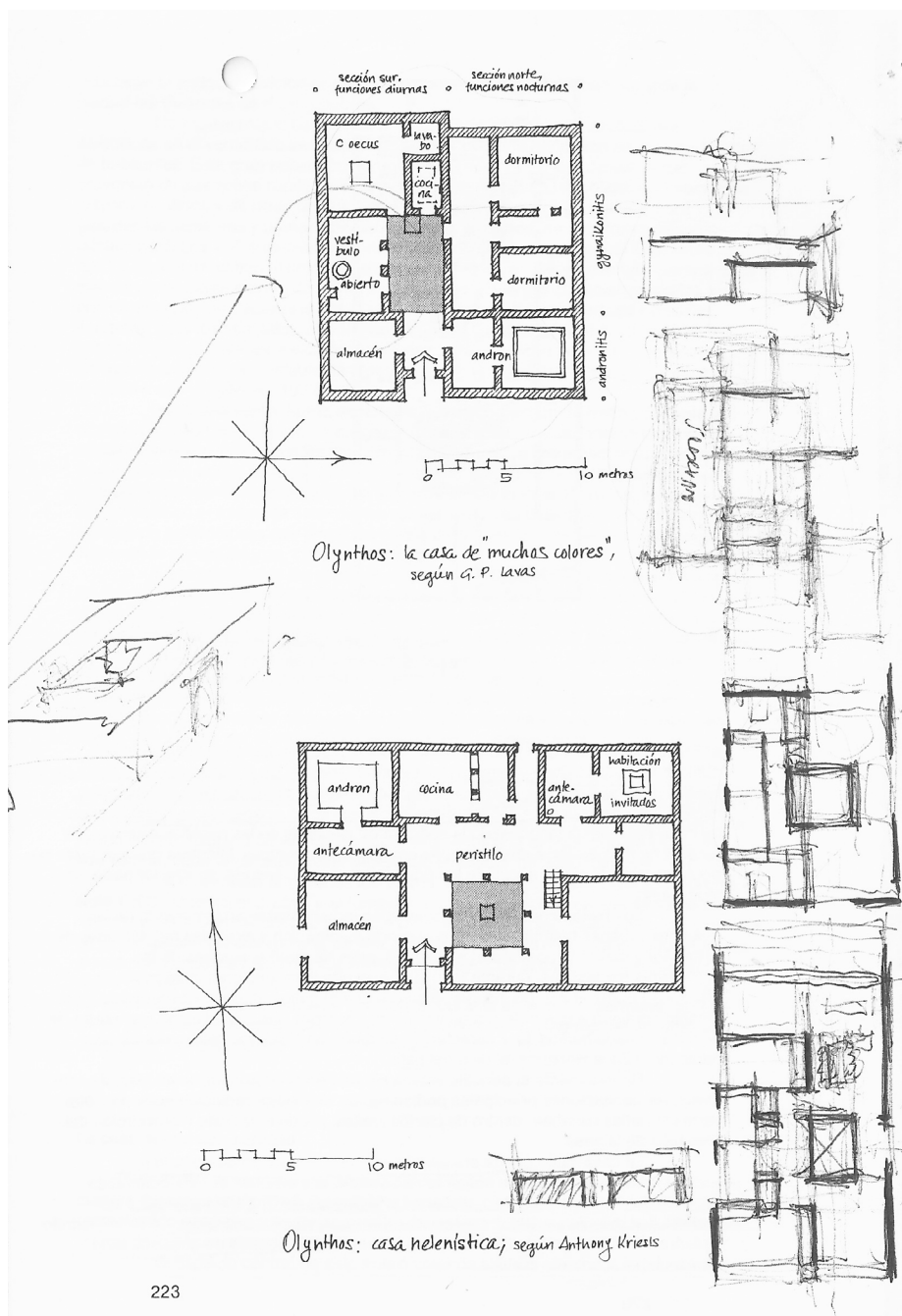


Fig. 23. Esquissos sobre fotocópia do livro 6.000 anos do habitar

Uma incursão pela história

A determinado momento do processo de concepção surge a necessidade de revisitar formas de habitar antigas relacionadas com a temática das casas pátio, particularmente em torno do mediterrâneo. Da pesquisa efetuada houve um período em particular sobre o qual se focaliza uma maior atenção, o Grego e Romano, que terão bastante influência na evolução do projeto. 63

Fruto desta incursão, repensa-se mais uma vez o papel do pátio na habitação e coloca-se em causa a análise antes efetuada. O pátio que se abria para sul fecha-se agora, tornando-se num espaço ainda mais íntimo e introspetivo, dando aso a uma série de pequenos esboços feitos à margem da própria fotocópia estudada (figura Fig. 23), num registo quase lúdico. Das referências estudadas, a mais marcante e que originou a reformulação do pátio foi a Casa de muitas cores em Olynthos.

Nessa habitação, apresentada na figura Fig. 23, parte inferior, é visível uma clara divisão por zonas, de atividades noturnas e diurnas²⁰, um pouco à semelhança da lógica que se pretende implementar no projeto. É possível perceber também algumas relações interessantes do pátio com os compartimentos adjacentes, nomeadamente com a entrada e com um “vestíbulo coberto e aberto para norte que se utilizava como área de refeições e também como área de uso geral”²⁰. Este princípio de um espaço de refeições coberto voltado para o pátio está já presente nesta nova proposta e repetir-se-á até à proposta final, revelando-se nas relações visuais entre o pátio, a mesa de refeições e o jardim a poente.

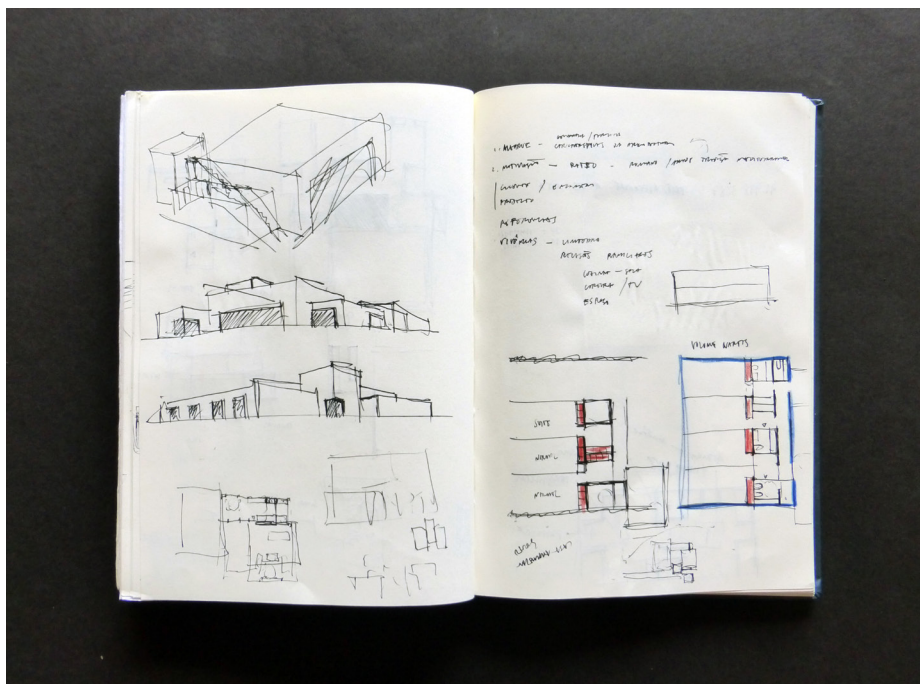
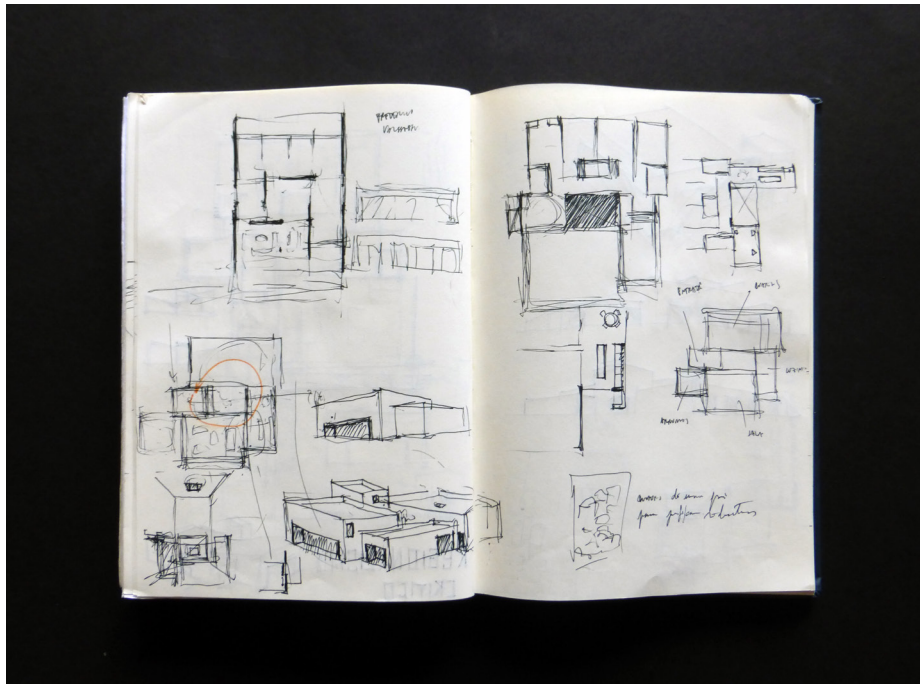


Fig. 24. Estudos de relações volumétricas (em cima)

Fig. 25. Estudos de perspectivas da proposta (em baixo)

A exploração da volumetria

Apesar da regularidade geométrica das plantas dos exemplos estudados, começa a surgir nesta fase uma tentativa de aproximação da implantação da proposta à geometria do terreno. A implantação que anteriormente era regular agora procura acomodar-se ao lote. 65

No entanto esta aparente maior “desfragmentação” não se remete apenas à planta, sendo que também em altimetria se procura relações espaciais diferentes. A zona social corresponde ao pé direito maior, composta pela sala, cozinha e átrio de entrada e a zona íntima corresponde ao pé direito mais baixo, onde se localizam os quartos e instalações sanitárias.

Como complemento ao volume da habitação, surge agora um volume anexo, de pé direito inferior, correspondente à garagem, lavandaria e arrumos. Este volume ajudava, no meu entender, a conter e rematar o percurso de acesso à habitação, e também a criar o pano de fundo necessário para à fixação da piscina.

Esta exploração volumétrica, tratando os volumes da habitação como se de caixas se tratassem, surge quase como um reflexo daquilo que é a minha imagem de algumas das paisagens do sul europeu, incluindo de Portugal. Apercebi-me desta relação ao constatar que os volumes propostos procuravam mimetizar a paisagem presente numa pintura reproduzida pelo meu pai existente na sala de estar da casa onde costumamos passar férias.

Relativamente à casa romana, uma variação das casas etruscas e gregas, é também possível estabelecer algumas relações de proximidade com o projeto proposto. À semelhança das casas gregas que procuravam relacionar a zona da refeição com o pátio²¹, também as casas romanas reservavam especial importância para os compartimentos relacionados com o pátio. Neste contexto, é possível estabelecer uma analogia entre o *tablinum* (originalmente o dormitório principal, convertido posteriormente numa sala de receção) e a sala de estar, mais especificamente com a zona da refeição, cuja posição central é mais uma semelhança partilhada com o exemplo romano.

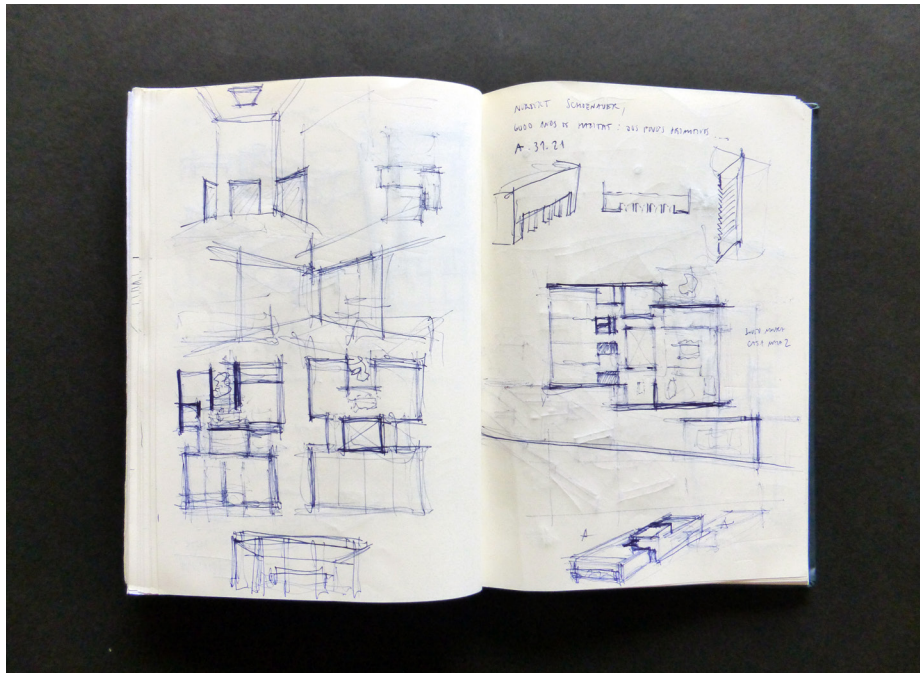


Fig. 26. Estudos de aproximação à solução final (em cima)

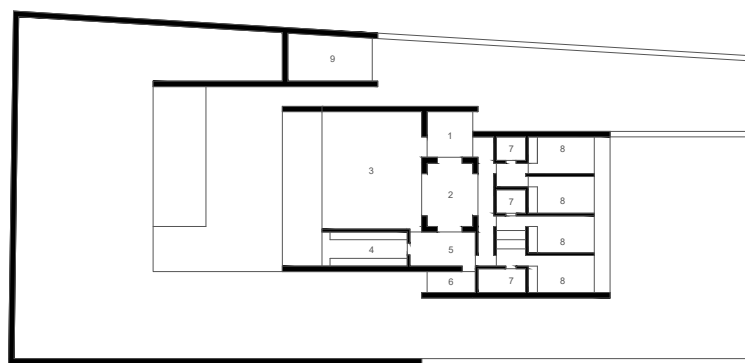
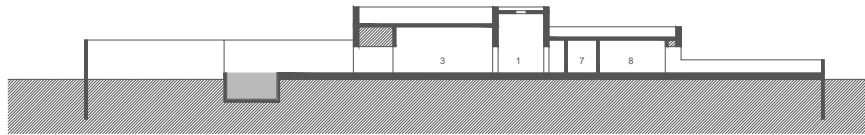
Fig. 27. Impluvium da Casa del tramezzo (em baixo)

O *impluvium* romano

Outro elemento da arquitetura romana que me marcou bastante foi o *atrium vettiorum*, um vestíbulo central com abertura zenital para entrada de luz, mas que também serviria de *compluvium*, permitindo a recolha de águas da chuva que ficaria depositada num *impluvium*, espécie de tanque retangular com sensivelmente 30 cm de profundidade²⁰. 67

A existência deste espaço possibilitava também regular a temperatura do interior²², fazendo uma transição com o exterior. Este tema da transição remete para memórias de um trabalho realizado sobre a Quinta da Malagueira anos antes, onde Siza afirma a importância do pátio pela mesma razão, a “necessidade de criar um microclima de transição entre as condições climáticas do exterior e interior”²².

Assim, tenta-se adaptar nesta proposta a inclusão de um átrio de entrada, que permitisse a transição entre um clima exterior e interior, mas também uma transição de escalas, na medida em que o átrio teria o pé direito mais elevado e a zona social e os quartos teriam um pé direito progressivamente mais baixo.



1. Átrio entrada 2. Pátio 3. Sala de estar 4. Cozinha 5. Espaço ambíguo 6. Lavandaria
7. Instalação sanitária 8. Quarto 9. Garagem

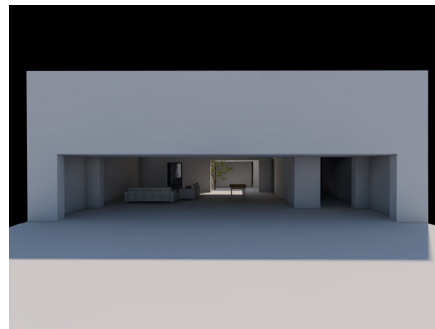
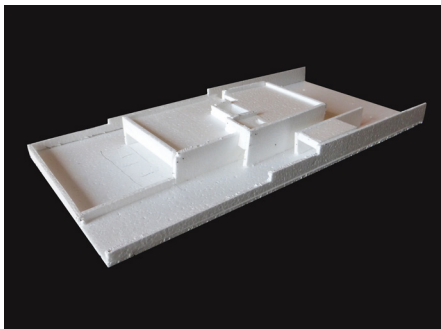


Fig. 28. Planta e corte longitudinal da proposta (em cima)

Fig. 29. Maqueta da proposta e imagem 3D da zona social (em baixo)

A penúltima proposta

A proposta final correspondente a este momento consiste então numa clara separação entre a zona de lazer e de dormir, em continuidade com os desenvolvimentos anteriores. Na zona íntima, voltada a nascente, é possível constatar a presença de quatro quartos, dois deles suites, e os outros dois servidos por uma instalação sanitária que serviria também a restante casa. A zona social, voltada para poente, estabelece uma relação com a piscina e com a maior profundidade do lote, e é constituída pela sala de estar, sala de jantar e cozinha. A cozinha é complementada pela lavandaria, acessível a partir de um compartimento sem uso designado, que poderia servir de espaço polivalente.

69

Na figura Fig. 29 é possível ver uma maqueta representativa da volumetria geral da casa e a relação existente entre a sala e o pátio.

A mais-valia introduzida no projeto por esta proposta face às anteriores era a possibilidade de percorrer toda a casa em torno do pátio, criando múltiplos acessos aos diversos espaços e facilitando diferentes tipos de relações entre estes. Outro fator positivo introduzido pela proposta é a variação volumétrica e de escala dos vários espaços causada pelas mudanças de pé direito no interior da casa e pela tentativa de acompanhar a variação de largura do lote.

Contudo esta não viria a ser a proposta final. A necessidade de um muro que protegesse as vistas para os quartos do percurso a norte da casa faz com que esta entre num novo domínio de linguagem arquitetónica, a composição por planos cuja transição é explicada no momento seguinte.

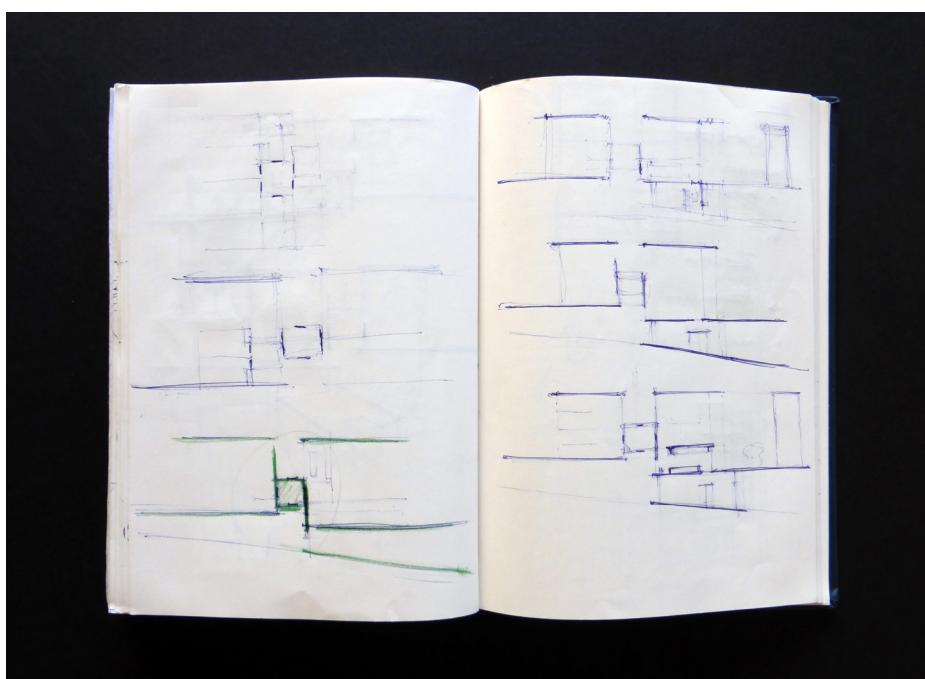
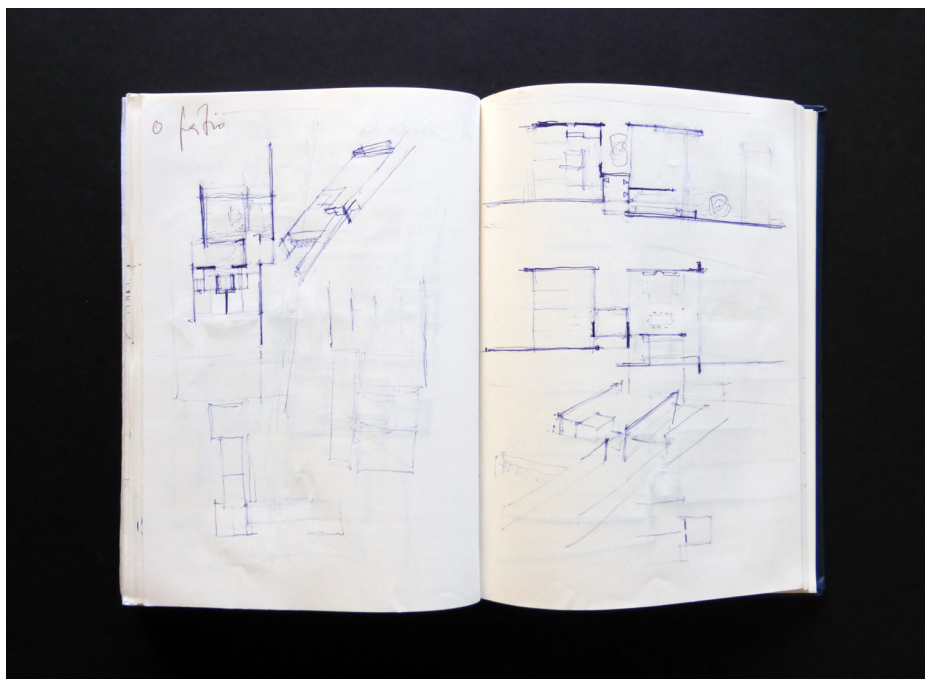


Fig. 30. 1ª fase de transição da proposta

Fig. 31. 2ª fase de transição da proposta

6º MOMENTO

A presente sequência de imagens pretende ilustrar o processo de transformação do 5º momento para o 6º momento do projeto, através de fotografias de esboços desenhados no caderno de processo. 71

Na figura Fig. 30 é possível perceber a importância que as paredes norte da casa adquirem face à proposta do momento anterior. É a afirmação destas paredes enquanto muro que sugerem a exploração da linguagem de planos.

A figura Fig. 31 representa as hesitações e experiências na redefinição dos limites a norte, assim como a continuidade, face ao anterior momento, da criação de um átrio de entrada.

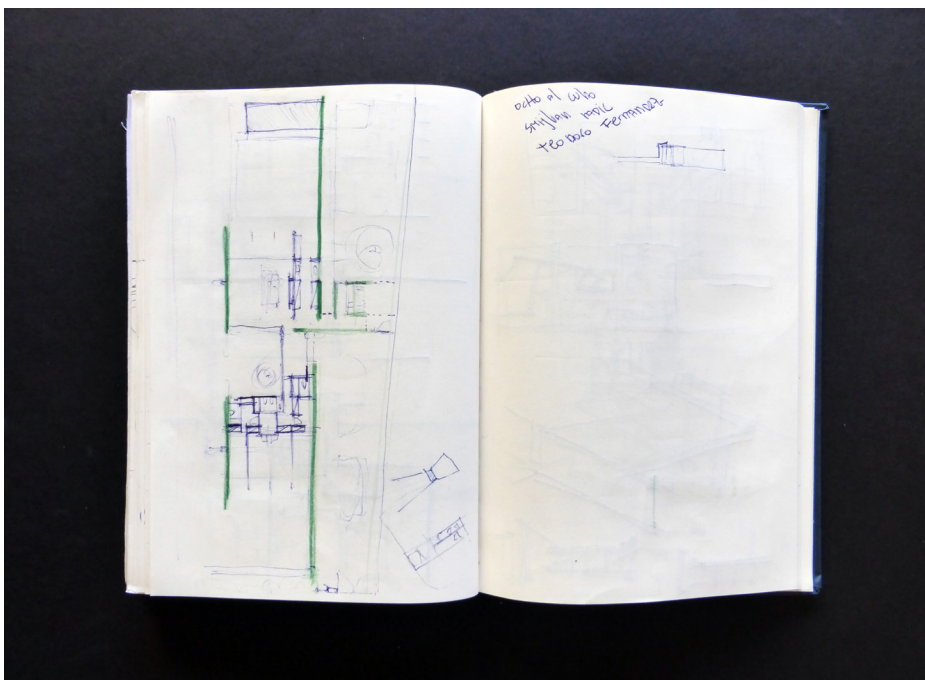
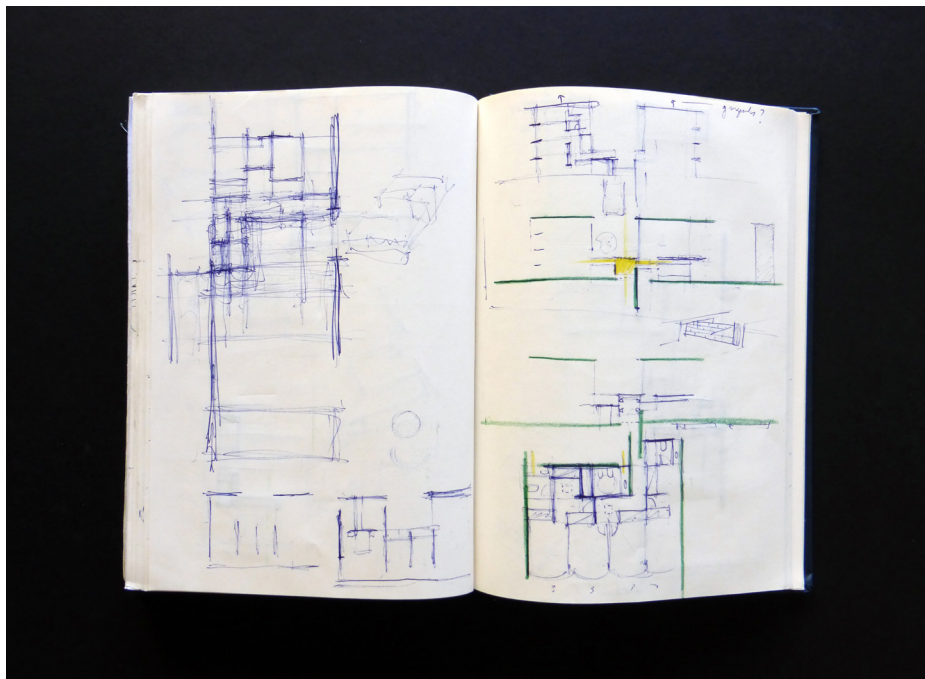


Fig. 32. 3ª fase de transição da proposta
Fig. 33. 4ª fase de transição da proposta

Após a fixação dos planos exteriores percebe-se nos esquissos da figura Fig. 32 o início de uma incursão pelos planos interiores. É visível na página da direita a marcação do momento de entrada por um plano transversal aos muros que delimitam a casa. 73

Na figura Fig. 33 o programa da casa encontra-se já de forma geral fixado, percebendo-se a criação de um átrio adicional na zona dos quartos.

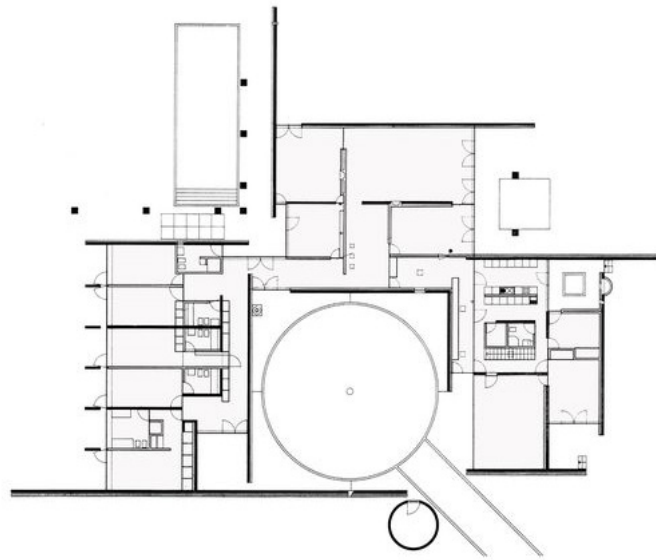


Fig. 34. *Casa em Alcanena*, Eduardo Souto Moura
Fig. 35. *Brick House*, Mies Van der Rohe

Uma composição de planos

A sequência de imagens presentes nas páginas anteriores pretendem demonstrar de forma o mais precisa possível o processo de transformação a que a proposta anterior foi sujeita, denotando a consciencialização da importância do plano vertical. É possível perceber a partir destes desenhos que a sequência de planos verticais fragmentados, constituída pelo muro longitudinal do jardim, a parede da zona íntima, a parede da zona social e por fim a parede da garagem onde remata a piscina, se começa a fundir, criando um único plano. *“Deste modo, é compreensível a recuperação da importância da divisória da parede, entendida como definição de limite, elemento constitutivo de âmbitos espaciais e gerador de significados e funções diferentes, se não contrapostos.”*²⁴

Neste momento o projeto entra num campo de conceção relacionável com algumas das obras de Eduardo Souto de Moura que, *“parte, antes da transformação concreta do sítio, da realidade, atingindo laboriosamente, com gestos discretos e precisos, e assumindo alguns elementos da linguagem de Mies como modelo a adotar, os objetivos primários do projeto”*.²⁵

Não se pretende com a utilização de uma composição de planos verticais semelhantes a cópia, mas antes a reflexão e reinterpretação do seu uso, e acima de tudo experimentar a sua viabilidade como ferramenta de projeto.

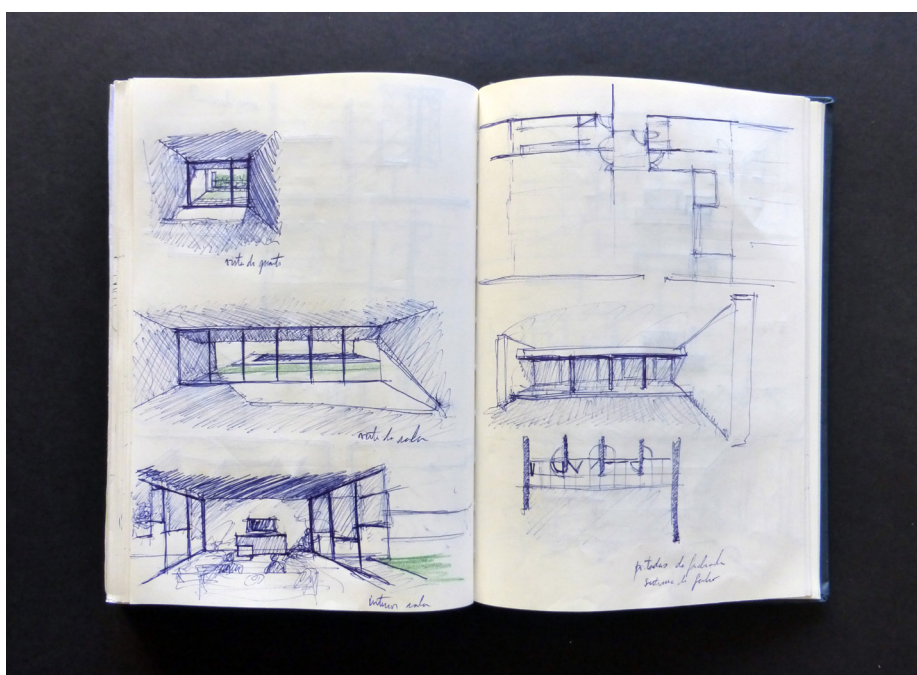
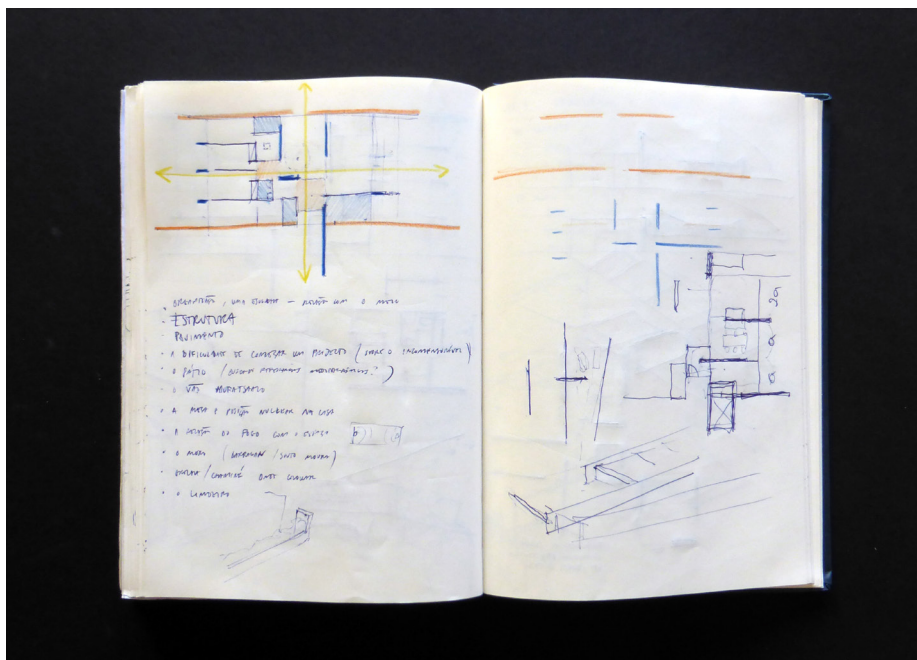


Fig. 36. Esquema da composição estrutural (em cima)

Fig. 37. Estudo da relação dos enquadramentos visuais com os planos (em baixo)

A importância da divisória da parede não se restringe no entanto à constituição de âmbitos espaciais e diferentes funções, assumindo além da sua vertente estrutural, um carácter compositivo. Essa exploração da composição por planos é algo presente na obra de Souto Moura, mas a sua origem remete para a obra de Mies Van der Rohe, influenciado pela corrente artística da pintura do neoplasticismo.

Na figura Fig. 36 é visível a exploração do carácter compositivo da divisória parietal presente na proposta em desenvolvimento. A sua composição é feita a partir de dois “layers”, a laranja estão representadas as paredes hierarquicamente mais importantes na composição, sendo complementadas pelas paredes secundárias representadas a azul. A composição do ponto de vista plástico fica completa quando aos dois “layers” anteriores se associam os compartimentos pintados a azul, que representam as zonas de águas, instalações sanitárias e cozinha.

A composição alcançada não se deve apenas à vertente plástica, mas acima de tudo à sequência de espaços criados. A abertura dos planos coincide com alinhamentos específicos, representados nos desenhos pelas setas pintadas a amarelo sobre a forma de cruz. Estas representam a exploração da permeabilidade axial existente na proposta. A escolha da localização da mesa de jantar não é alheia a esta atitude, afirmando o seu carácter centralizador na casa, relacionando-a com o pátio e o jardim.

Os esquissos presentes na figura Fig. 37 pretendem ilustrar o estudo do enquadramento da envolvente a partir do interior da casa, controlado a partir do uso dos planos. O maior desenvolvimento longitudinal de um dos planos reflete a preocupação com os enquadramentos da paisagem. Tendo em conta o facto de o acesso à casa ser realizado a norte, o prolongamento deste plano serve não só de proteção climática, como também visual, resguardando as vistas para os quartos. A sua interrupção, marcada por um plano intersectado na perpendicular, afirma a marcação do momento da entrada na casa.

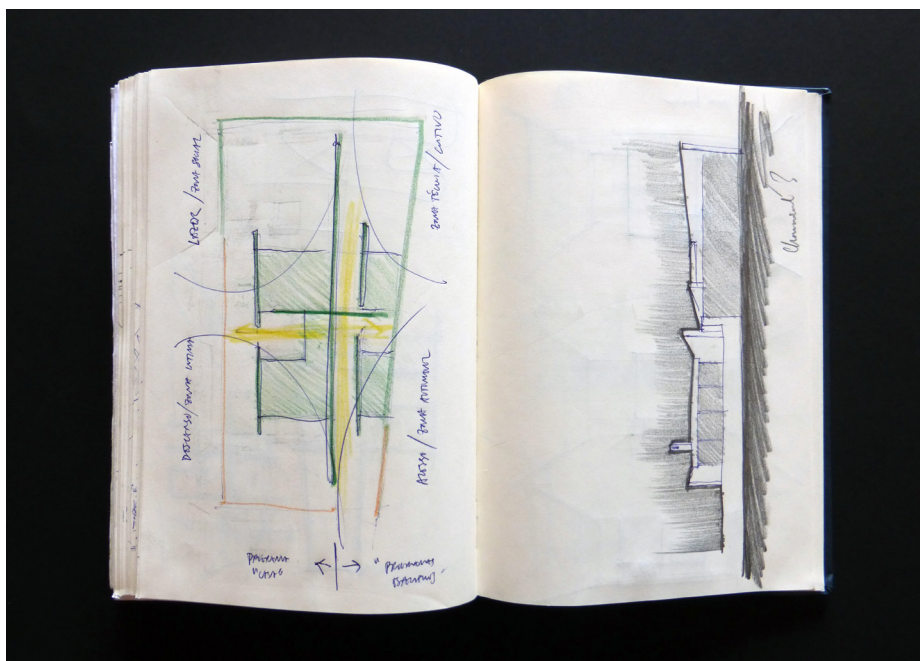
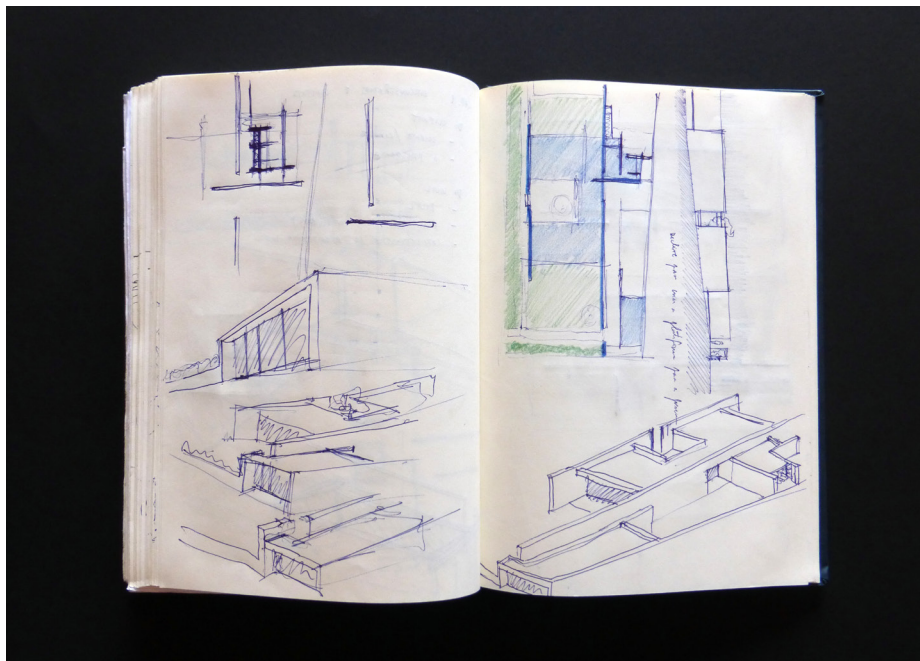


Fig. 38. Estudo da incorporação da garagem no projeto (em cima)

Fig. 39. Esquema funcional da casa e hipótese de alçado (em baixo)

O programa da casa contempla ainda a existência de um lugar para estacionamento automóvel à sombra, uma lavandaria e arrumos. A criação do espaço para o carro revela-se de difícil integração na proposta, devido não só às repercussões no alçado, mas também à relação que esse volume estabelece com a entrada da casa. A solução final seria a sua localização mais distante da frente da casa, criando fricção no percurso de acesso à casa, que depois abriria num espaço de proporções semelhantes às do pátio interno, relacionando-se visualmente.

A localização da lavandaria no exterior da habitação está relacionada com a polivalência que a separação dos espaços lhe confere, uma vez que a casa poderá servir para arrendamento temporário e nessa situação as roupas e atoalhados da casa ficariam confinados a um espaço que poderia ser restrito. A sua localização no quadrante noroeste da casa facilita a relação com a cozinha, servida por uma porta de serviço. Como complemento deste volume existe ainda um pequeno espaço para guardar lenha para o inverno e os arrumos, que serve para guardar todas as ferramentas necessárias à manutenção da casa. Rapidamente se tornou perceptível que o espaço restante deste quadrante é a localização ideal para uma pequena zona de cultivo, contida entre o plano branco do muro e a lavandaria e arrumos.

Com esta organização, pode-se considerar que a casa é constituída por quatro momentos: a sudeste a área de descanso ou zona íntima, a nordeste os acessos, a sudoeste a área social da casa e a noroeste a zona técnica e de cultivo. A relação entre estes espaços fica marcada pela extensão do muro branco que percorre toda a casa, separando os espaços a poente, e pelos dois pátios que se relacionam visualmente, o interior e o exterior, separando o programa nascente do poente.



Fig. 40. Fotografia do poço com o engenho e a sua relação com o tanque e a vegetação

Arranjos exteriores

81

*“Cerca de grandes muros quem te sonhas.
Depois, onde é visível o jardim
Através do portão de grade dada,
Põe quantas flores são as mais risonhas,
Para que te conheçam só assim.
Onde ninguém o vir não ponhas nada.*

*Faze canteiros como os que outros têm,
Onde os olhares possam entrever
O teu jardim como lho vais mostrar.
Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,
Deixa as flores que vêm do chão crescer
E deixa as ervas naturais medrar.*

*Faze de ti um duplo ser guardado;
E que ninguém, que veja e fite, possa
Saber mais que um jardim de quem tu és -
Um jardim ostensivo e reservado,
Por trás do qual a flor nativa roça
A erva tão pobre que nem tu a vês...”*

Poema de Fernando Pessoa, in ‘Cancioneiro’

Tendo em conta a questão presente no poema sobre “o teu jardim como lhe vais mostrar”, convém recordar as preocupações com a manutenção e os gastos de água demonstradas pelo cliente, sendo esta questão de facto preponderante numa habitação de uso sazonal, onde a manutenção dos espaços ajardinados não é realizada de forma continuada.

Assim, quanto ao tratamento dos espaços exteriores, a opção passou pela integração da vegetação natural no projeto, conferindo-lhe a capacidade de mudar a sua aparência com as mudanças das estações, alternando entre o amarelo da vegetação seca no verão com o verde causado pela proliferação de trevos na primavera.

Então, à semelhança do poema deixa-se “as ervas naturais medrar” incorporadas nos arranjos exteriores, ajardina-se os espaços em contacto com a frente da casa e a zona social “onde é visível o jardim”, reservando o pátio para o limoeiro, fazendo do espaço “um duplo ser guardado”, o coração da casa.

3

O projeto

Descrição e apresentação

85

A impossibilidade de construir na faixa perimetral do lote dita a localização central da habitação, explorando a profundidade do terreno a nascente e poente.

A sul apenas um rasgo é aberto para o pátio, permitindo que este se relacione com o engenho da nora, mecanismo tradicionalmente usado para extração da água do poço auxiliada por tração animal, remetendo os habitantes da casa às memórias do passado do lugar.

A excessiva fragmentação da envolvente requer cuidado no momento da escolha de abertura de vãos e seu enquadramento, e serve também de justificação para a separação do programa em três volumes.

O volume principal divide-se em duas grandes áreas escolhidas em função da exposição solar. A nascente, beneficiando do sol pela manhã localiza-se a zona íntima, composta por quatro quartos sendo dois deles suites complementados por uma casa de banho de serviço para uso comum. Mais relacionada com o período do dia da tarde, situa-se a zona social da casa, que consiste num espaço amplo a que corresponde a zona de estar e de refeições à qual está associada uma cozinha. A introdução do pátio permite que a zona social beneficie de luz natural durante todo o dia, assim como a expansão do espaço de estar para dois exteriores distintos, o jardim a poente onde se situa a piscina e o pátio com um limoeiro de carácter mais introspectivo.

Os restantes volumes da casa situam-se a norte do grande muro branco que reforça a horizontalidade da proposta e a sua relação privilegiada com a profundidade do lote. Mais próximo da entrada existe uma zona coberta para estacionamento automóvel, seguida de um muro em pedra calcária típica da região perpendicular ao plano do muro branco, marcando a entrada da casa. Depois de passado o muro de pedra, encontra-se a zona da lavandaria e arrumos, que tem ligação à casa a partir da porta de serviço da cozinha. Ainda a norte e ao fundo do lote situa-se uma instalação sanitária de apoio à área de piscina e à área de cultivo que lhe fica adjacente.

O facto de se tratar de uma casa de férias, que se quer diferente do lugar onde se vive regularmente, associado à história da utilização do lugar motiva a incorporação da zona de cultivo. A casa incorpora também a vegetação natural que cobre o terreno e que lhe confere uma noção muito particular das estações do ano, ficando revestida a verde nos períodos húmidos e amarelo nos períodos de seca.

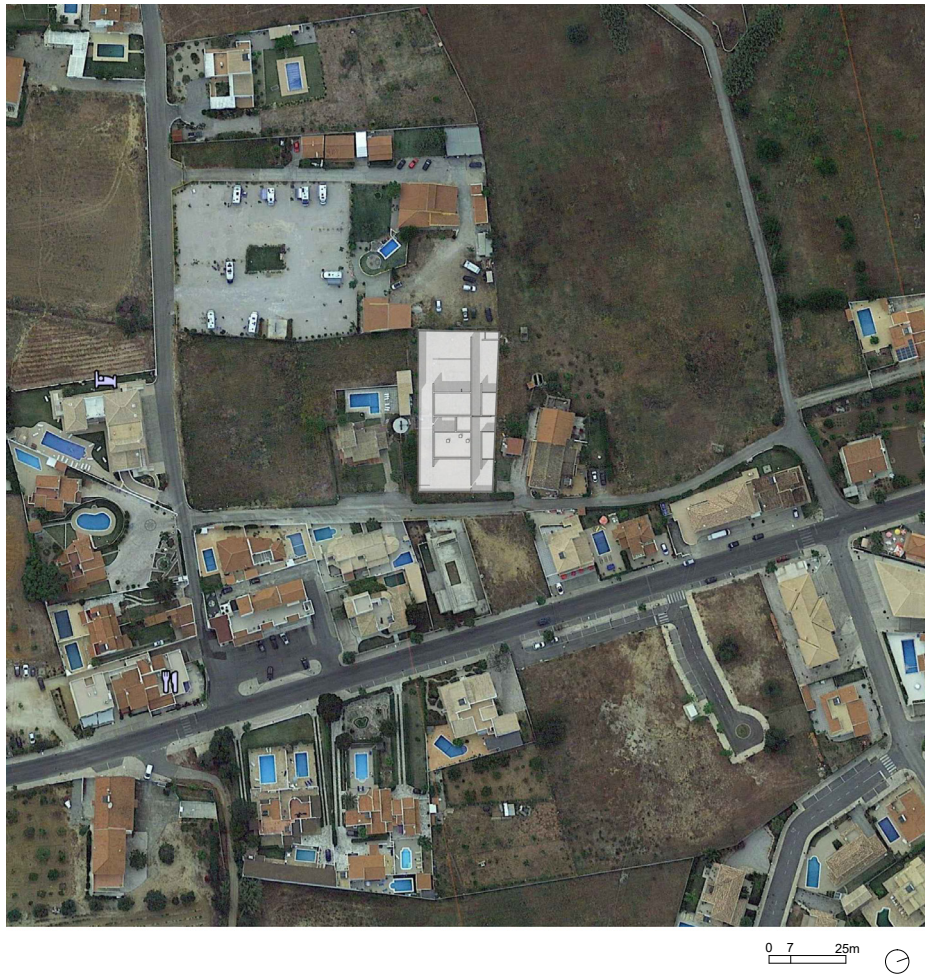


Fig. 41. Ortofotomapa da envolvente

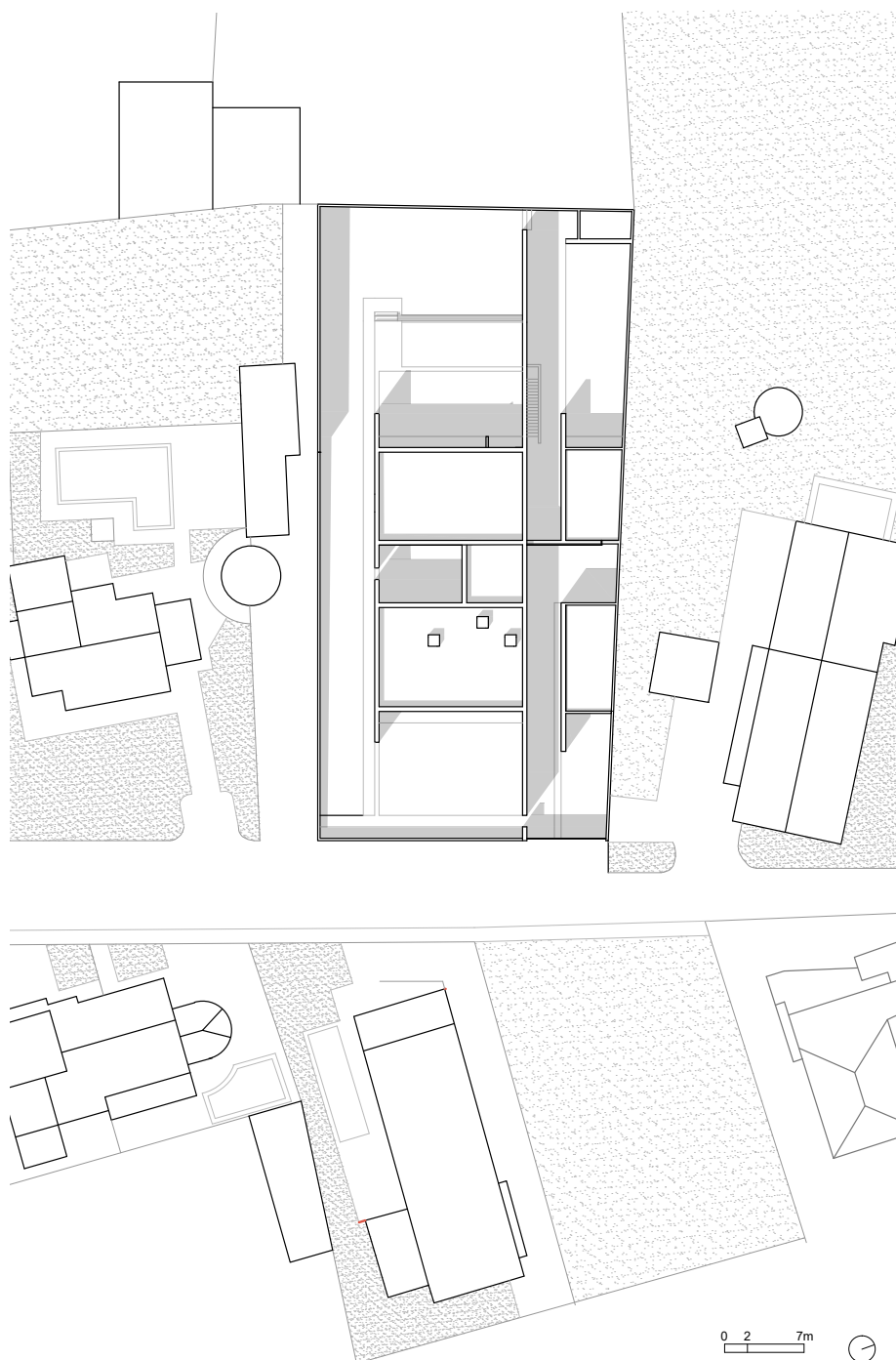


Fig. 42. Planta de implantação



Fig. 43. Enquadramento do engenho a partir do pátio

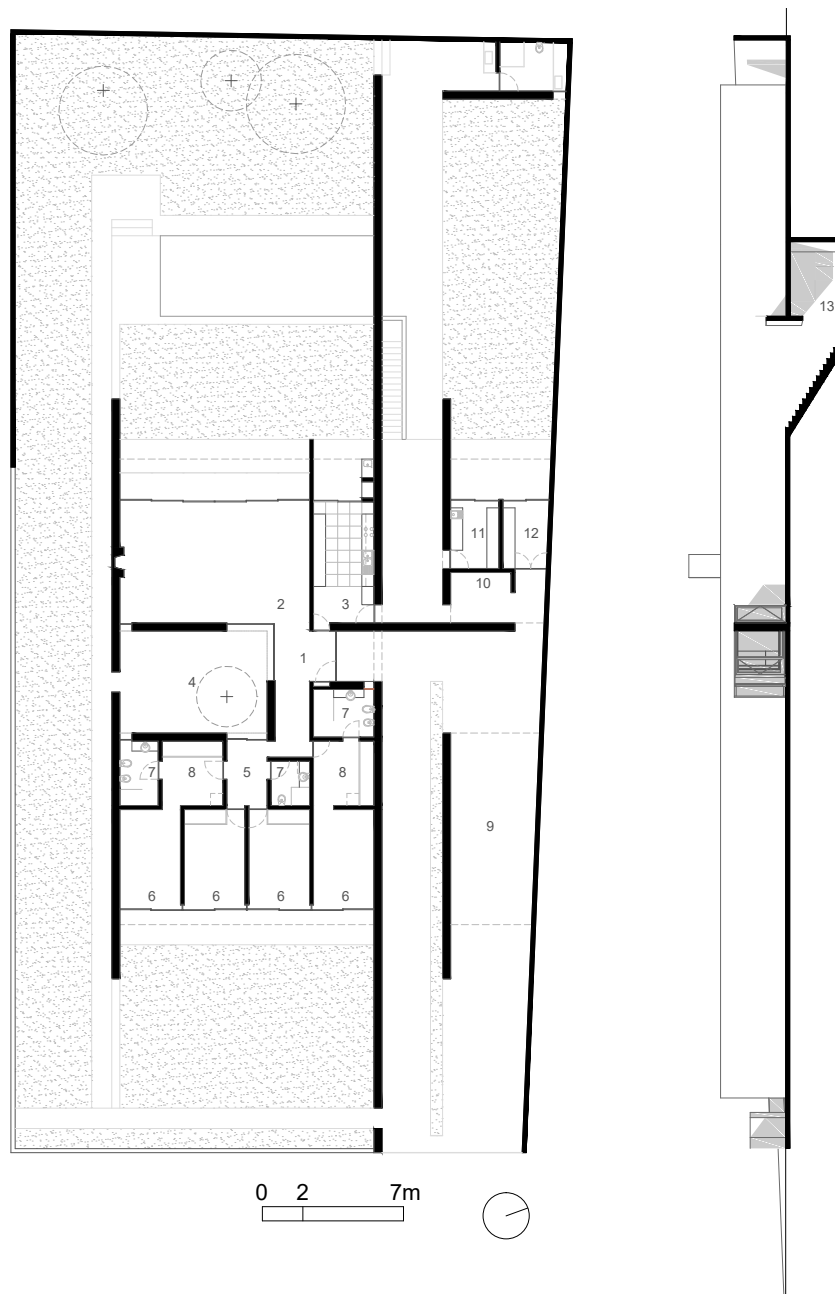


Fig. 44. Planta do R/C

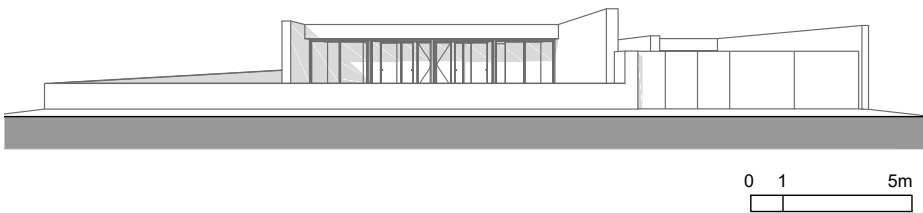


Fig. 45. Enquadramento com a rua e a casa existente (em cima)
Fig. 46. Alçado frontal perspectivado (em baixo)

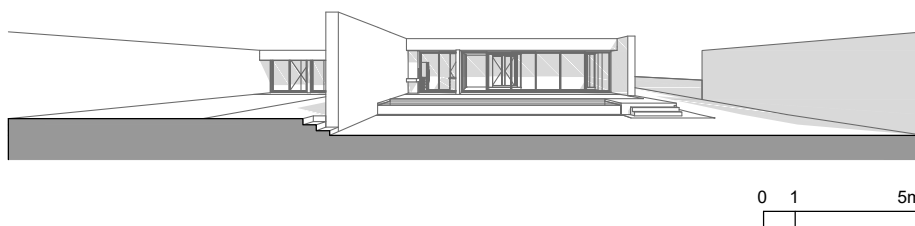


Fig. 47. Relação entre a área de lazer com a piscina e zona de cultivo (em cima)
Fig. 48. Alçado do tardo perspetivado (em baixo)

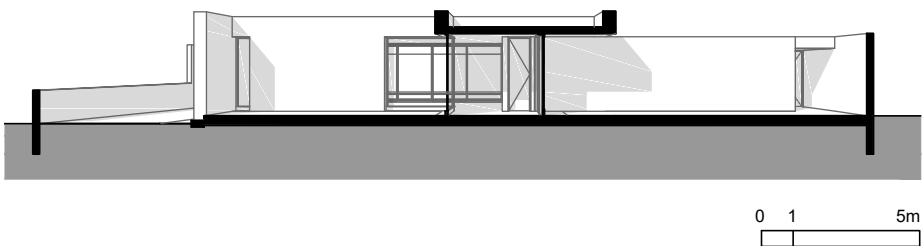


Fig. 49. Relação da entrada com o pátio (em cima)
Fig. 50. Corte transversal pelo pátio (em baixo)

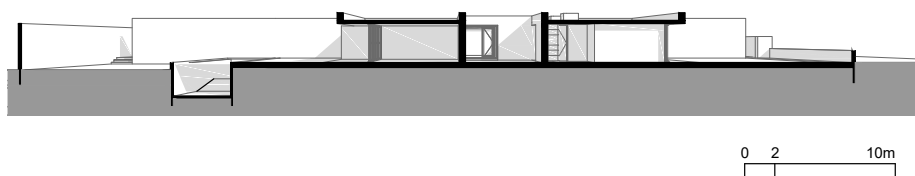


Fig. 51. Atmosfera do pátio com o limoeiro (em cima)
Fig. 52. Corte longitudinal pelo pátio (em baixo)

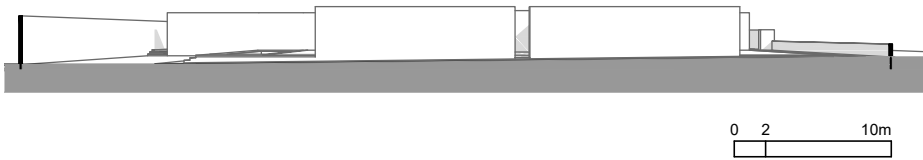


Fig. 53. Percurso lateral
Fig. 54. Alçado sul

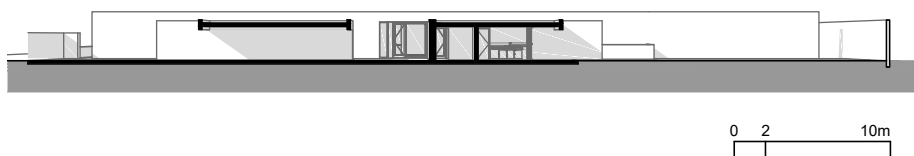


Fig. 55. Zona de lazer (em cima)

Fig. 56. Corte longitudinal pelo estacionamento automóvel e lavanderia (em baixo)



Fig. 57. Relação do átrio dos quartos com o pátio (em cima)
Fig. 58. Corte transversal pelas claraboias(em baixo)



Fig. 59. Relação da sala com o pátio (em cima)

Fig. 60. Corte transversal pela sala e cozinha (em baixo)



Fig. 61. Alçado parcial Esc. 1:20

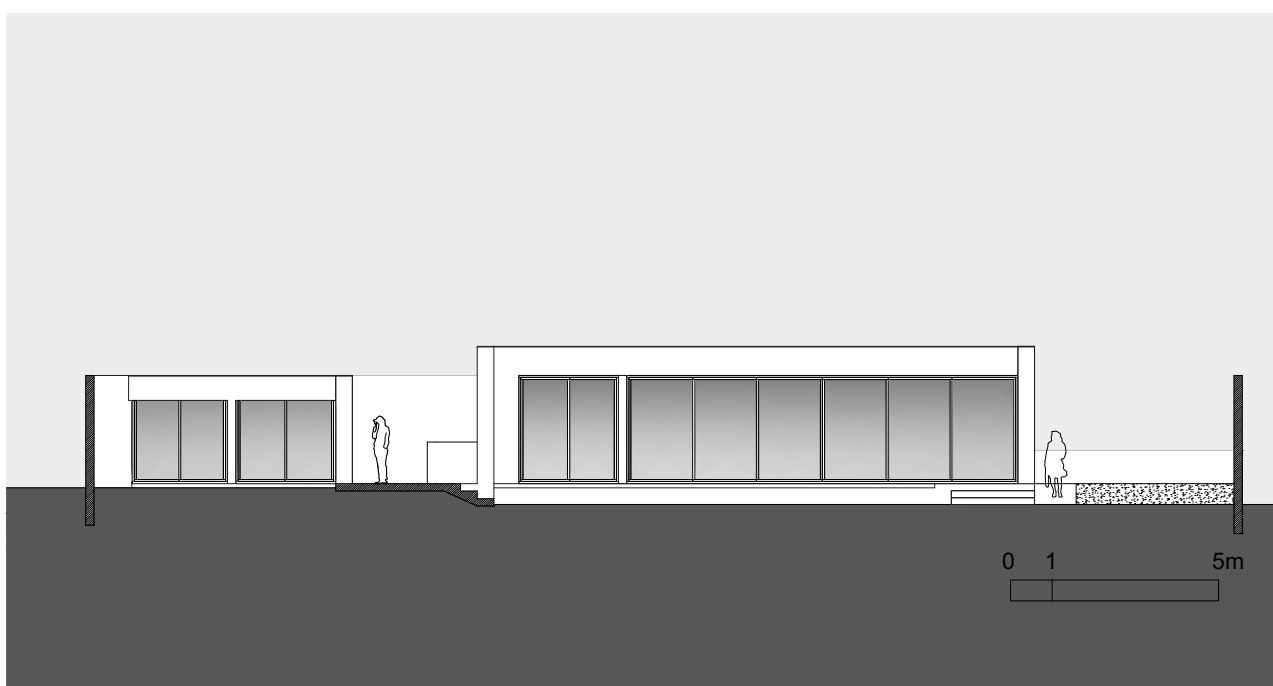
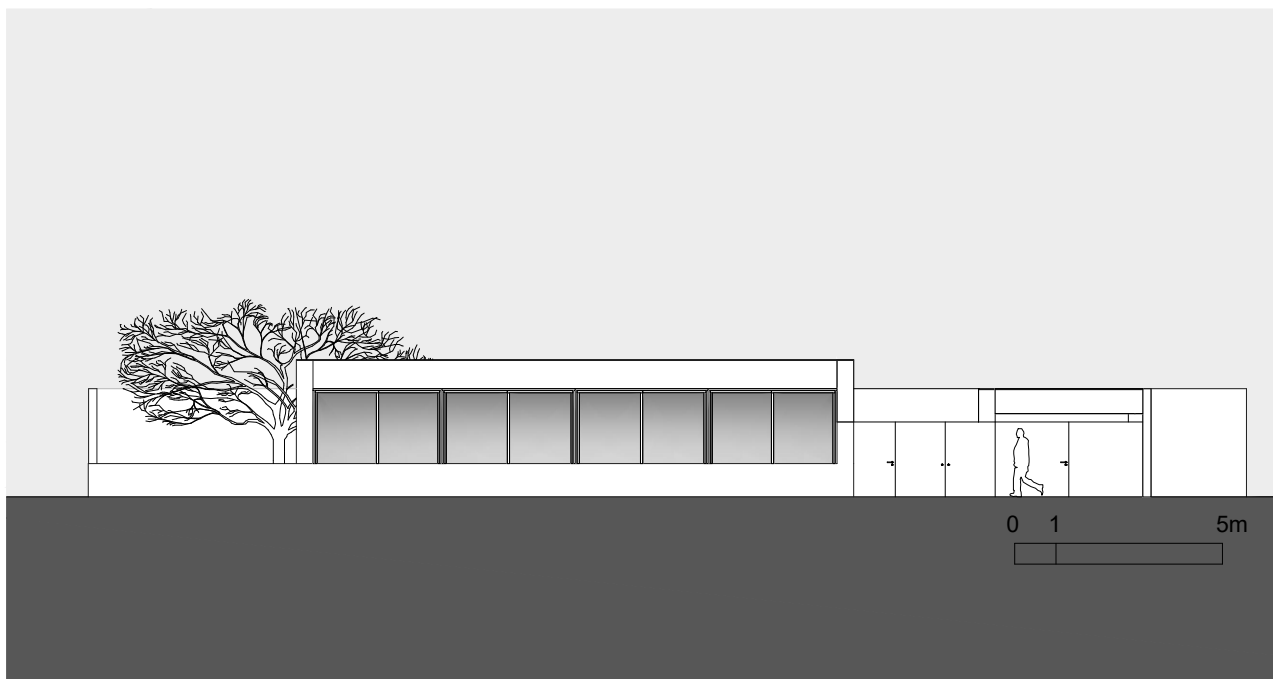


Fig. 62. Alçado Nascente (em cima)

Fig. 63. Alçado Poente (em baixo)

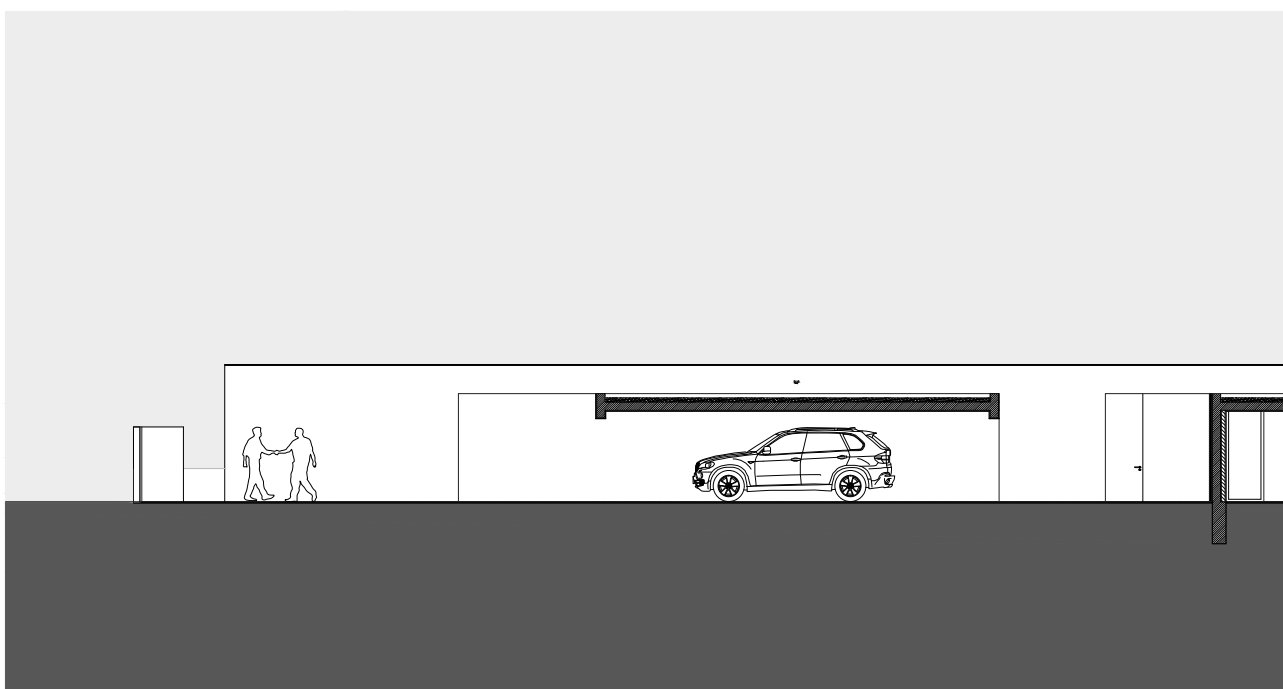
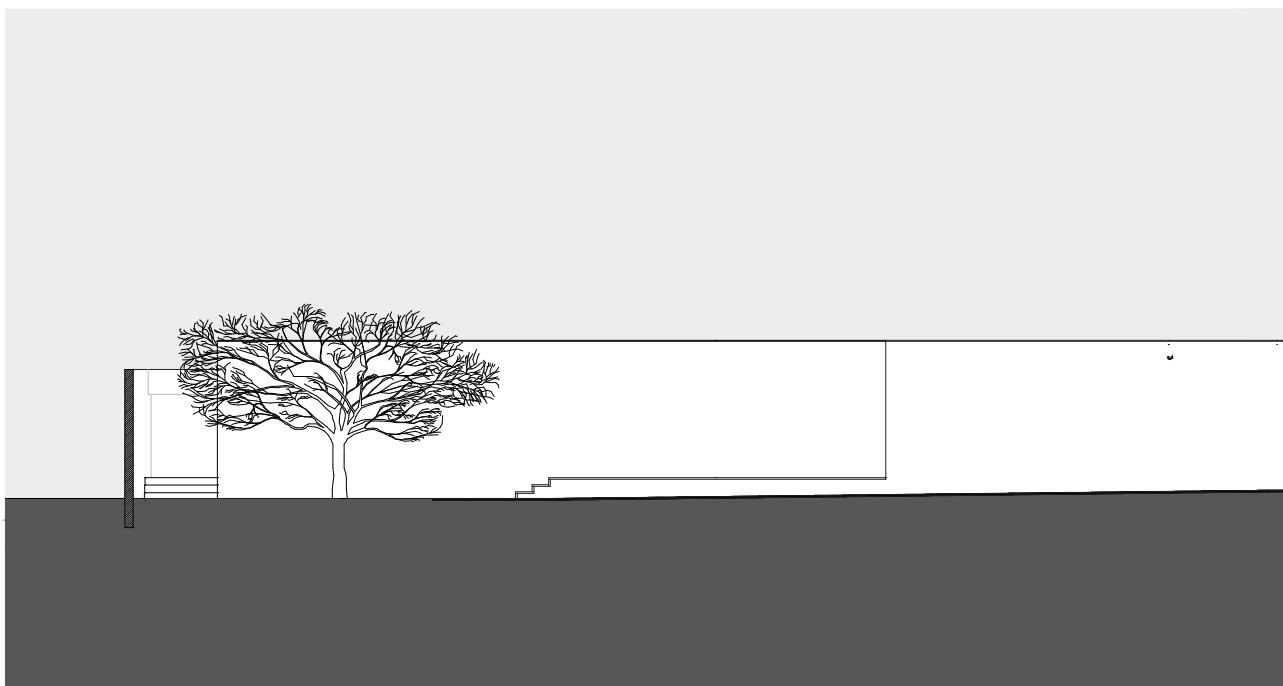
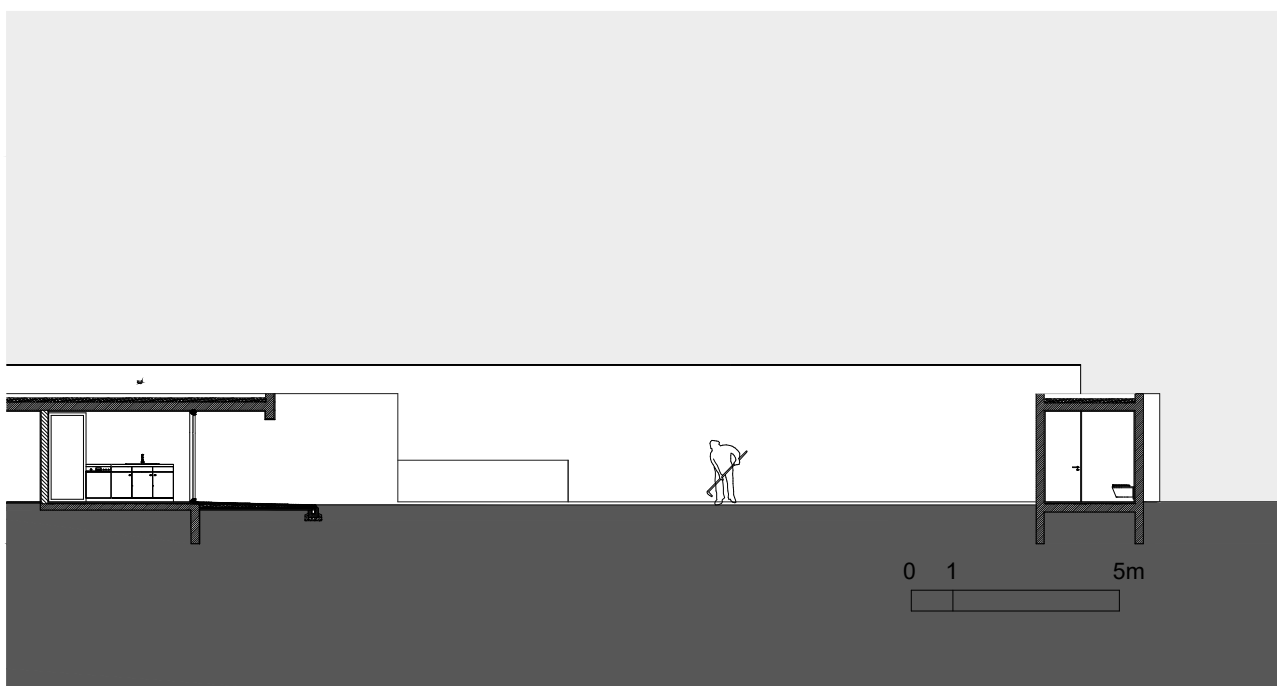
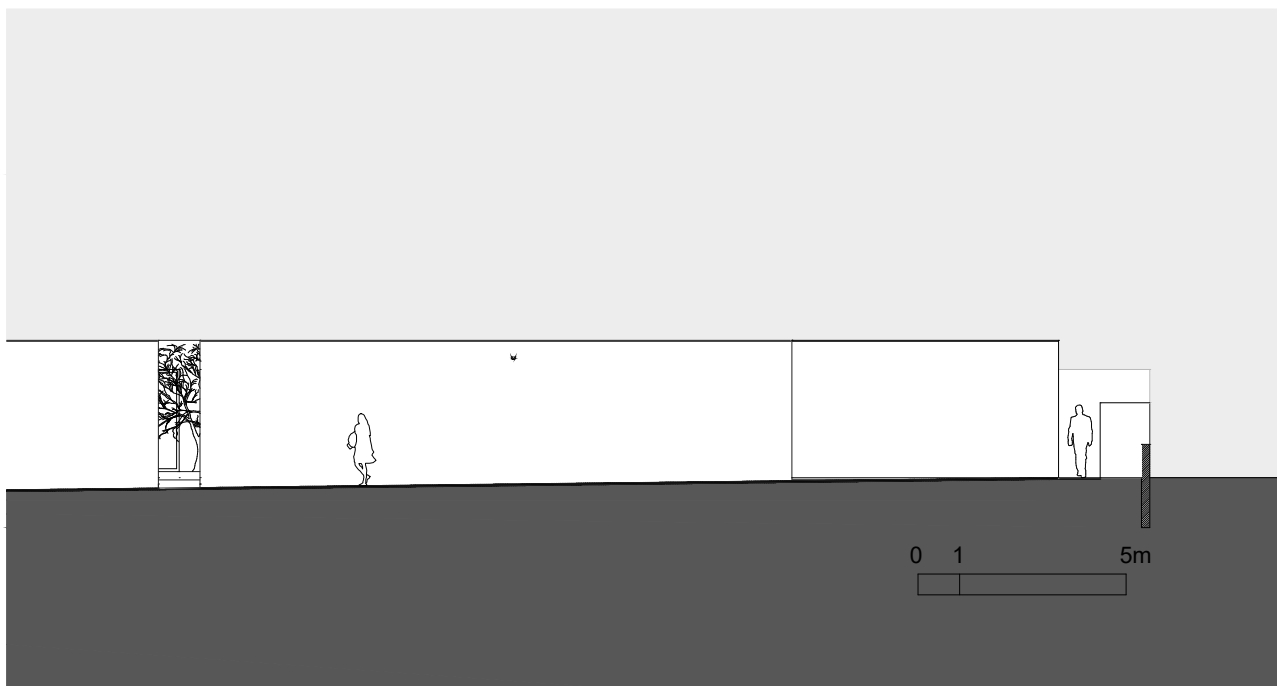


Fig. 64. Alçado Sul (em cima)

Fig. 65. Secção Norte (em baixo)



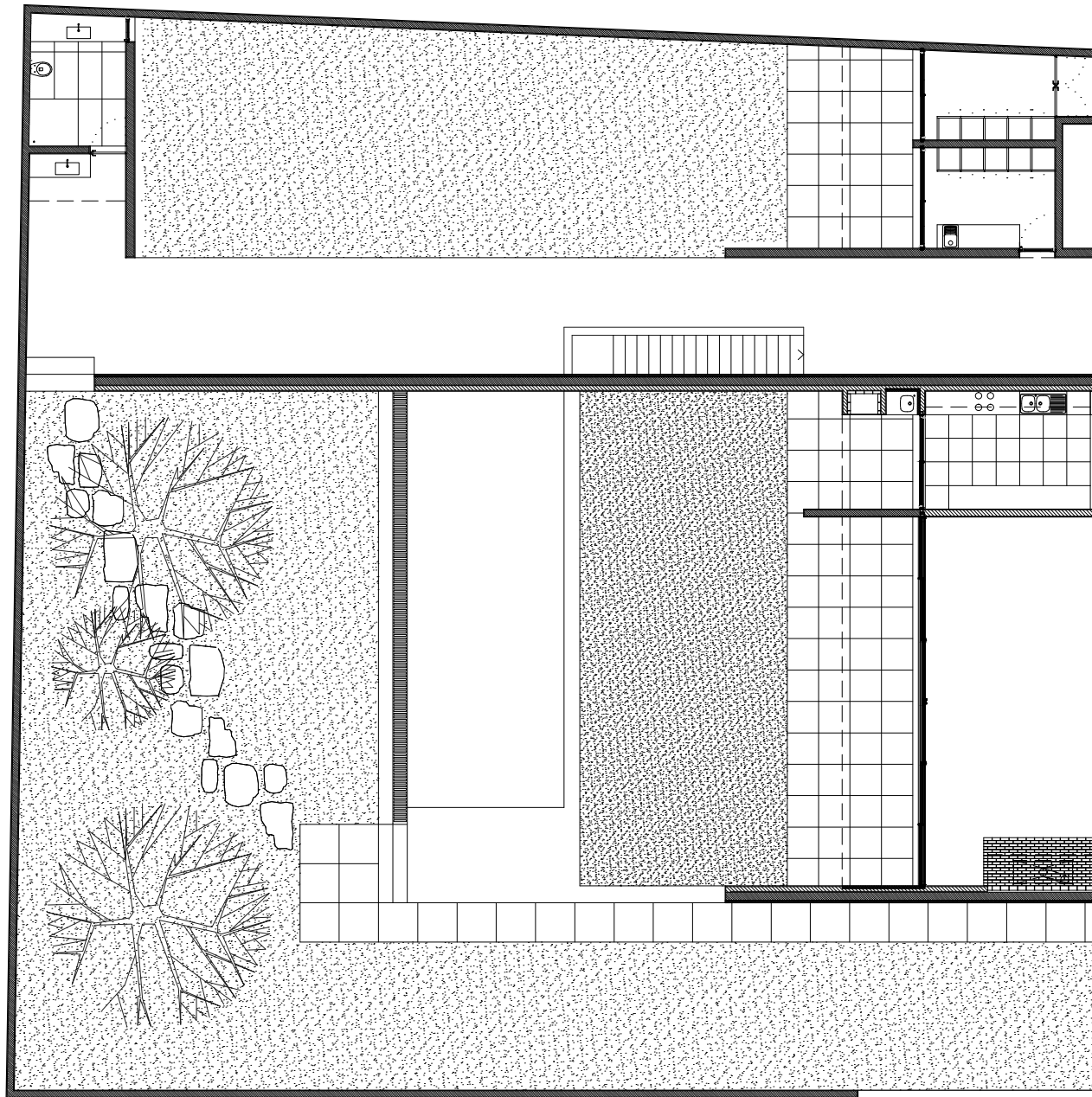
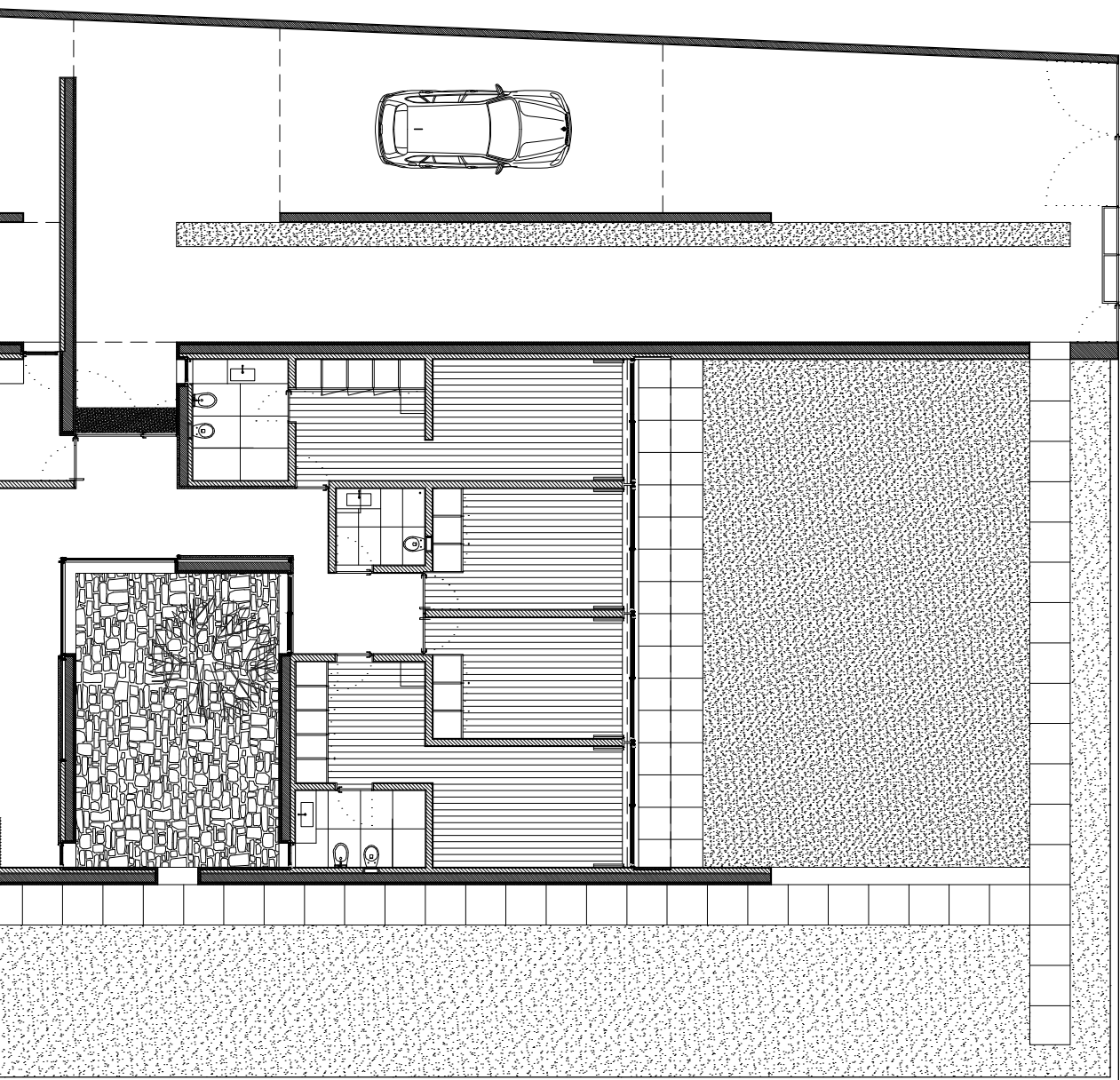


Fig. 66. Planta de piso



0 1 5m



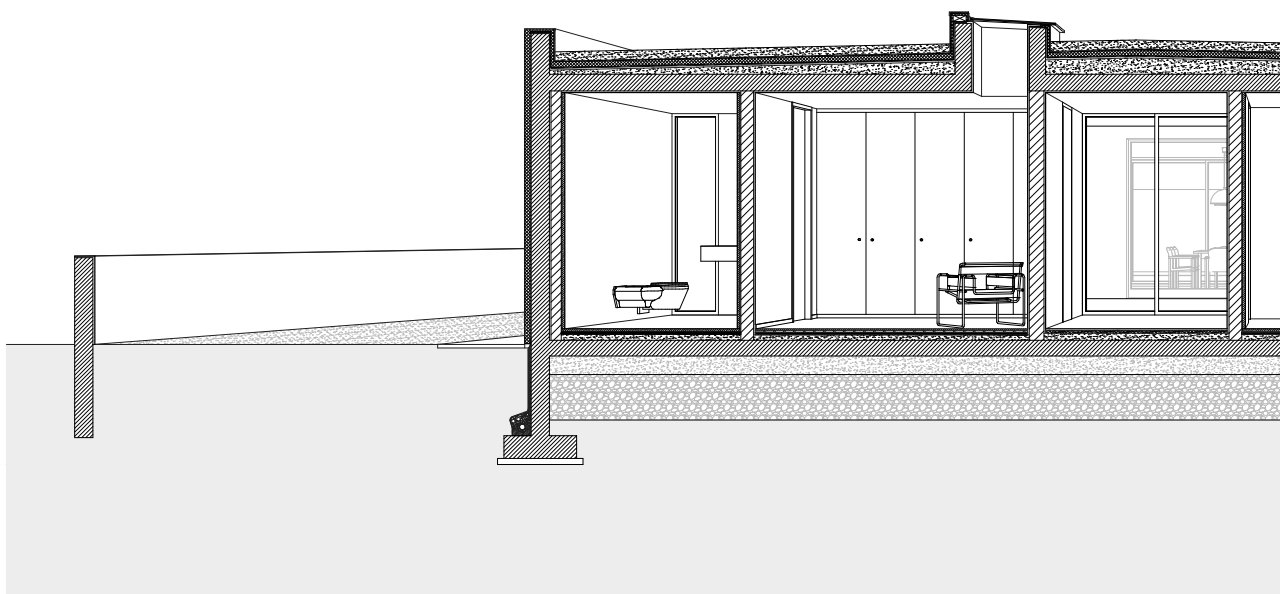
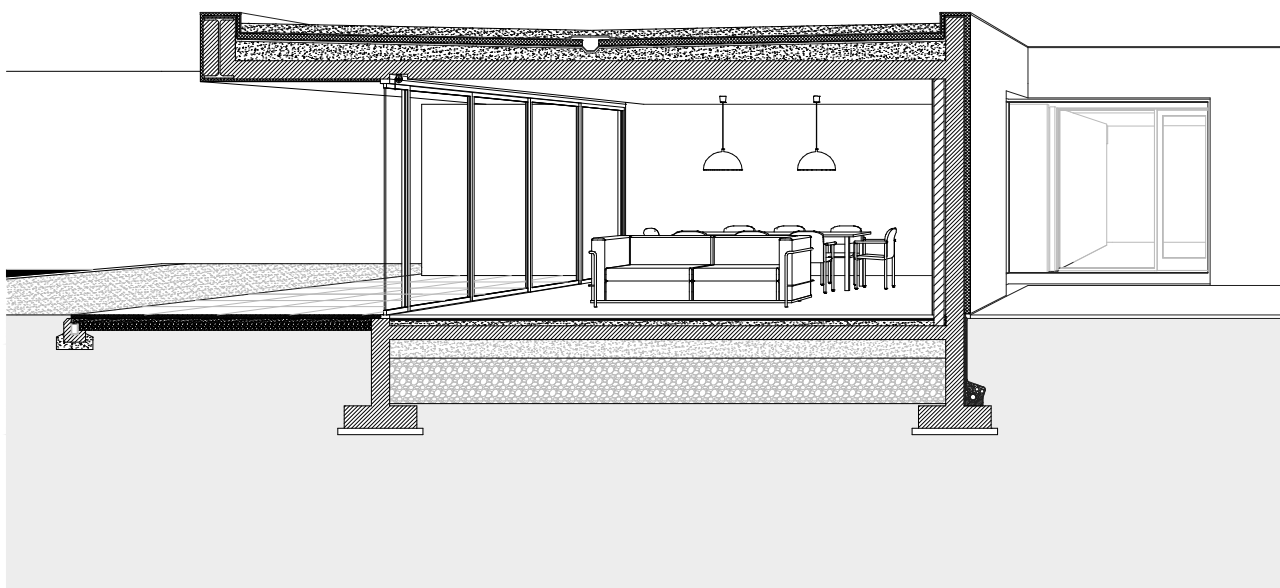
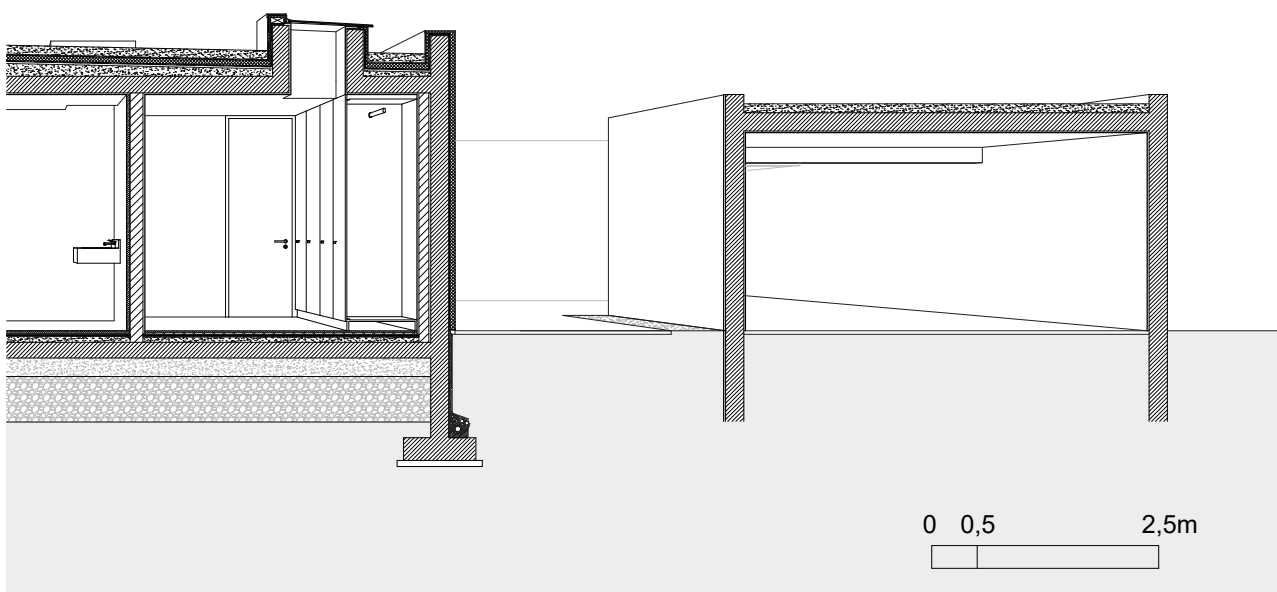
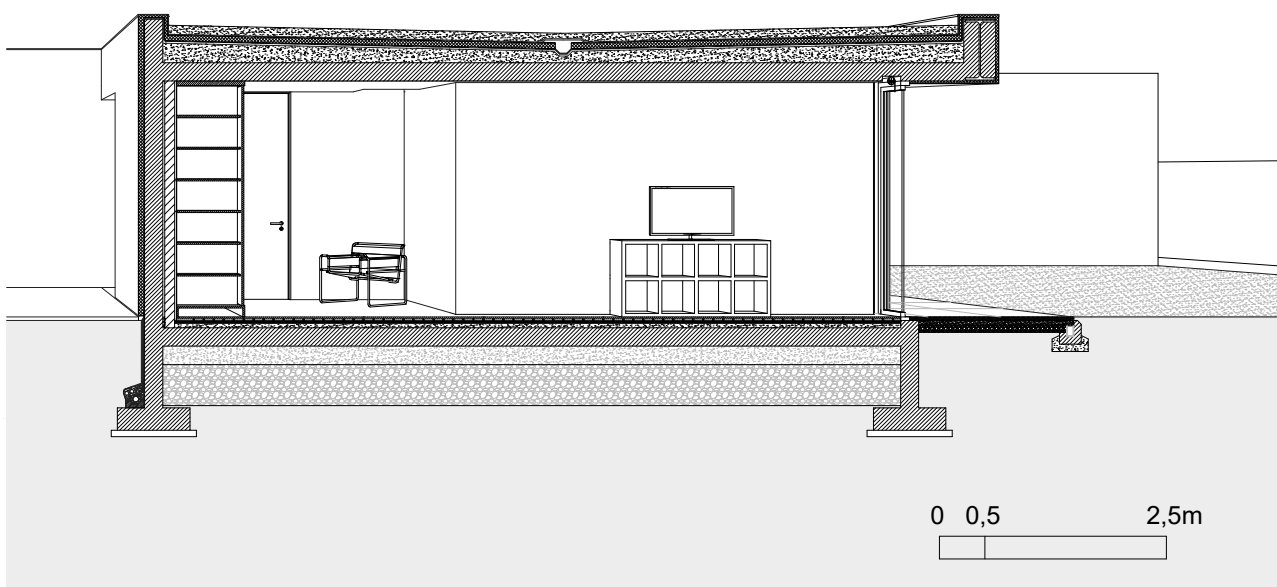


Fig. 67. Corte construtivo longitudinal (em cima)

Fig. 68. Corte construtivo transversal pelas claraboias(em baixo)



Considerações finais

“Projetar: há um princípio quase em nebulosa, raramente arbitrário.

109

Perpassa a história toda, local e estranha, e a geografia, histórias de pessoas e experiências sucessivas, as coisas novas entrevistas, música, literatura, os êxitos e os fracassos, impressões, cheiros e ruídos, encontros ocasionais. Uma película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos.

Uma grande viagem em espiral sem princípio nem fim, na qual se entra quase ao acaso. Comboio assaltado em movimento.

É preciso parar e ser oportuno na paragem.

Agora entra a razão, com os seus limites e a sua eficácia.

Talvez retomar a viagem?”²⁷

Álvaro Siza (2009)

A realização deste trabalho num contexto de fase final de formação académica permite uma aproximação, ainda num contexto de formação, à realidade da profissão. Com o desenvolvimento deste processo, toma-se contato com o primeiro cliente real e por consequência a todas as condicionantes associadas. É nesta relação que se poderá chamar tripartida entre arquiteto, cliente e condicionantes que se desenvolve o processo de um projeto, cabendo ao arquiteto o papel de “compreender e ordenar”, conforme refere Peter Zumthor na citação com que se introduz a dissertação.

O processo de conceção de um projeto é algo que raramente se desenvolve de forma linear, assumindo na generalidade das vezes um carácter difuso. É nesse contexto que a definição de “Projetar” de Álvaro Siza é bastante pertinente como consideração final, sendo possível por analogia estabelecer alguns paralelismos.

Síntese cronológica do processo

110 1º Momento: O primeiro contato com o projeto dá-se de forma descomprometida, junto da família na praia da Galé. Não se trata de uma proposta concreta, mas antes da busca de uma intenção, de separar a vida íntima da social na casa. Simultaneamente surge a ideia e vontade de incluir no projeto um pátio e um limoeiro.

2º Momento: Este momento corresponde a um reconhecimento do programa e sua dimensão, sobre a forma de um projeto marcadamente influenciado por referências consultadas. É nesta altura que começam a surgir as primeiras tentativas de integração da vegetação natural na proposta.

3º Momento: A solução anterior não satisfaz a intenção que o primeiro momento demonstra, o que conseqüentemente, leva a um repensar e reconfigurar do pátio. Surge a ideia de relacionar este novo espaço (pátio) com o antigo engenho presente na casa do lado. A vontade de colocar o limoeiro num espaço distinto leva a explorar a forma elíptica para a configuração do pátio.

4º Momento: A busca de referências continua e é através de uma destas que se despoleta a regularização da proposta anterior, abandonando a elipse e cobertura inclinada.

5º Momento: Surge a necessidade de perceber a forma como os pátios eram usados nas culturas da antiguidade, focando-se a pesquisa principalmente sobre as casas gregas e romanas. Esta pesquisa reflete-se na configuração do pátio mais contido e com a possibilidade de circulação em seu redor. Reinterpreta-se o *impluvium* romano como átrio de receção da casa.

6º Momento: O movimento de planos na proposta anterior incita a utilização de modelos como o das casas pátio de Eduardo Souto Moura. As paredes assumem o papel de planos numa composição planimétrica, diferenciando espaços e respetivos usos.

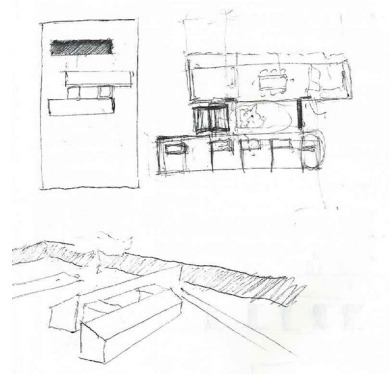
Recuperando os vários momentos do processo é possível constatar que o “princípio quase em nebulosa: raramente arbitrário” poderia perfeitamente representar a primeira proposta, que apesar de toda a indefinição, apontava já para uma organização e separação de zona social e íntima que viria a verificar-se na proposta final. 111

A segunda passagem do texto, representa um pouco todas as circunstâncias, condicionantes, influências e impulsos que vão surgindo ao longo de todo o processo, numa “película em velocidade acelerada suspensa aqui e ali, em nítidos quadradinhos” que podem corresponder os vários momentos apresentados.

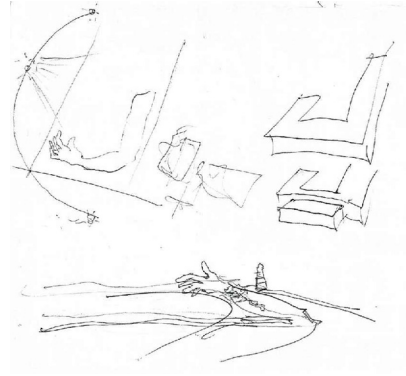
Quando se refere a necessidade de “parar e ser oportuno na paragem” fala-se na concretização e materialização de uma proposta, fruto da inevitabilidade dos prazos.

Por fim deixa-se em aberto a hipótese de se “retomar a viagem”, o que pode significar a vontade de continuar a trabalhar sobre o mesmo projeto ou partir para outro, tendo sempre em consideração que o resultado será sempre diferente, na medida em que o seu contexto e circunstâncias se alteram.

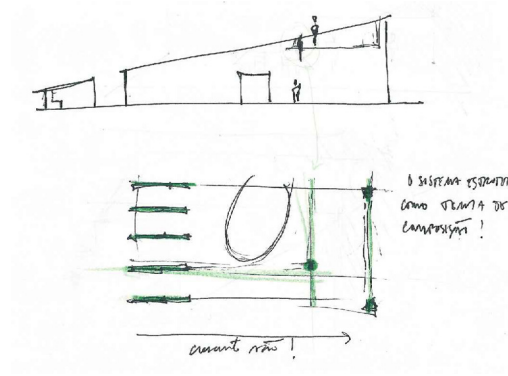
1º Momento



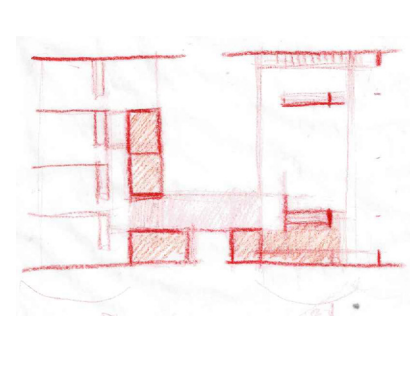
2º Momento



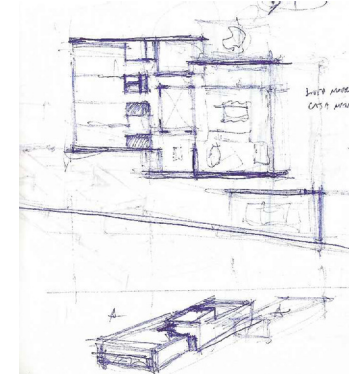
3º Momento



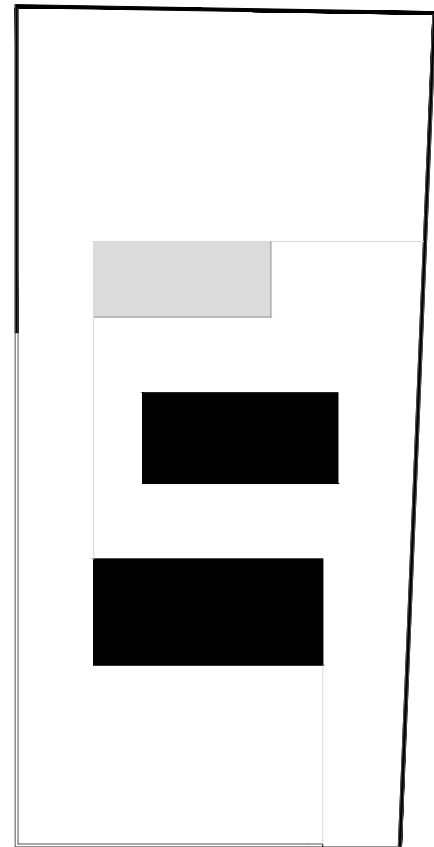
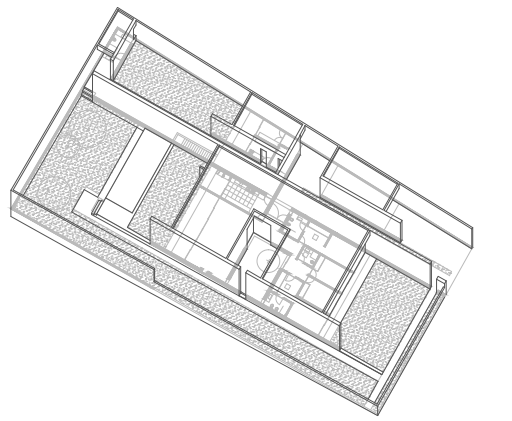
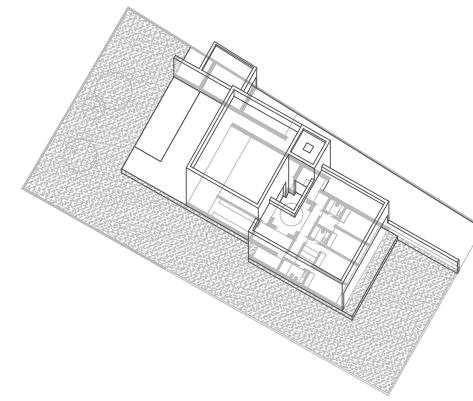
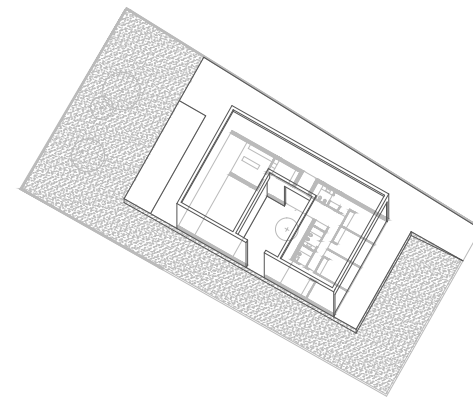
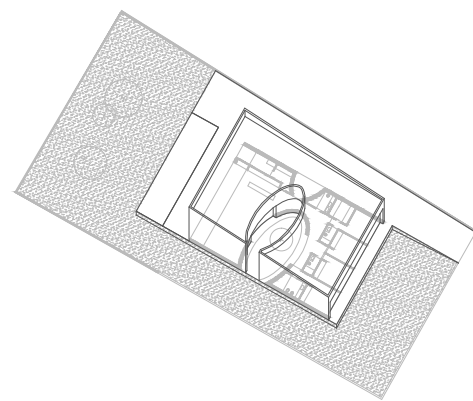
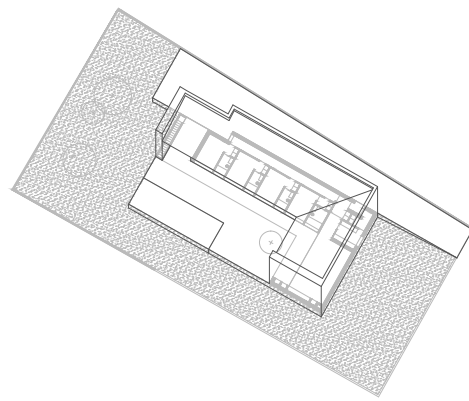
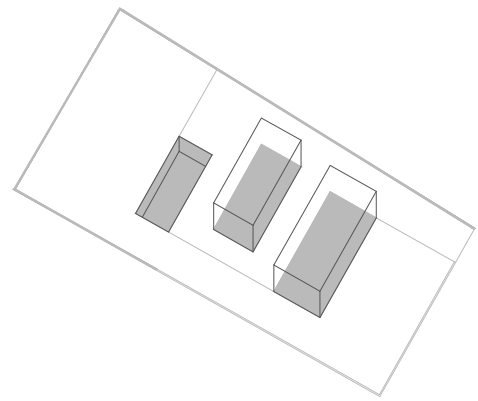
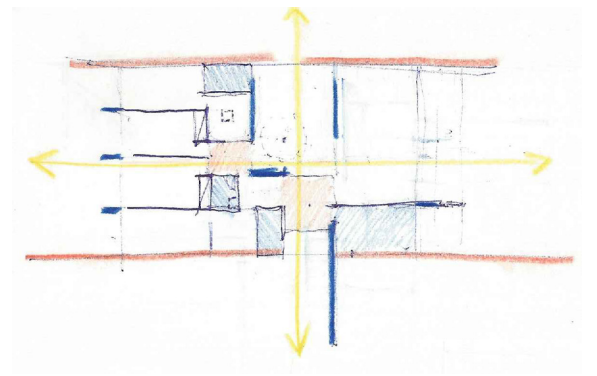
4º Momento



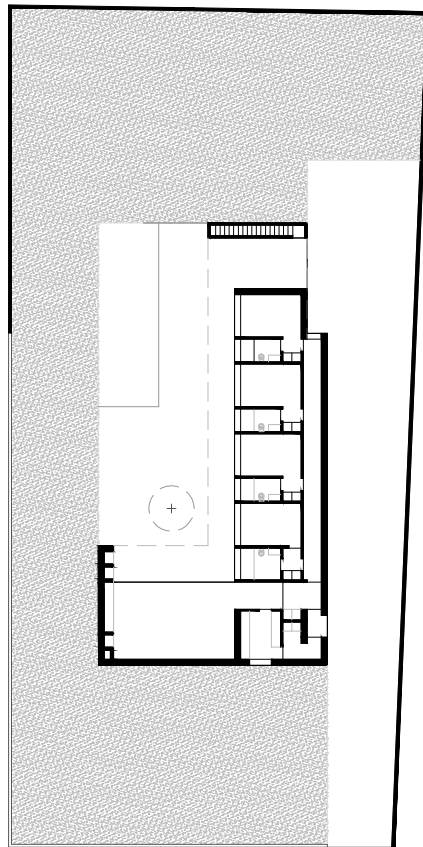
5º Momento



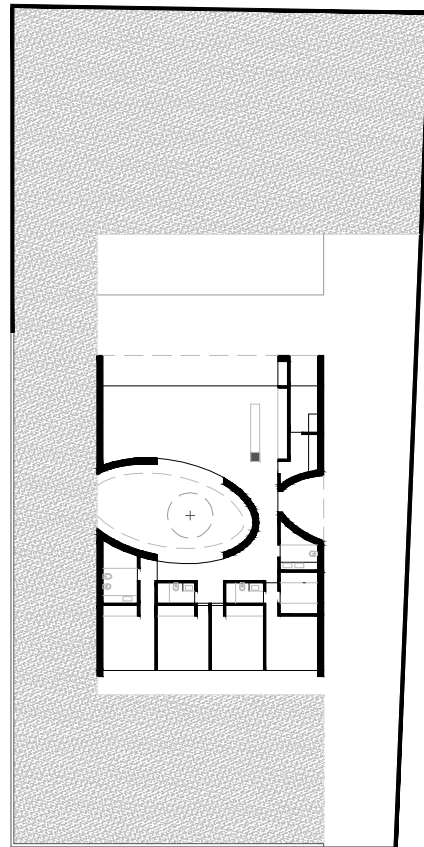
6º Momento



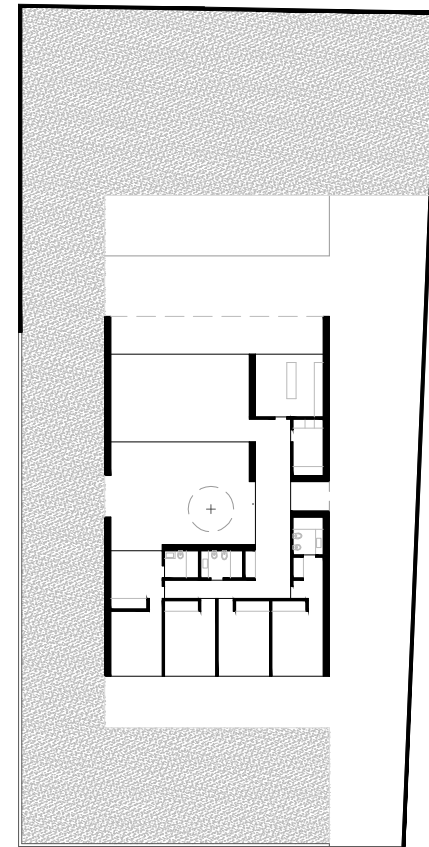
Esc. 1.500



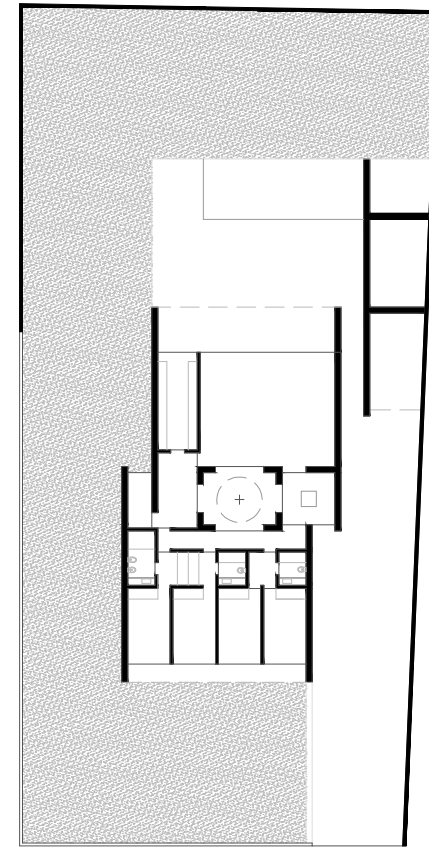
Esc. 1.500



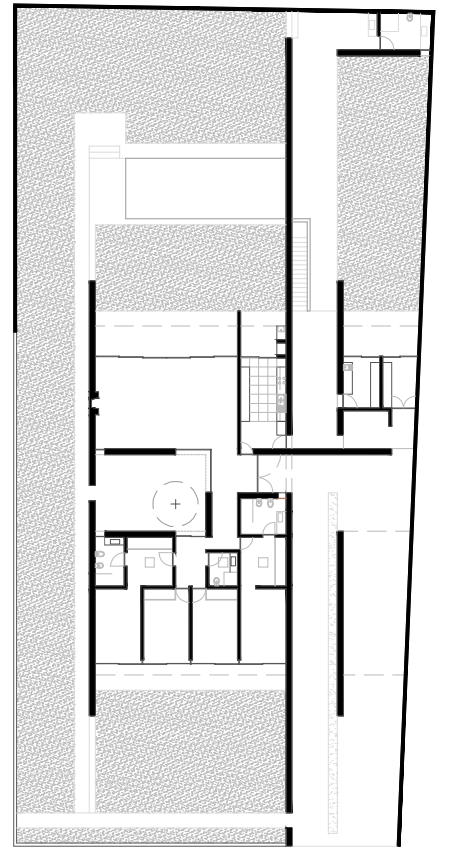
Esc. 1.500



Esc. 1.500



Esc. 1.500



Esc. 1.500

Notas

115

1. ZUMTHOR, Peter. **Pensar a Arquitetura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009. p. 21.
2. PALLASMAA, Juhani – **Habitar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016. ISBN 978-84-252-2923-7. p. 16.
3. FERNANDES, José Manuel – **Arquitectura no algarve**: dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese. Edições Afrontamento, 2005. ISBN 972-36-0805-7. p. 17
4. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 244.
5. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 246.
6. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 247.
7. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 265.
8. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 291.
9. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 288.
10. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 284.
11. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 311.
12. AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 296.
13. MURO, Carles – Álvaro Siza: Escritos. 1ª ed. Barcelona: U.P.C., 1994. ISBN 84-7653-479-5. p. 12.
14. KATZENSTEIN, Ernesto – **Louis I. Khan**: Forma y diseño. Buenos Aires: Nueva Visión, 1965. p. 11.
15. MURO, Carles – Álvaro Siza: Escritos. 1ª ed. Barcelona: U.P.C., 1994. ISBN 84-7653-479-5. p. 13.
16. PALLASMAA, Juhani – **Habitar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016. ISBN 978-84-252-2923-7. p. 21.
17. PALLASMAA, Juhani – **Habitar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016. ISBN 978-84-252-2923-7. p. 23.
18. LEJEUNE, Jean-François – **Modern Architecture And The Mediterranean**, Taylor & Francis e-Library, 2009. ISBN 0-203-87190-1 Master e-book. p. 1.

19. CHEMOLLO, Alexandra – **Fotografia de las obras de Siza, Souto de Moura y Távora** (versão reduzida). Madrid: Circulo de Bellas Artes, 2006. p. 26.
20. SCHOENAUER, Norbert – **6.000 años de hábitat**. Barcelona: Gustavo Gili, 1984. p. 222.
21. SCHOENAUER, Norbert – **6.000 años de hábitat**. Barcelona: Gustavo Gili, 1984. p. 227.
22. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Implúvio> [consult. 04 Ago. 2016]
23. VIEIRA, Álvaro Siza – Imaginar a evidência. Lisboa: Edições 70, 2000. ISBN 972-44-1033-1. p. 127.
24. TRIGUEIROS, Luiz – **Eduardo Souto Moura**. Lisboa: Blau, 1996. ISBN 972-8311-05-2. p. 16.
25. TRIGUEIROS, Luiz – **EduarWdo Souto Moura**. Lisboa: Blau, 1996. ISBN 972-8311-05-2. p. 14.
26. <http://www.citador.pt/poemas/cerca-de-grandes-muros-quem-te-sonhas-fernando-pessoa> [consult. 14 Ago. 2016]
27. VIEIRA, Álvaro Siza – **01 textos**. Porto: Civilização ed., 2009. ISBN 978-972-26-2923-2. p. 317.

Créditos de imagens

Nota: Todas as imagens são originais, de autor, à exceção das referenciadas

117

Fig. 1. Fotografia dos clientes junto do poço e respetivo engenho na casa de férias existente na Galé, 1986

Fig. 2. Fotografia de mim com a minha irmã junto do tanque onde se acumulava a água retirada do poço, 1995

Fig. 3. Fresco de um túmulo lucaniano (século IV a.C.) representativo da vida junto ao mediterrâneo

Braudel, Fernand. **La Méditerranée**. Paris: A.M.G., 1977-1978. p. 135.

Fig. 4. Mapa das divisões geográficas no sul do país, adaptado de

AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 247.

Fig. 5. Casa típica algarvia em Tunes, silves

AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2, p. 291.

Fig. 6. Ortofotomapas da aproximação ao local de intervenção

Imagens obtidas a partir do software Google Earth Pro. [consult. 17 Out. 2015]

Fig. 7. Excerto do Plano Diretor Municipal de Albufeira

Fig. 8. Planta de condicionantes

Realizada a partir de informações do Plano Diretor Municipal de Albufeira

Fig. 9. Pintura de Edward Hopper, *Room by the sea*, 1951

<http://www.edwardhopper.net/rooms-by-the-sea.jsp> [consult. 26 Jun 2016]

Fig. 10. Primeiro registo no caderno

Fig. 11. Um limoeiro

<http://www.diyit.co.nz/how-to-plant-citrus-trees-in-your-garden-2/> [consult. 18 Mai 2016]

Fig. 12. Pátio da *Casa Ena de Silva*, Geoffrey Bawa

<http://www.archdaily.com/770481/spotlight-geoffrey-bawa> [consult. 8 Nov. 2015]

118 **Fig. 13.** Algumas das referências mais relevantes nesta fase

1. *Casa Alves Santos*, Álvaro Siza

<http://casaalvessantos.blogspot.pt/2012/06/casa-alves-santos-alvaro-siza-vieira.html>
[consult. 8 Nov. 2015]

2. *Casa experimental de Muuratsalo*, Alvar aalto

<http://the189.com/architecture/look-at-alvar-aaltos-muuratsalo-experimental-house/>
[consult. 8 Nov. 2015]

3. *Casa Alves Costa*, Álvaro Siza

<http://casaalvescosta.blogspot.pt/> [consult. 8 Nov. 2015]

4. *Casa Ena de Silva*, Geoffrey Bawa

<http://www.archdaily.com/460721/remembering-bawa> [consult. 8 Nov. 2015]

5. *Casas em Fredensborg*, Jorn Utzon,

<http://arquiscopio.com/archivo/2013/04/15/urbanizacion-en-fredensborg/?lang=pt>
[consult. 8 Nov. 2015]

6. *Casa Tomé Rbeiro*, Álvaro Siza

Fotografias da minha autoria

7. *Casa Petez Zumthor* [consult. 8 Nov. 2015]

<http://www.designrulz.com/spaces-for-living/living-product-design/2012/03/peter-zumthors-home-studio-a-simple-beauty-camouflaged-in-the-forest/> [consult. 8 Nov. 2015]

Fig. 14. Esquisso da intenção para a implantação

Fig. 15. Estudos de implantação e volumetria

Fig. 16. Estudos da relação com a vegetação envolvente

Fig. 17. Primeira proposta de organização do programa

Fig. 18. Estudos de configuração do pátio

Fig. 19. Estudos da relação espacial do pátio com a casa

Fig. 20. Caracterização geral da proposta

Fig. 21. *Casa Noyes*, Eliot Noyes, 1955

http://www.architectmagazine.com/design/eliot-noyes-new-canaan-modernist-home-stead_o [consult. 12 Jan. 2016]

Fig. 22. Esquissos de estudos da compartimentação e relação com o pátio

Fig. 23. Esquissos sobre fotocópia do livro 6.000 anos do habitar

SCHOENAUER, Norbert – **6.000 años de hábitat**. Barcelona: Gustavo Gili, 1984. p. 223.

Fig. 24. Estudos de relações volumétricas

Fig. 25. Estudos de perspectivas da proposta

Fig. 26. Estudos de aproximação à solução final

Fig. 27. Impluvium da Casa del tramezzo

<http://www.celesteprize.com/artwork/ido:254117/> [consult. 23 Fev. 2016]

Fig. 28. Planta e corte longitudinal da proposta

Fig. 29. Maqueta da proposta e imagem 3D da zona social

Fig. 30. 1ª fase de transição da proposta

Fig. 31. 2ª fase de transição da proposta

Fig. 32. 3ª fase de transição da proposta

Fig. 33. 4ª fase de transição da proposta

Fig. 34. *Casa em Alcanena*, Eduardo Souto Moura,

<http://planconstructdo.tumblr.com/post/60236531357/onsomething-onsomething-souto-de-moura> [consult. 18 Jul. 2016]

Fig. 35. *Brick House*, Mies Van der Rohe,

<https://misfitsarchitecture.com/tag/brick-country-house/> [consult. 18 Jul. 2016]

Fig. 36. Esquema da composição estrutural

Fig. 37. Estudo da relação dos enquadramentos visuais com os planos

Fig. 38. Estudo da incorporação da garagem no projeto

Fig. 39. Esquema funcional da casa e hipótese de alçado

Fig. 40. Fotografia do poço com o engenho e a sua relação com o tanque e a vegetação

Fig. 41. Ortofotomapa da envolvente

Fig. 42. Planta de implantação

- 120 **Fig. 43.** Enquadramento do engenho a partir do pátio
- Fig. 44.** Planta do R/C
- Fig. 45.** Enquadramento com a rua e a casa existente
- Fig. 46.** Alçado frontal perspectivado
- Fig. 47.** Relação entre a área de lazer com a piscina e zona de cultivo
- Fig. 48.** Alçado do tardoze perspectivado
- Fig. 49.** Relação da entrada com o pátio
- Fig. 50.** Corte transversal pelo pátio
- Fig. 51.** Atmosfera do pátio com o limoeiro
- Fig. 52.** Corte longitudinal pelo pátio
- Fig. 53.** Percurso lateral
- Fig. 54.** Alçado sul
- Fig. 55.** Zona de lazer
- Fig. 56.** Corte longitudinal pelo estacionamento automóvel e lavanderia
- Fig. 57.** Relação do átrio dos quartos com o pátio
- Fig. 58.** Corte transversal pelas claraboias
- Fig. 59.** Relação da sala com o pátio
- Fig. 60.** Corte transversal pela sala e cozinha
- Fig. 61.** Alçado parcial Esc. 1:20
- Fig. 62.** Alçado Nascente
- Fig. 63.** Alçado Poente
- Fig. 64.** Alçado Sul
- Fig. 65.** Secção Norte
- Fig. 66.** Planta de piso
- Fig. 67.** Corte construtivo longitudinal
- Fig. 68.** Corte construtivo transversal

Referências bibliográficas

AFONSO, João de [et al] – **Arquitetura Popular em Portugal**. 4ª ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos Portugueses, 2004. ISBN 972-97668-7-8. Vol. 2. 121

CHEMOLLO, Alexandra – **Fotografia de las obras de Siza, Souto de Moura y Távora** (versão reduzida). Madrid: Circulo de Bellas Artes, 2006.

FERNANDES, José Manuel – **Arquitectura no algarve**: dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese. Edições Afrontamento, 2005. ISBN 972-36-0805-7.

KATZENSTEIN, Ernesto – **Louis I. Khan**: Forma y diseño. Buenos Aires: Nueva Visión, 1965.

LEJEUNE, Jean-François – **Modern Architecture And The Mediterranean**, Taylor & Francis e-Library, 2009. ISBN 0-203-87190-1 Master e-book.

MURO, Carles – Álvaro Siza: Escritos. 1ª ed. Barcelona: U.P.C., 1994. ISBN 84-7653-479-5.

PALLASMAA, Juhani – **Habitar**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2016. ISBN 978-84-252-2923-7.

SCHOENAUER, Norbert – **6.000 años de hábitat**. Barcelona: Gustavo Gili, 1984.

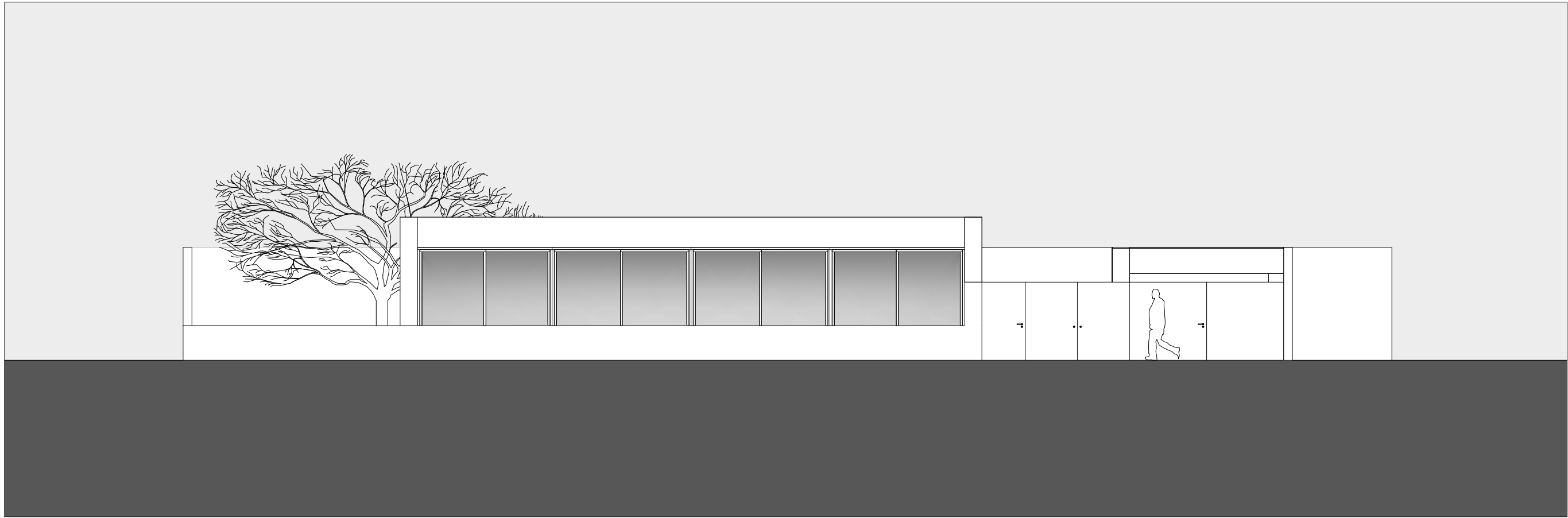
TRIGUEIROS, Luiz – **Eduardo Souto Moura**. Lisboa: Blau, 1996. ISBN 972-8311-05-2.

VIEIRA, Álvaro Siza – **01 textos**. Porto: Civilização ed., 2009. ISBN 978-972-26-2923-2.

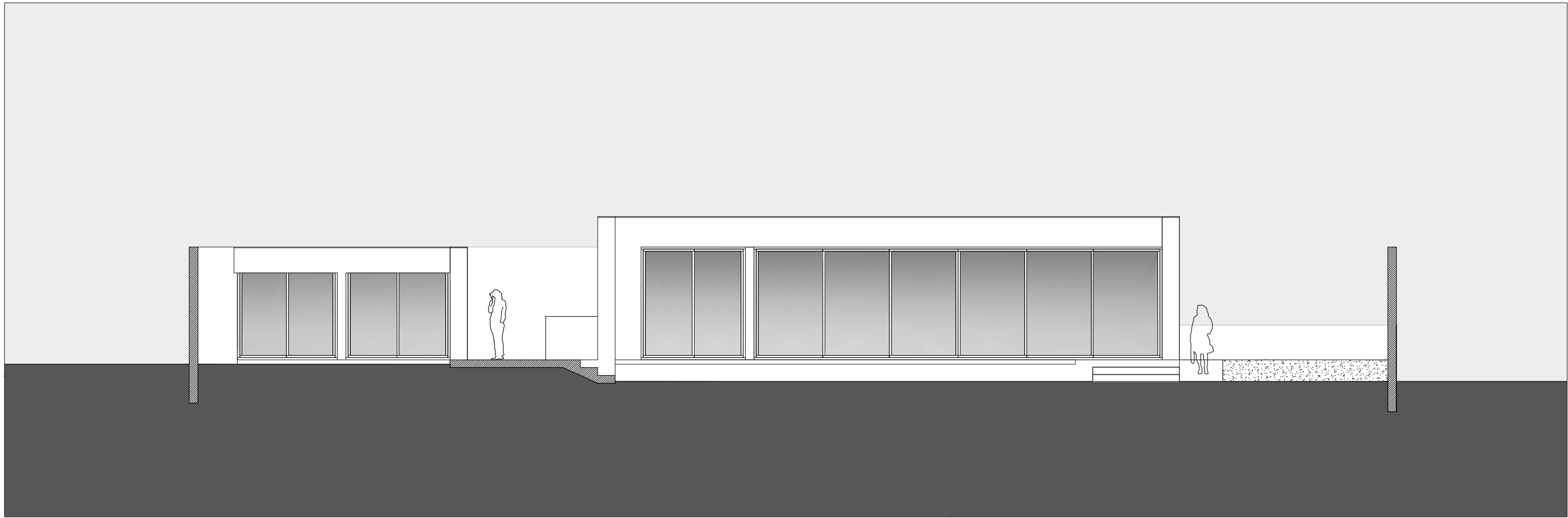
VIEIRA, Álvaro Siza – **Imaginar a evidência**. Lisboa: Edições 70, 2000. ISBN 972-44-1033-1.

ZUMTHOR, Peter. **Pensar a Arquitetura**. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

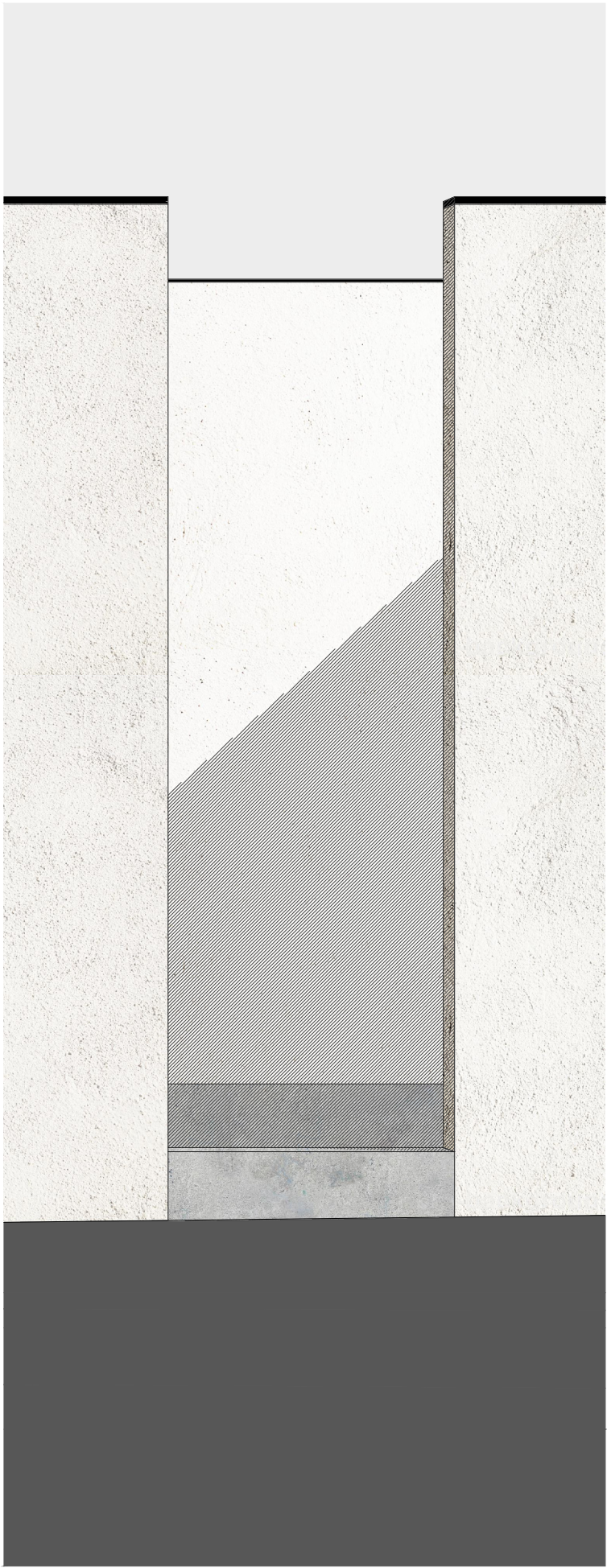
Anexos - Projeto



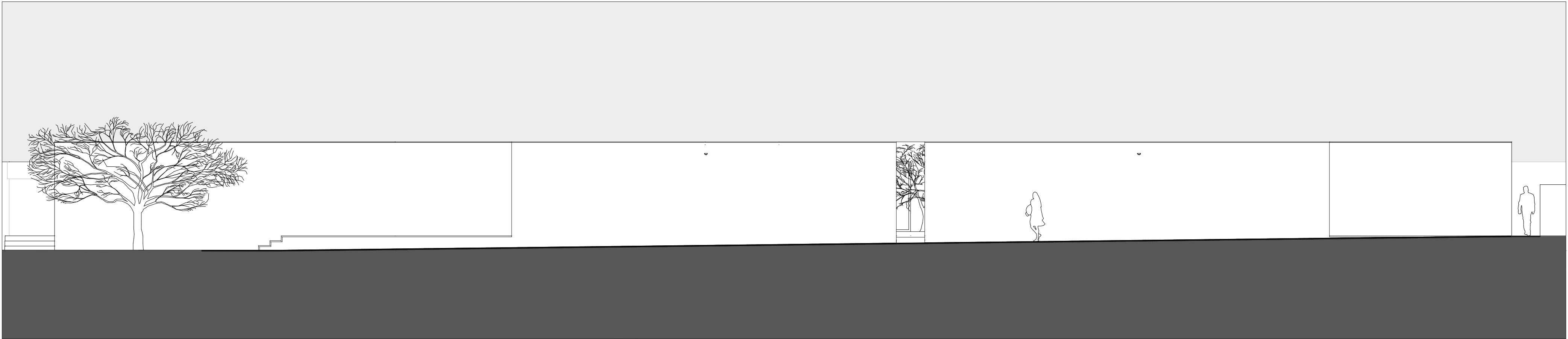
Alçado Nascente Esc. 1:100



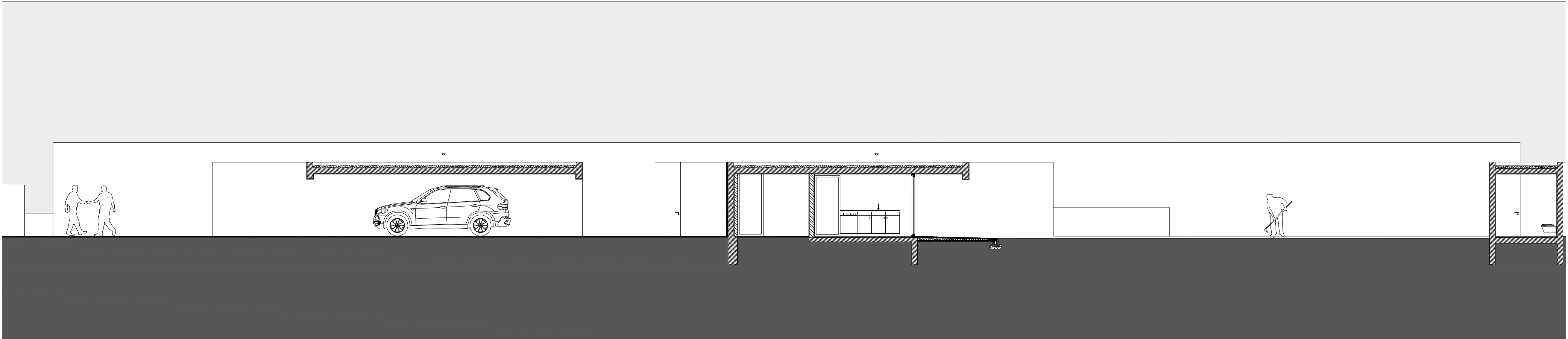
Alçado Poente Esc. 100



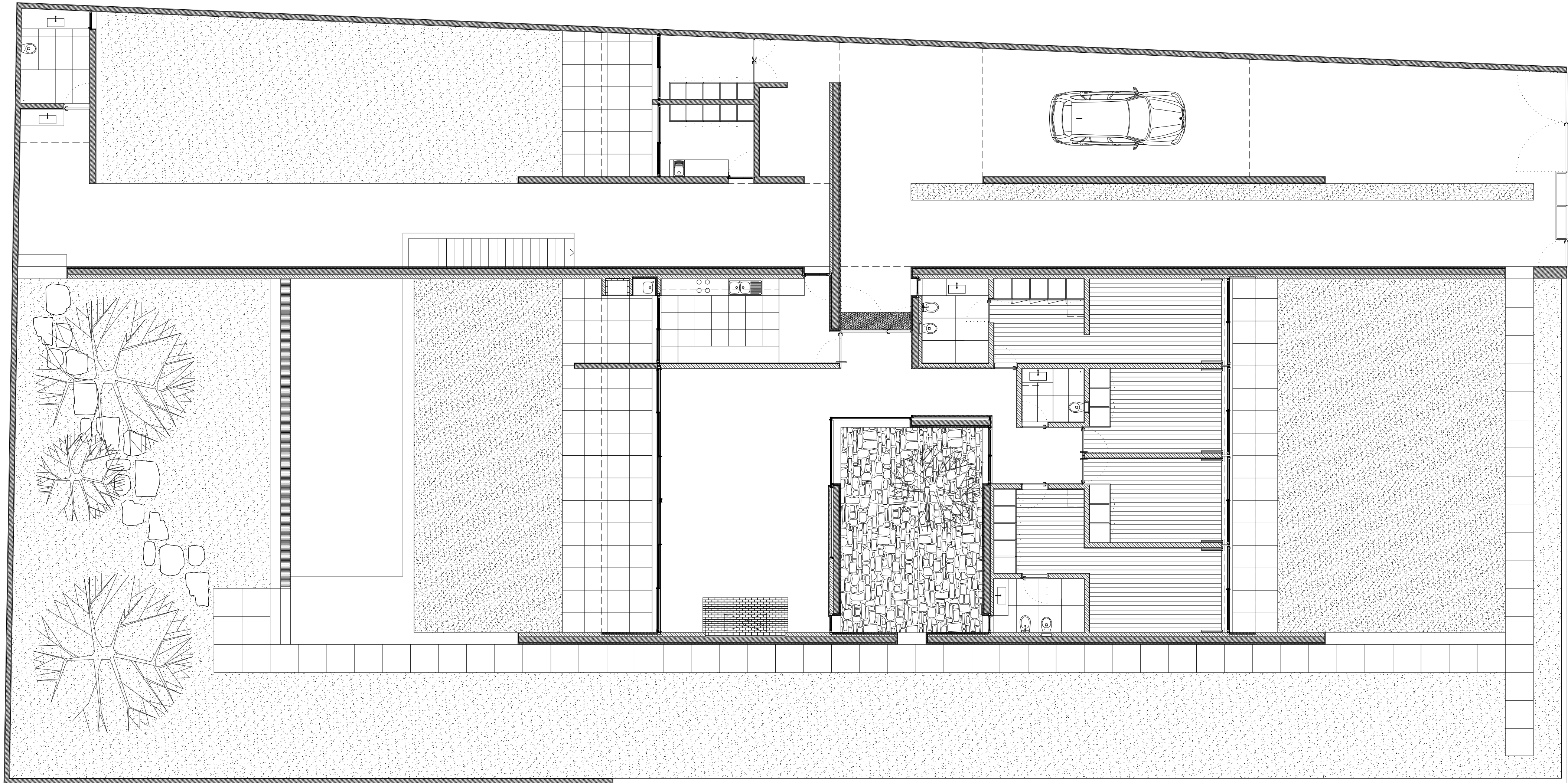
Alçado parcial Sul Esc. 1:20

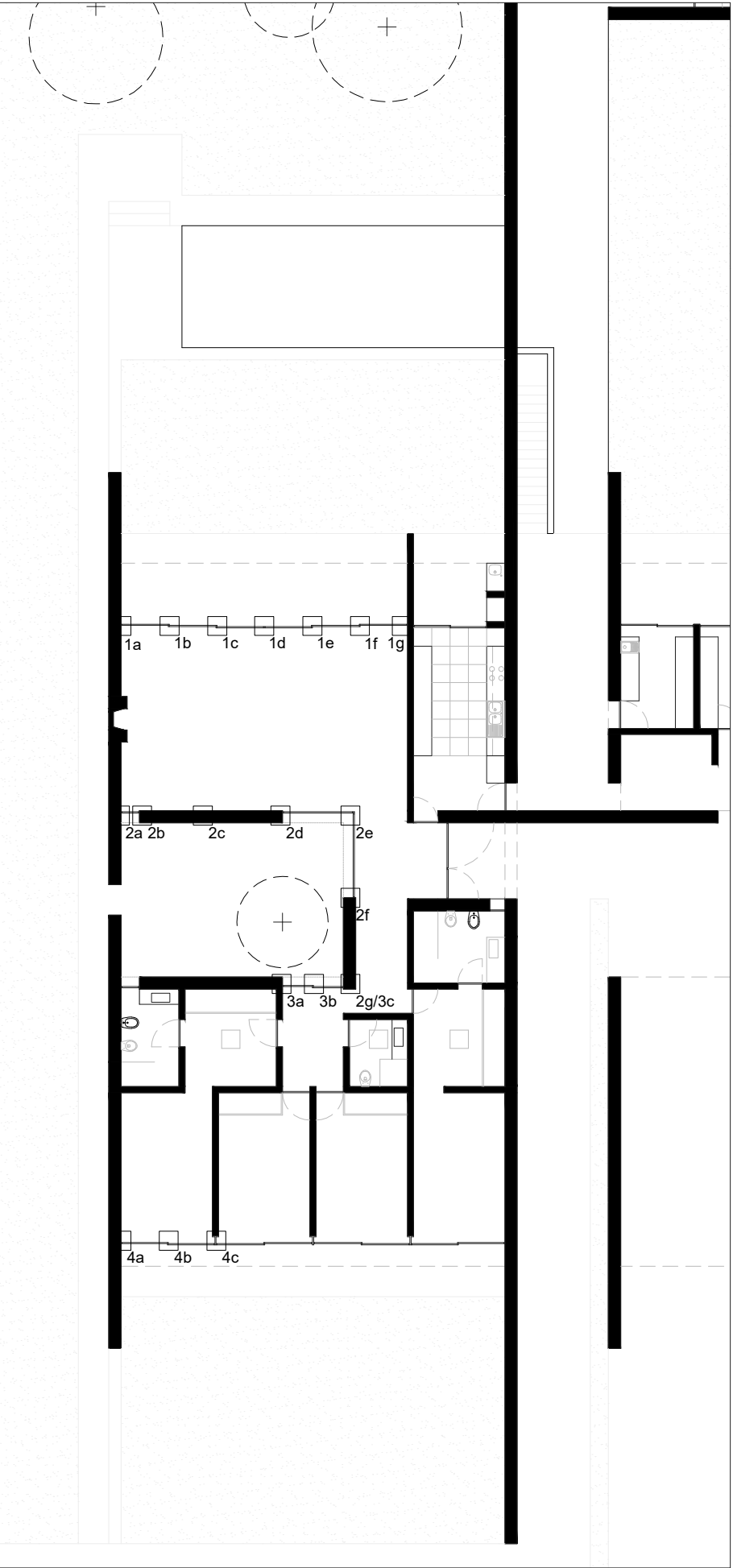


Alçado Sul Esc. 1:100

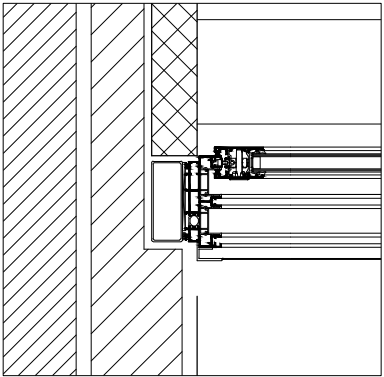


Corte Alçado Norte Esc. 1:100

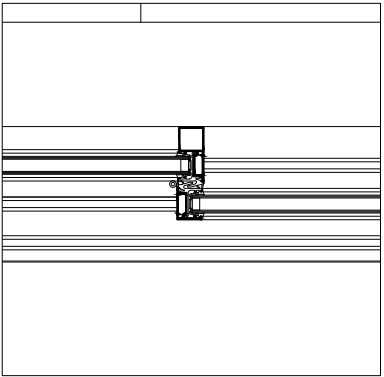




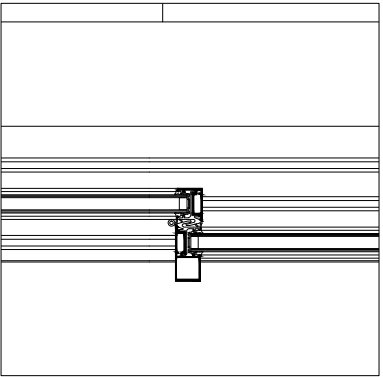
Planta de piso Esc. 1.200



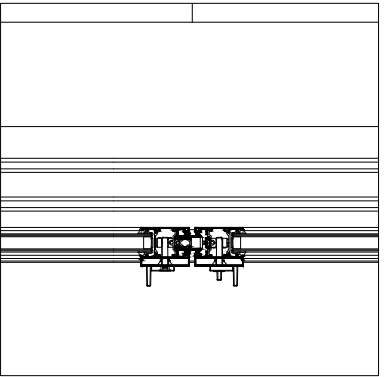
1a



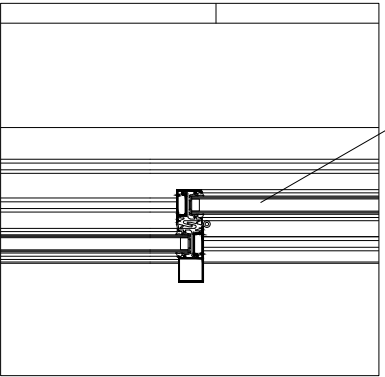
1b



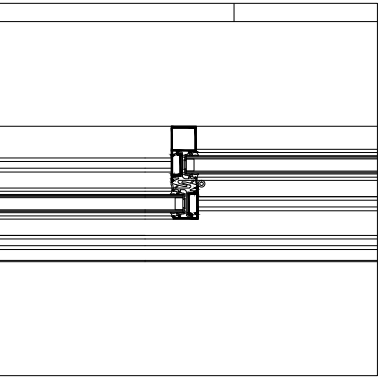
1c



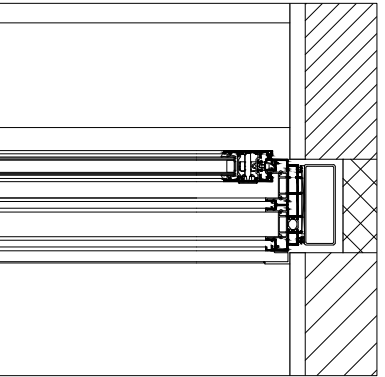
1d



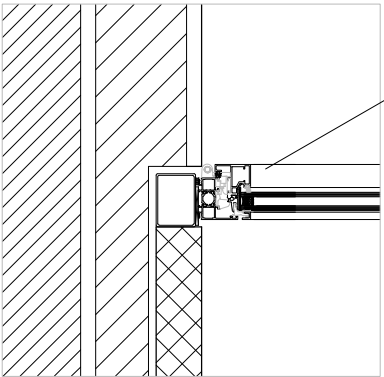
1e



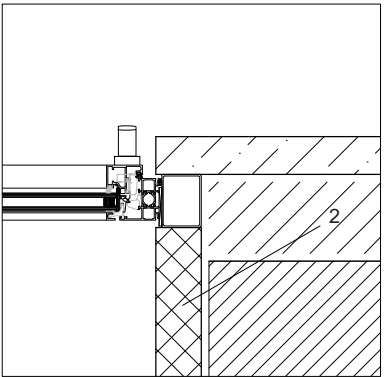
1f



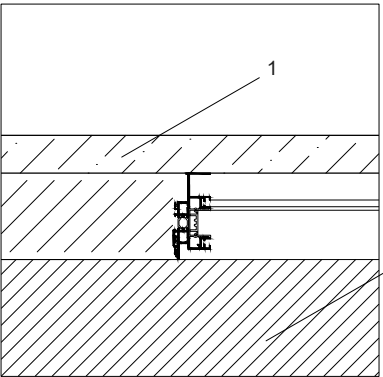
1g



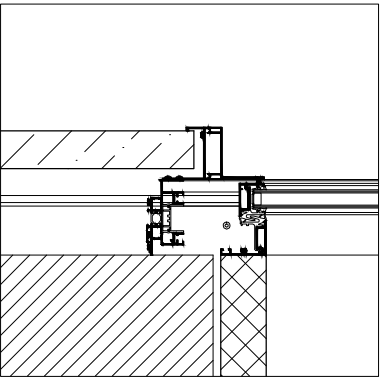
2a



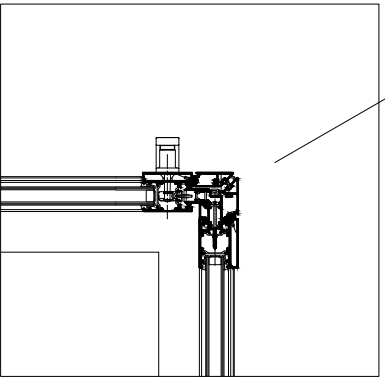
2b



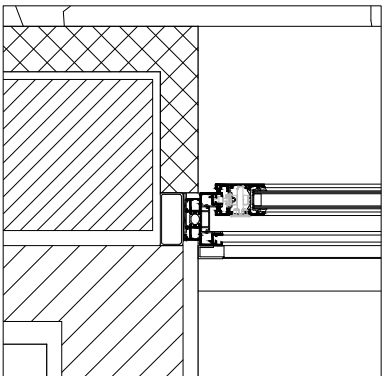
2c



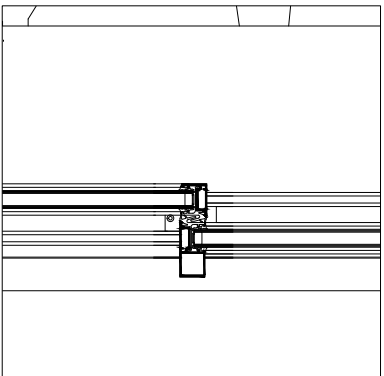
2d



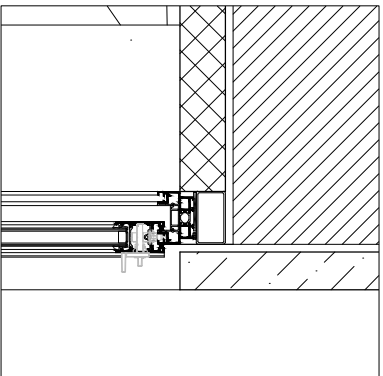
2e



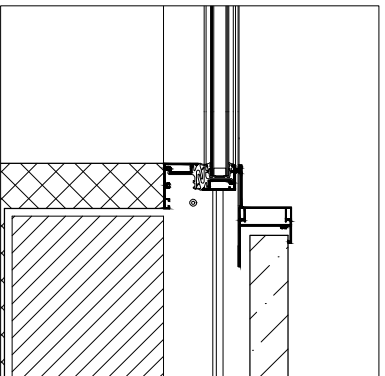
3a



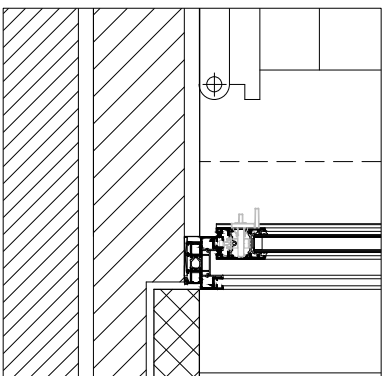
3b



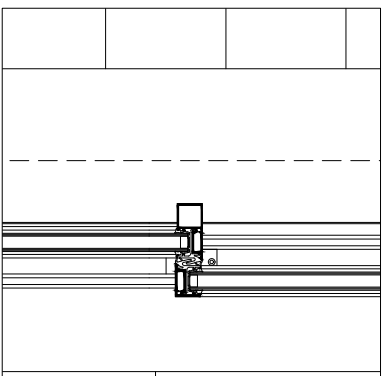
3c



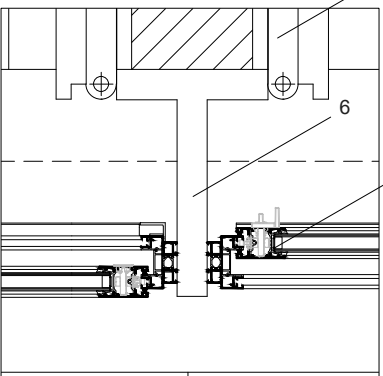
2f



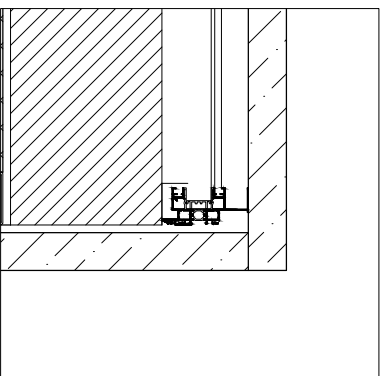
4a



4b



4c

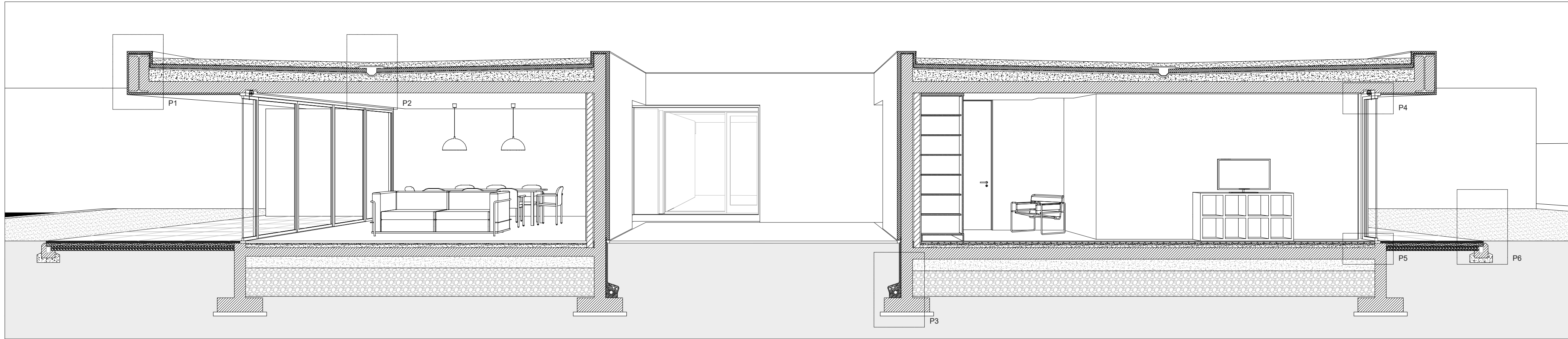


2g

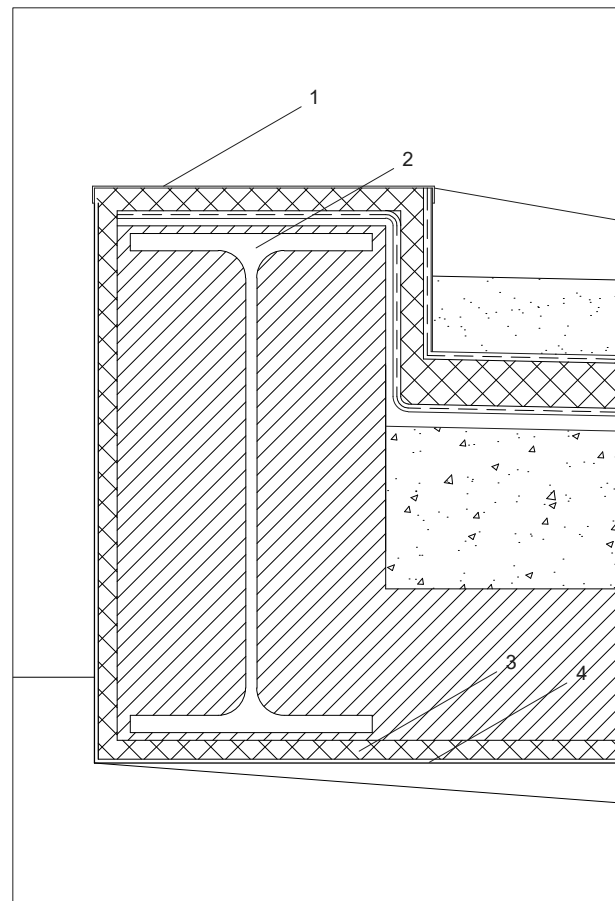
Mapa de vãos Esc. 1:10

Legenda:

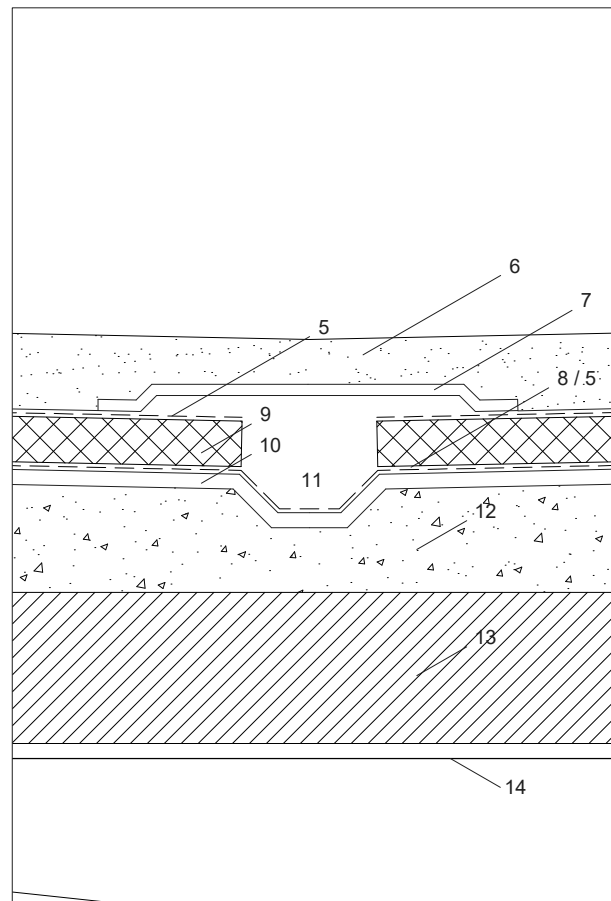
1. Paineis de madeira
2. Wallmate 7 cm esp.
3. Parede portante em betão armado
4. Reboco pintado de branco
5. Portadas de madeira interiores
6. Junção de caixilhos em alumínio
7. Parede de tijolo
8. Caixa Technal da série Soleal GY de ângulo reentrante Galandage
9. Caixa Technal da série Soleal GY de 6 folhas tri-rail
10. Caixa Technal da série FY Minimal basculante
11. Caixa Technal da série GY de 2 folhas



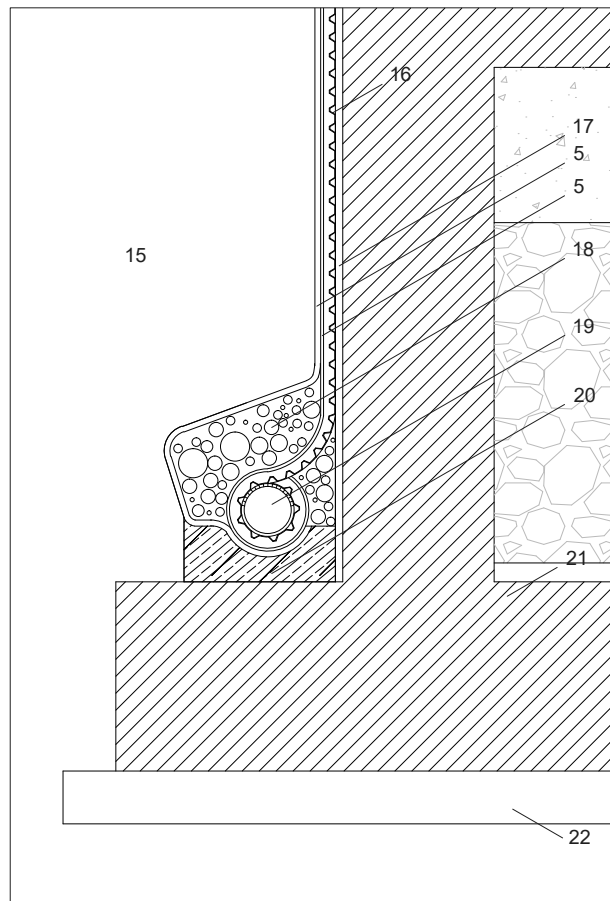
Corte Longitudinal Esc. 1.50



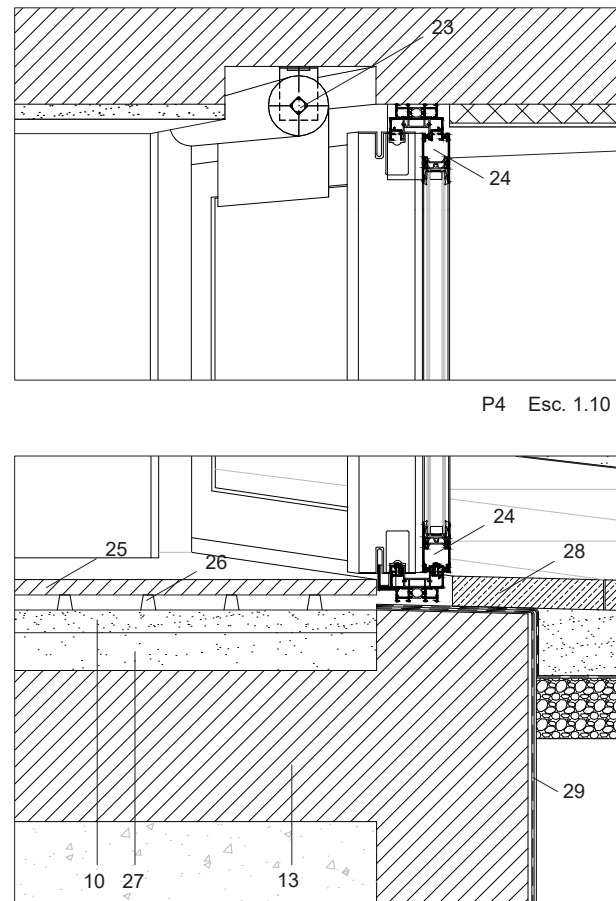
P1 Esc. 1.10



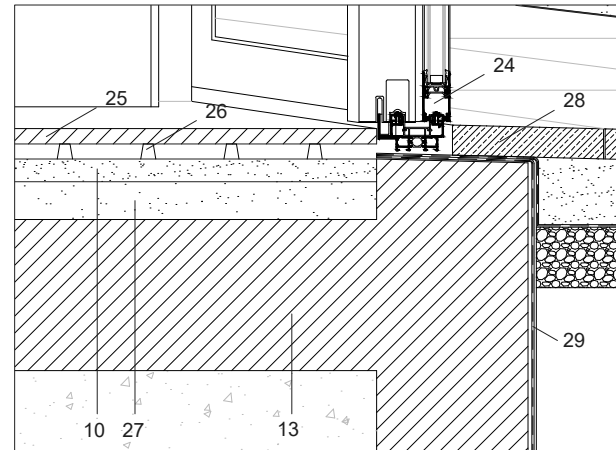
P2 Esc. 1.10



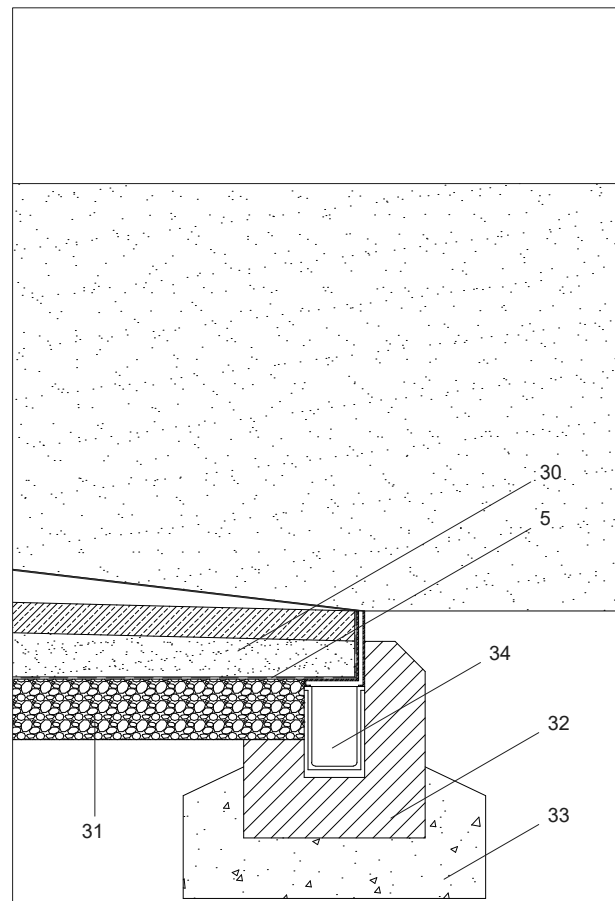
P3 Esc. 1.10



P4 Esc. 1.10

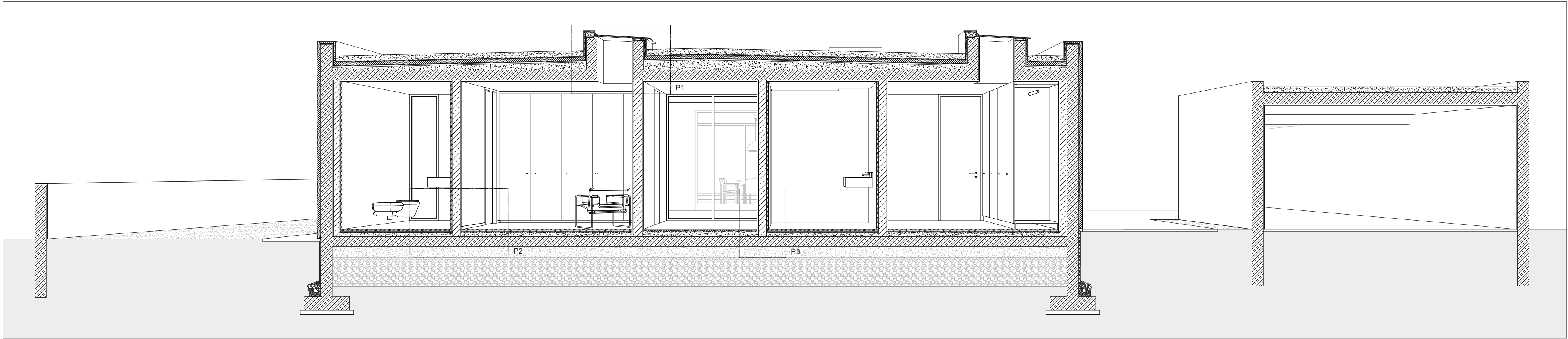


P5 Esc. 1.10

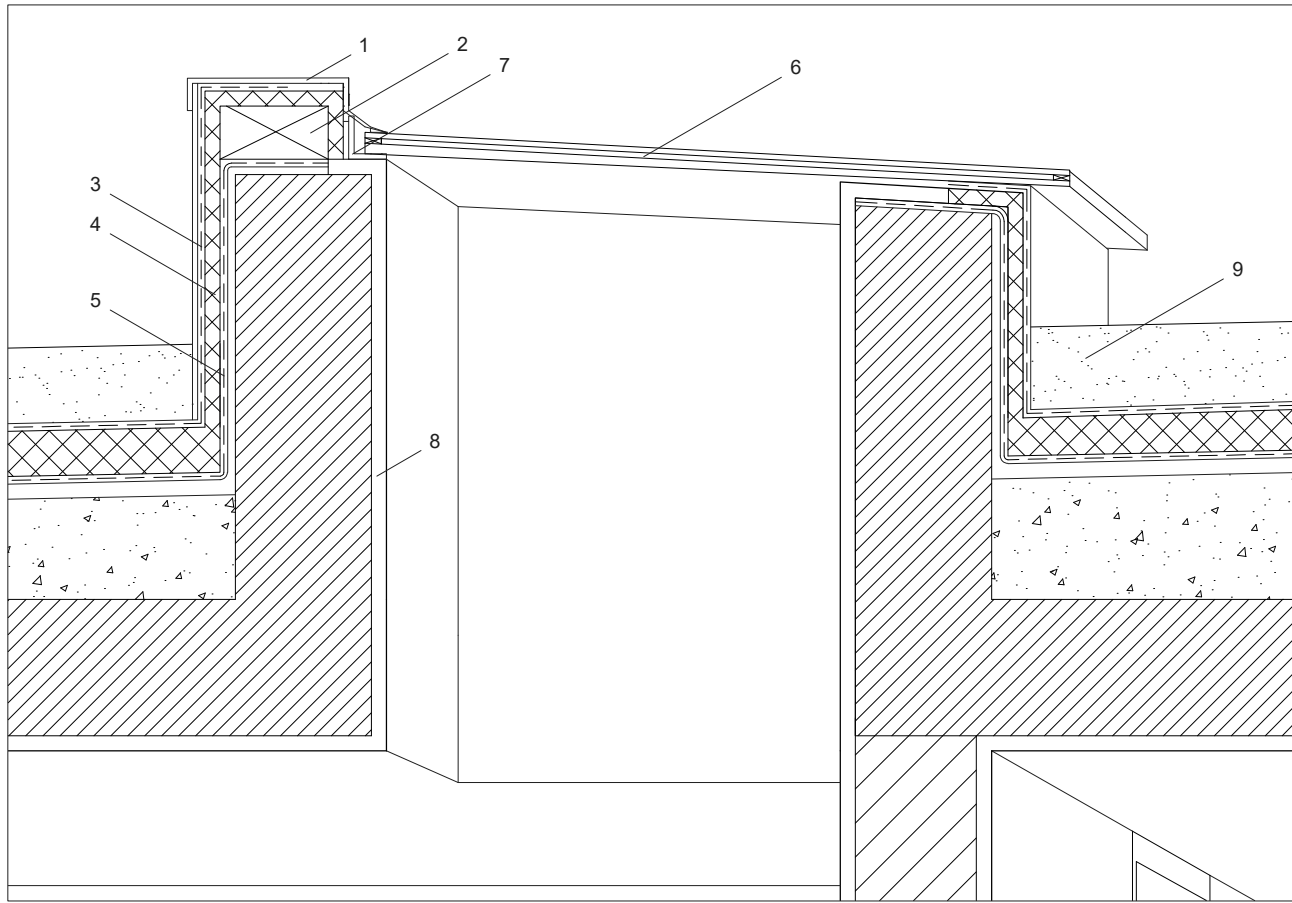


P6 Esc. 1.10

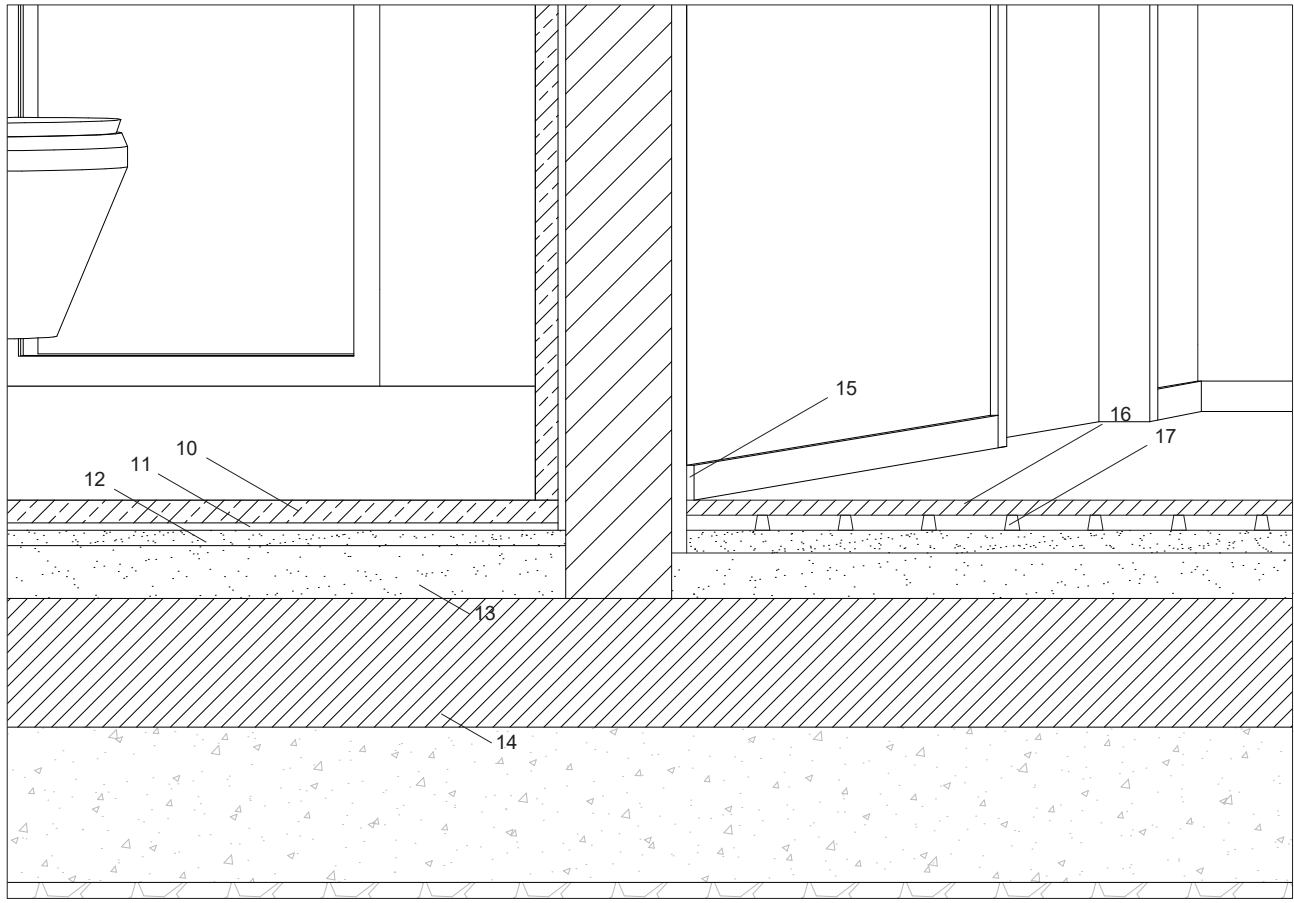
- Legenda:**
1. Rufo em zinco
 2. Viga metálica perfil IPE
 3. Isolamento sistema Capotto da Viero
 4. Reboco armado
 5. Geotêxtil
 6. Godo 5 cm esp. mínima
 7. Sistema Enkadrain
 8. Tela Sikaplan
 9. Roofmate 6 cm esp.
 10. Betonilha de regularização
 11. Cadeira
 12. Camada de forma (betão leve)
 13. Laje em betão armado
 14. Reboco estucado
 15. Terra vegetal
 16. Esteira drenante
 17. Tela de impermeabilização imperialum
 18. Cascalho
 19. Geodreno
 20. Betão para pendente
 21. Fundação
 22. Betão de limpeza
 23. Rolo persiana
 24. Caixa Technal da série Soleal GY Janela 2 folhas
 25. Soalho
 26. Ripado
 27. Camada de enchimento
 28. Lajeta de betão simples
 29. Telas asfálticas
 30. Almofada de areia e gravilha
 31. Tout-venant
 32. Pré-fabricado de betão
 33. Sapata de betão
 34. Cadeira Excêntrica



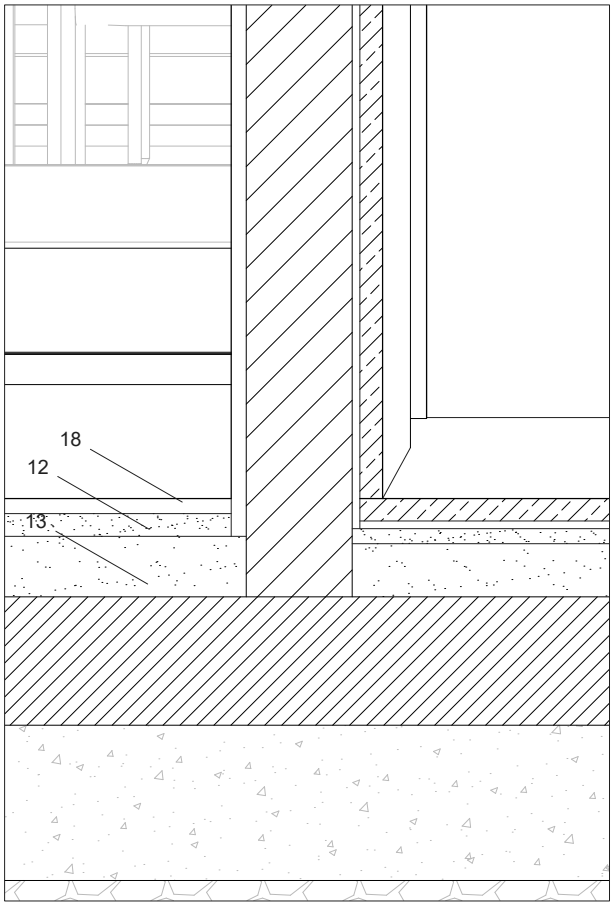
Corte Transversal Esc. 1:50



P1 Esc. 1:10



P2 Esc. 1:10



P3 Esc. 1:10

- Legenda:**
- 1. Rufo em zinco
 - 2. Calço de madeira
 - 3. Geotêxtil
 - 4. Roofmate 3 cm esp.
 - 5. Tela Sikaplan
 - 6. Vidro duplo
 - 7. Cantoneira em Aço Inóx.
 - 8. Reboco Estanhado
 - 9. Godô 5 cm esp. mínima
 - 10. Pedra mármore
 - 11. Cimento cola
 - 12. Regularização
 - 13. Camada de enchimento
 - 14. Laje de betão armado
 - 15. Rodapé
 - 16. Soalho
 - 17. Ripado
 - 18. Autonivelante